SILVA PINTO

# ENTRE NÓS

1907 – 1908

1908

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
*Rua Augusta, 44 a 54*

LISBOA

# ENTRE NÓS

SILVA PINTO

# ENTRE NÓS

1907

1908

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
*Rua Augusta, 44 a 54*
LISBOA

Ao Excellentissimo

# Conde de Fontalva

(Alfredo Anjos)

«Procurei o conhecido, e achei um amigo, como usam raramente ser os irmãos...

«Déra-mo a Providencia. Os infelizes todos teem uma. Deus sonda os corações; dóe-se dos que expiam culpas suas; e desce até elles, na imagem de um homem, quando todos os abandonam.»

Camillo Castello Branco.

«MEMORIAS DO CARCERE»

Silva Pinto.

# 1907

---

*4 de janeiro.*—Falava-me ha pouco uma testemunha do *caso*, dizendo me que hontem, no theatro de S. Carlos foi alvo de uma ovação a familia real.

Alvo e victima, pelos modos.

O publico de S. Carlos é, ou pretende ser *especial:* um tanto aristocratico, apesar de lá ir o Baptista de Setubal, mais o meu padeiro, Castanheira de Moura, — sem cabaz. Em similhantes condições, esse publico presta-se, *como nenhum outro*, a applaudir o que lhe parece *real.* E', pois, uma festa em familia — mais uma, — o que me descreve o tal meu informador. Não tenho nada com isso.

Nem eu, nem os outros contribuintes, que não frequentam S. Carlos.

Eu ia apostar em como o sr. D. Carlos, pois

que não é tolo, devia lembrar-se hontem de uma ovação que ha uns tres annos lhe fez no Campo Pequeno o povo que enchia a praça: mais de 10.000 pessoas. Foi a proposito de umas afirmações liberaes do sr. D. Carlos. O rei deu o dito por não dito, e o povo — *egualmente*. Nunca mais o sr. D. Carlos ouvirá applausos como aquelles.

Nunca mais!

Agora, os Gomes Nettos, os Baptistas de Setubal, os manes do *sr. Ricardo*, e coisa assim. Estou que o sr. D. Carlos distingue, pois que não é tolo — como *elles*.

*

Do *Popular*:

«O Principe Real deu hontem a nota do dia, encorporando-se, como alferes de lanceiros 2, no seu regimento e servindo de porta-estandarte. O seu garbo e acentuada elegancia causaram a melhor impressão em quantos assistiram ao desfile do cortejo real, desde as Necessidades ao largo das Côrtes e depois, no regresso, desde o edificio do parlamento ao palacio real.

«O Senhor D. Luiz Filippe foi muito saudado pelo povo, que se descobria respeitosamente á sua passagem».

... O rapazote, como diz o outro, tambem, pelos modos, não é tolo. Deve perceber — que pretendem *entrar-lhe em casa*. Eu lembro-me de um caso historico.

E' aquillo de Napoleão III, ao principiar a triste campanha de 70, escrever, ou telegraphar á mulher:

— «O Luiz apanhou uma bala, do chão, durante o combate.»

O Luiz era o principe imperial. Não chegou a succeder no throno. Foi, depois da queda vergonhosissima dos Bonapartes, apanhar balas para os Zulus — e d'elles apanhou *o final*. Pobre rapazote!

Só Deus é grande — dizem os Turcos.

E as Turcas.

*Amen*!

---

*7 de janeiro*. — Esta é do orgão do sr. Burnay:

. . . . . . . . . . .

«Um contrabandista.—E' um nunca acabar! Todos os dias os jornaes relatam casos de contrabando e de multas impostas, mas parece que os contrabandistas germinam na pacata Lisboa como os cogumelos nos campos.

«Hontem de madrugada, o policia de serviço na praça Vasco da Gama suspeitou de um individuo embrulhado num gabão, e que não deu explicações satisfatorias do seu passeio matutino, por tal sitio.

«Conduzido á esquadra, disse chamar-se Carlos Amaral; e, sendo apalpado, encontrou-se uma bexiga cheia de alcool, que pretendia passar aos direitos.»

...Como bello mólho de piadas *ao da Fava* e a mil e um *manifestantes* em favor do *endireita*, é inexcedivel; mas eu fico-me a scismar, mais uma vez,—que este mundo é de quem mais apanha

E não ha *volta*, rapazes,—a não ser *completa!*

*

Leio que o governo tencionava proceder a uma *rusga* policial, no dia da manifestação do Terreiro do Paço, afim, de apurar-se que entre os republicanos — se estes lá fossem — havia desordeiros de profissão.

Não foram lá: ficou em duvidas.

Pois ha coisa que não offerece duvidas: é que a maioria dos *outros* era *Baptista de Setubal* — e basta!

*

Parece que no parlamento vamos ter *obra* — com a lei de imprensa e com a reforma da camara dos pares. O telegrapho informará.

Os *endireitas* andam *de lado*, como os caranguejos.

Miseros crustaceos!

---

*10 de janeiro.* — Está visto que eu disse um desacerto, quando lhes affirmei que teriamos

*obra* no parlamento, a proposito da lei de imprensa e da reforma da camara dos pares. Não! Não teremos tal. Será tudo votado — e adiante!

Só é culpado quem reduziu o paiz ás condições moraes e intellectuaes de supportar tudo isto — *e o resto.*

Tão certo vae tudo nas calhas — que é impossivel que o preto não seja branco. E' para atirar ao *Kagaçal*, e a outros cachorros de Ramalde, este pensamento vélhote, mas profundo.

E andando!

A respeito da lei da imprensa, sempre lhes direi — que ha 40 annos digo eu n'ella quanto me apraz, sem tropeçar nas tricas judiciaes, — *senão qnando quero, para dar colorido ao quadro.* Mas não tem duvida: o que eu vejo bem claro é que uma pessoa póde *dizer no tribunal*, como réu, o que lhe seria vedado *nas gazetas*... Deve ser bonito. Creio que me entendem.

*

Diz um orador na camara dos deputados, atacando o tal projecto ignobil e maluco:

— «Assim como só é poeta quem nasceu poeta, só é liberal quem liberal nasceu.»
Diz bem. E' o caso dos invertidos a falarem de amor e de lyrismo. Está direito.

*

Do *Seculo:*

«Nos ultimos dias subiu em Lisboa o preço da carne de porco, passando de 400 réis, por que se vendia, a 440 o kilogramma.
«O chispe, que era a 320, vende-se agora a 340 e n'alguns estabelecimentos a 360: a cabeça, que era a 240, passou a ter o preço de 280 e o toucinho subiu de 320 a 400 réis.
«Este consideravel augmento mais vem aggravar o já exaggerado custo das subsistencias na capital e tornar conseguintemente mais precaria a situação das classes pobres.»

... Pondéro que os pobres de Lisboa já não comem carne de porco. Mas oiçam o *Popular:*

«Vae tudo caminhando para uma situação im-

possivel. Pão e carne carissimos, hortaliças pela hora da morte, assucar por preço exorbitante, e o resto na proporção. O que vale ainda é o peixe. Mas com isso mesmo os patriotas berradores hão de acabar. Está escripto. .»

... Se o *homem das carnes* falasse... Mas está escripto que Lisboa *os ature* e *os engorde.*

*

Ha porém algo que nos deve consolar a todos: são estas noticias da noite:

«Sua Magestade El-Rei passeou hoje de manhã de automovel, antes do almoço.»

«El-Rei passeou hoje, de carruagem, na Avenida.»

«El-Rei e a Rainha assistem hoje ao espectaculo de S. Carlos.

... Coitadinhos! Vão d'este mundo consoladinhos!

*Chiça, Zé!*

*11 de Janeiro.*—Tive hoje de ir á Bibliotheca Nacional, desejando e não esperando ali encontrar, para consulta, *As origens da França contemporanea*, de Taine. O empregado a quem eu pedi a obra mostrou-se véxado, ao apresentar-me trabalhos *d'outros* tempos, do grande critico: taes como *Ensaios de Critica e de Historia, Notas sobre a Inglaterra*, etc.

E como eu lhe perguntasse—se não pensavam em adquirir livros modernos, á maneira que se vão publicando, disse-me:

—«Não temos dinheiro para coisa alguma!»

... E' que se vae todo no arranjo da *casa de jantar*.

(Eu já extranhei tanta vez ouvir: —*Chiça!)*

*

Diz-me o Rabilhas — que os rotativos apoiam o *endireita* em todas as questões que possam interessal-os quando elles forem governo.

Emquanto não baldeiam o *endireita*.

Dado, porém, que o *endireita* não seja um imbecil, -- percebendo elle que o paiz está em *80*

*a 90 %* e o rei *a vêr quem é mais forte,* — baldeará os rotativos, fechando o parlamento, acabando com os velhos politicos — e governando em dictadura. Até pode metter os rotativos em Rilhafoles, ou na Penitenciaria.

E quem lhe péga ? Nada de illusões !

Se eu ainda me divertisse...

*

Parece que ha epidemia de typhos em Lisboa, por causa do excesso de *porcaria.*

E' biscata da Providencia. Effectivamente, as *porcarias* augmentam.

A proposito : não ha terra com mais fiscaes e menos fiscalisada. E' a lixarada nas escadas, nos saguões e nas ruas, é a adulteração dos generos alimenticios, é o grande diabo !

Benzo-me quando no Porto vejo perseguidos *os do leite.* Aqui, roubam á vontade esses estercorarios — de chapeu á Mazzantini e fundilhos rotos !

*15 de janeiro.* — Perguntava Camillo Castello Branco a um levita, seu adversario em polemica:

— «Poderei, *sem offensa,* chamar-lhe tolo, padre José Maria ?!»

Pergunto eu :

Em vigor a lei de imprensa, poderei, *sem crime*, falar do *assassino Moreira d'Alhos Vedros* — impune para deshonra do poder judicial e gloria do *poder de familia ?*

E poderei, livremente, referir-me aos *4:0680$00* réis do de Monsão ?

Mais á via larga de *um* e ao susto do *outro ?*

Mais á lei — ignobil e maluca ?!

Mais aos *seus defensores ?*

Vou compilar euphemismos.

Vae ser *obra.*

*

Do snr. Teixeira de Souza, na camara dos pares, sobre a lei *patusca* de contabilidade :

«Fala nos artigos 12.º e 13.º, que não permitem aos membros do parlamento apresentarem,

. . . . . . . . . . .

durante a discussão do orçamento, propostas que envolvam augmento de despezas. No entender do orador, é um absurdo. Mas o governo póde alargar, a seu bel-prazer, as despezas fixadas no orçamento! Isto é, o governo tem essa liberdade; e as camaras, que são quem fixa essas despezas, não têm autorisação para as augmentar ou diminuir!»

E o deputado *Nogueira* a pedir augmento de vencimento para os ministros (merecem-n'o!), afim de provar a iniciativa do parlamento.

E o Creador sem desmanchar a creação!

*

Expulso do Brazil, por decreto presidencial, Urbino de Freitas.

Honra ao Brazil!

Ignominia aos que festejaram e aos que acolheram o monstro!

Para sempre maldito!

---

*16 de janeiro.* — Lendo isto no *Mundo*, da vespera:

«Ha quem acredite que, na camara alta, o snr. José Luciano vae pôr embaraços sérios a que se vote a lei de imprensa. Ingenuidade... N'isto, como no resto, o snr. José Luciano pensa como os seus collegas. *E' preciso tratar com decencia aquelle snr. ladrão!* dizia Sampaio, indicando o fim do projecto dos Cabraes! *E' preciso tratar com decencia aquelle snr. ladrão*, pensam a sério os que em Portugal teem sido presidentes do conselho, ou que pensam em sêl-o com a monarquia.

«Não haja ilusões. Ninguem as deve ter. O projecto que está a receber a sancção da camara dos deputados é, pela sua iniciativa, do governo actual, que teve o impudor de o apresentar e fazer votar. Mas, pelo interesse, é dos tres grupos rotativos — porque é da monarquia. A obra indigna que esse ramo está fazendo é a continuação do que os outros dois fizeram, com opressões, censura prévia, e o resto»

A proposito:

. . . . . . . . .

A um politico, escriptor distincto e elevado caracter pessoal, perguntava eu, ha annos :

— «Qual é a ideia que se deve fazer do *cidadão portuguez* José Luciano de Castro ?»

—« Com todos os seus defeitos de homem e de politico, *é um liberal ás direitas.*»

Isto me garantiu o interrogado, então progressista e mais tarde regenerador e ministro com o snr. Hintze.

Foi a proposito do que diz *Mundo.*

Mas, vê-se...

*

O *leader* do partido progressista declarou na camara dos deputados — que votava o projeto da imprensa, para não crear difficuldades ao governo.

Está certo. Mas, como heide eu *sair de dificuldades* — deixando de chamar *assassino* ao grande patife *Moreira de Alhos Vedros* — e deixando de chamar *ladrões* aos bandalhos do leite adulterado ? !

. . . . . . . . . . .

*

Raras vezes me acontece estar de acordo, como estou agora, com certo orador parlamentar, que diz assim:

«Elle, orador, tem uma opinião especial ácerca de congressos scientificos. Parece-lhe que n'essas reuniões ha festas a mais e sciencia a menos. Pela sua parte, convidado a tomar parte n'um d'esses congressos, recusou se absolutamente, porque o seu estomago deteriorado e o seu fisico um tanto combalido não se prestavam a banquetes e a danças...»

... Tem razão. Ainda ha pouco vi realisar-se uma visita de congressistas a um estabelecimento do Estado. Appareceram quatro *sabios* estrangeiros e quarenta indigenas sem saber, — que atacaram uns comes e bebes que lá havia, — e descaradamente uns parvajolas não convidados, que até levaram para a familia!

Causou nojo. Em regra é assim a *festa scientifica*.

*17 de janeiro.* — Ha realmente uma infinidade de sujeitos a quem devéras caustíca a publicidade nas gazetas. Não confundamos, porém, esses individuos com uns *mortos pelo silencio* — que teem *vivido* pelos favores, algo relaxados, da imprensa, e que á ultima hora dizem :

— «Quanto mais elles me matam, mais me sinto vivo !»

E' mentira.

Bufam, trémulos de raiva.

São os literatos e os politicos que se arranjaram na vidinha, á custa do elogio mendigado.

São os *bolas.*

Muitos, muitissimos ha que eu sempre considerei *mortos.*

Para os não citar nunca.

*Nunca !*

*

No *Diario de Noticias*, de hoje :

«Pelourinho do Fundão».

. . . E' no Terreiro do Paço.

*

Registram as *Novidades* que o sr. Mello e Souza, na camara dos pares, atacou o engenheiro Fernando de Souza, beatifico secretario da administração dos caminhos de ferro do Estado, — o qual Fernandinho não tem logar n'aquella camara.

E' incorrecto; mas é bem feito. E' expiação dos peccados de *via larga*.

*

Um homem de Lamego deu ao hospital D. Luiz, n'aquella cidade, umas peças de pano crú. Vae d'ahi, um concidadão do *benemerito* publica no *Diario de Noticias* umas cem linhas, em que diz, sobre o facto:

«São tantos e tão avultados os actos de benemerencia que tão prestante cidadão tem dispensado á pobresa, e que por certo continuará a dispensar, atenta a sua natural caridade, que não podemos deixar de levantar bem alto o seu nome, como protector dos indigentes e o primeiro

benemerito das instituições de caridade d'esta terra.»

E' de mau amigo — estar a pôr em fóco os dotes do modesto bemfeitor. E é capaz o noticiarista de lhe arranjar o habito da Conceição. Safa!

Por isso, eu não dou panno crú.

– –

*18 de janeiro.* — Estava eu, uma noite, no café Tavares, haverá um anno. Jantava. Tendo bebido meia garrafa de Collares, mandei vir outra meia. E então, um sujeito, sentado a tres ou quatro passos — sujeito grave e desconhecido — disse-me:

— «Não será muito vinho, sr. Silva Pinto! ?»

Fiquei perplexo, aterrado e immovel, até que *elle* saíu. Nunca mais o vi.

Hoje digo eu:

— «Não serão festas demais, ó *tu que fumas!?*»

*

Do *Mundo*:

«Na camara dos deputados deve ter hoje 2.ª

leitura o projecto de lei do dr. Affonso Costa, estabelecendo a pensão á mãe de Oliveira Barros. A camara já foi cruel e deshumana não reconhecendo a urgencia d'esse projecto que era indiscutivel. Veremos agora como ella procede e se, por outras fórmas, votou ao abandono a pobre creatura que perdeu o seu unico amparo no operario que foi morto pela força publica.»

... Já se vê que não quer saber de desgraças. Votar a pensão implicaria reconhecer que o operario foi *assassinado*, quando está claro que elle *se suicidou*.

E o que lá vae — lá vae. Vamos para as festas, — que o Carnaval avisinha-se.

Sinistra mixordia!

*

Um correspondente de Cintra, para a imprensa de Lisboa:

«No largo da Rainha D. Amelia abriu hoje o novo talho e salchicharia Cunha, estabelecimen-

to modelo no seu genero, que rivalisa com o que ha de mais *chic* na capital.

Aos seus proprietarios os nossos parabens.»

... Mais os meus. E' de crêr que o correspondente seja um freguez dos *chispes* e da *rabadilha*; vê-se que tem dedo para collocar classificações. Aquillo, mais o *rabo de boi* é — *chic.*

Eu já vi, n'uma loja de Lisboa, á porta: — *Chic!!!*

Lá dentro vendia-se bispotes.

— —

*20 de janeiro.* — Dialogo em toda a linha:

— Então, aquillo dos vinhos?...

— E' o Douro desgraçado, e os do Sul com umas 300 mil pipas — *para lá metterem no Porto* — e o governo a fazer o jogo dos *Josés Marias dos Santos!*

... Justamente, diz *O Liberal*:

«A questão do Douro azéda-se. Lá pelo norte já ha rebates de alarme. Já os do Douro perce-

beram que os querem illudir. Está tudo estragado.

«Nos armazens dos comerciantes de vinhos do Porto estão arroladas 200·000 pipas de vinho... do Porto. A exportação pela barra é de 40 mil pipas por anno. Ha *stock* para 5 annos.

«Quer dizer: escusam os vinicultores do Douro, durante estes 5 annos, de contar com o mercado accusado *na sua barra*. As 200.000 pipas, que estão *garantidas* e já compradas... ao sul, dão para o comercio de 5 annos proximos. Olhem que bonita espectativa!

«E as 300.000, pipas que ainda hão de ir do sul, tiram todas as esperanças aos do norte. Parece que elles já compreenderam a situação».

... Pois sim, mas já não ha Portuguezes — senão para serem comidos!

*

No *Popular*. Tomem nota:

«Já temos mais informações ácerca do patrio-

tico compromisso, que a lavoura tomará, de não remetter gado para Hespanha, mesmo que ahi o preço seja mais elevado. A lavoura cumprirá as suas promessas com toda a galhardia, não enviando directamente o gado para Hespanha, mas vendel-o-á a intermediarios, que *naturalmente* não lhe indicarão o que tencionam fazer ao gado. E assim, sem faltar ao combinado, arranjará a vidinha... á custa do consumidor!

«Se não, veremos, se a *coisa* fôr avante».

Em *9 thermidor*, quando se travou lucta entre a Convenção e Robespierre, dizia Tallien:

— «Muito custa a derribar um tyranno!»

Entre nós, mais custa a tirar o osso a um *fornecedor!*

Dentuça tão apertada — só a do meu padeiro: irra!

Mais uma vez, um estudante espancou um professor, á saida do Lyceu.

Dizia o grande João de Deus, pondo os olhos em alvo, ao ouvir casos d'estes:

— «Deus lá sabe».
Justo!

*

Os *touros de morte* são combatidos em quasi toda a imprensa. Bem hajam os que combatem o *plano.* Só por abuso de estupidez, ou da pinga, se pede similhante infame porcaria!

*22 de janeiro.* — Vejo impresso que na festa militar de domingo. emquanto o rei costuma falar com o do governo, a rainha falava com o da opposição. E o jornal que publica o arranjo comenta: — «E' para todos andarem contentes.»
O Douro esfaimado e a caminho de ser esmagado, em homenagem e rico proveito dos *Josés Marias dos Santos*, dirá do seu contentamento.
No entanto, tome *nota*...
Em vez de *sopas!*

*

Continua em aberto a hipothese de uma situa-

ção Julio de Vilhena. O snr. Hintze apoia; os *cú ligados* tremem.

Os *80 a 90* % coçam-se.

*

Lembrando-se de que entrámos no Carnaval, o snr. Beirão, com o seu todo de velho *chéché* da politica nacional, brandiu, na camara dos pares, o facalhão por honra da Moralidade no governo.

De morrer a rir! E já sabem da alegre figura do *chéché*. Um puro! Se vae a ministro da justiça, era uma vez o *assassino Moreira d'Alhos Vedros!*

*

Vem ahi visitar parentes o rei de Saxe. Hão-de estar lembrados do caso negro, de que foi victima esse monarcha, ha annos, sendo principe real. A serenissima croia sua mulher, Luiza de tal, atraiçoou o marido e manchou os filhos, amigando-se, por fim com *o outro* — um pinta-monos Manoel Giron.

Expulsa da côrte e da Saxonia, a croia ainda encontrou *partidarios* que, muito sensibilisados, choravam a porcalhona e censuravam o marido!

Hão-de estar lembrados.

*25 de janeiro.*—Pois que *tudo* se preocupa nos vinhos, irá hoje a tal historia do leite. E' um calmante sobre a excitação.

Devo dizer-lhes que, para não abrir excepção á regra, tambem eu, soffrendo, ha já muitas horas, as internaes dôres de um dente cariado — e firme como uma rocha, — tenho bochechado com vinagre, com elixir de timol, com vinho *do Porto* — e finalmente com leite.

E o maldito a nada se move!

Cá vou lançando estas dôres no meu *credito*, para quando me pedir contas o Juiz supremo.

*

Em 1876 (ha já 30 annos!) era eu hospede, no Porto, de um santo homem conhecido por *Miguel das Caixinhas*. Morava elle na rua de Cimo

de Villa e occupava-se em fazer caixinhas, estojos para ourives. Creio que veio a morrer no terrivel incendio do Baquet. Ha já 15 annos!

Participaram-me um dia outros hospedes — que tinhamos por companheiro o *Rosalino Candido de Sampaio e Brito.* Eu nunca vira o philosopho — como o classificavam. Agradou-me a noticia; e ao recolher-me, já noite, fui informado de que o Rosalino occupava um quarto contiguo ao meu e que era um excellente visinho: isto é, muito socegado.

E tão socegado era que, tendo eu o somno leve, como todos os homens de trabalhosa e amarga vida, não dei pela entrada de Rosalino; e, tendo eu acordado por volta das 4 horas da manhã, vi subitamente illuminar-se o quarto d'elle e fui tentado a ir vêl-o — pelo buraco da fechadura.

Vi-o. Estava sentado na cama e parecia reflectir. A meu turno scismei: — Que terá este magico que parafusar ás 4 horas da manhã?

.... ......

*

N'isto, eis que o Rosalino se debruça por cima da cama, até alcançar o colete — que estava dependurado nos ferros do leito. Despeja uma algibeira na palma da mão — e conta uns dinheiros.

Ergue-se, rapido e subtil; veste-se; põe o chapeu, ao espelho; cofia o bigode e a pêra, e sae, bamboleando-se.

A's 4 horas da manhã!

Fui-me deitar e resmunguei, ao pegar no somno:

— «Devasso!»

*

Dez horas da manhã. Estamos á mesa do almoço. Converso com o Rosalino, sobre banalidades, e de repente digo-lhe:

— «Que foi v. fazer ás 4 horas da manhã, depois de contar os fundos?

— «Fui a Paranhos, esperar as leiteiras e comprar leite — antes que ellas entrem na cidade.

— ?!

— «Sim : antes que mijem nas bilhas !»
. . . Foi ha 30 annos.

— — —

*30 de janeiro.* — Eu bem lhes disse que o projecto dos vinhos seria votado, sem delongas e sem que as pedras da rua se inccommodassem. Eu já não creio em pedras causticantes — senão nas da bexiga.

Votou-se, e Deus nos livre de que á votação se ponha o *restabelecimento da forca!* Falo sério. Caso era que os chefes politicos o julgassem conveniente—por honra da Liberdade, como dizia o pandorga dos «Lazaristas». E não se mexeriam as pedras : já se não usa.

*

Leio o discurso do deputado Affonso Costa. Lá diz, segundo uma noticia da sessão de hontem :

«Não propõe emendas, porque entende que

este projecto deve ir abaixo: porque é absolutamente inaceitavel. Que o sr. ministro das obras publicas apresente outro.

«Entende que por elle, emquanto algumas regiões são tratadas como filhos queridos, outras são tratadas como filhos espurios».

... O ministro chama-se *Reymão*. Mas oiçam os filhos espurios:

«Diz que, desde que foi posto á discussão o projecto do sr. ministro das obras publicas, a Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte e Leste não tem feito outra cousa senão enviar, de hora em hora, para Villa Nova de Gaia, pipas e pipas de vinho do sul.

«A maior parte dos proprietarios da região do Douro tem as suas casas hypothecadas, e, repete, a questão do Douro é de momento. O Douro queixa-se de que pela barra do Porto sahe vinho que não é do Porto. Outro ponto da questão a encarar é fabricar-se tambem no Douro vinho que não é do Porto.»

... Ainda bem que as pedras da rua já se não mexem. Nem as da rua, nem as da serra.

*

Continua o deputado republicano:

«Refere-se á producção de vinhos da Argelia, que hoje produz vinhos exactamente do typo do Porto.

«Como se deu esse phenomeno ali e n'outros paizes? Muito simplesmente. Um sr. Vialat, — este francez — veio por ahi abaixo, e, chegado ao Avenida Palace, depois de alguns dias de descanço, foi por essas adegas fóra, no sul e no norte, e lindamente recebido pelos nossos lavradores, foi-lhe ingenuamente explicado como se faziam os vinhos do Porto de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidades.

«Ora aqui está como os francezes produzirão, se não produzem já, vinhos do Porto.»

... E' molestia nacional: a ingenuidade.
Mas ha sujeitos que a detestam. Por exemplo:

(Diz o sr. Affonso Costa :)

«O mal do Douro é um mal a que se póde acudir de prompto sem o ligar com a crise geral.

«O sr. ministro das obras publicas cedeu ante a imposição, não dos interesses da viticultura do sul, mas de alguns produtores do sul».

São os *Josés Marias dos Santos*, de quem eu já lhes falei. Esses não caem nas ingenuidades... Pelo contrario.

O ministro chama-se *Reymão.*

*

Que está aquelle filho espurio... de boca aberta ? ?

*31 de Janeiro.* — Talvez não reparassem na questão bizantina levantada na camara dos pares pelos srs. Hintze e presidente de conselho.

Pois é divertida coisa.

Assevera o governo que os reis, etc., são

. . . . . . . . . . .

mandatarios do povo. O outro pede mais respeito pelas formulas da Carta, e que, se a Carta já não serve, seja reformada.

Para elles fazerem á reforma o mesmo que teem feito á Carta. Está entendido.

Recordo-me de em 1878 ter ouvido n'um comicio progressista, no theatro Principe Real, do Porto, um candidato por aquella cidade — Marianno de Carvalho :

— «O unico soberano é o povo !»

De morrer — a attitude do eterno intrujado !

Marianno foi eleito ; depois foi a ministro ; e o *soberano* foi bugiar.

Claro e velho !

*

Uma vez, ha uns dez annos, vi perto do Intendente, em Lisboa, esta scena :

Era domingo, á noite Regresso das *hortas*. Dois populares affirmavam direitos sociaes, e um d'elles, *illustrando o texto,* disse :

— Vês este palacete ?

— Vejo.

— Pois é nosso.

— ?!

— Vaes vêr...

Approxima-se da parede d'esse palacete, e preparava-se para um *prompto allivio,* quando o guarda portão chamou um policia, — e lá foi a pontapés e para a esquadra o visionario senhor do palacete.

*

Olhae que sois comidos, filhos espurios!

E nem sequer podeis contar com as pedras da rua, para alliança.

Estão muito safadas!

E este *nosso poema* não tem fim.

Se me convencem do contrario, salvam decerto uma alma... de morrer praguejando.

---

*4 de fevereiro.* — Na Penitenciaria de Lisboa continua-se a enlouquecer e a morrer tuberculoso, — *á chucha calada.* Um horror.

Haverá uns doze annos, visitei aquelle inferno, e confesso que *não vi.* Nem me fizeram vêr: *pelo contrario!* Depois fui olhando a distancia,

fixamente. E' preciso *denunciar* aquillo a quem governa e a quem é governado. A todos!

Ali se agonisa em especial horror de inquisição moderna: relaxada e hypocrita: singularmente infame. Mysteriosamente, sinistramente, se desapparece. E' urgente *desmascarar* tudo aquillo. Não esqueça!

*

Tem obtido o exito de uma phrase profunda aquella salsada do snr. Beirão:—«Ha coisas que nada valem, mas que prestam.»

Ha. Por exemplo: o *chéché* que o diz. Não vale nada absolutamente e presta como *documento*... vá lá *humano!*

De gravatinha vermelha, ou de batibarba, adivinha-se-lhe o facalhão e o rabicho. E ha quem o julgue habilitado a dirigir o paiz.

Que até póde cair um raio!

*

Em Setubal, um velho fidalgo acaba de matar com um tiro um creado seu.

Participando o caso ao *Seculo* diz o correspondente :

«O crime tem produzido n'esta terra enorme sensação, por o assassino ser muito conhecido e ainda não ter sido preso desde logo, como aconteceria se se tratasse de um homem do povo.»

... Mal educados estão os de Setubal ! Olhem para Alhos Vedros e para o *assassino Moreira.* Quem mexe no facinora ! E quem protesta ?

Córneo mundo !

*

Adoçando... amargurando :

Hontem á noite, um velho gallego pediu-me esmola.

Ha trinta annos, *eu* era um homem moço; *ella* aturava-me ; e *aquelle gallego* servia-nos.

Volvidos 30 annos, *a minha mocidade* sumiu-se ; *ella* morreu ; e o gallego pede esmola.

— «Parece-me d'um romance triste :» dizia-me alguem.

. . . . . . . . . . .

Como se houvesse romance tão triste como a vida real!

*

Tendo sido votado aquillo da *garantia administrativa*, fiquem sabendo os de Santa Cóca, e suburbios, que se vai dar andamento ao caso dos 4.068$000 réis, alapardado até hoje. Pois como canta? Puxem de lá, que eu puxo de cá!

*

A toda a hora surge a hypothese de uma recomposição ministerial. Os mais sisudos autores dizem, porém, que o governo se manterá como está composto, afim de não esgotar o *favor real*. E mais dizem que a dar-se recomposição teria de ser com os srs. Mello e Sousa e Luciano Monteiro e não com pelitrapos ávidos de fazer figura e que só levariam ao governo o reforço do ridiculo. Acho certo.

Tambem se fala no relator do projecto de imprensa (na camara dos deputados) para a pasta da justiça. *Parce sepultes!*

*

Vão debandar para ferias, do Carnaval, os vivos e os mortos do parlamento. *Chéchés* e tudo! Deixem-me, pois, arranjar assumpto internacional — para dois effectivos que não dispensam palestra...

A proposito, temos hypotheses bellicosas.

Batem-se, ou não se batem os Estados-Unidos e o Japão?

E' tão complexo, e tão pavoroso se antolha um tal conflicto, que não teremos guerra. Talvez *por emquanto*, — como a Inglaterra com a Allemanha. No emtanto, o orgulho dos Estados Unidos e a sua confiança na pléthora dos seus recursos parecem desafiar a petulancia e o ardor dos Japonezes.

Dizia, um dia d'estes, na Sociedade de Geographia, em S. Francisco da California, o senador Perkins, conferente:

«Os japonezes estão mais aggressivos, mais tenazes e mais decididos do que os chinezes; mas não se passará muito tempo, que nos não

vejamos obrigados a regular, de uma vez por todas, as nossas contas com elles.»

Por outro lado, o deputado Hobson declara que viu uma nota dirigida pelo Japão aos Estados Unidos, na qual o governo japonez informava o governo americano que devia ordenar a reintegração dos estudantes japonezes nas escolas de S. Francisco, ou supportar as consequencias da sua exclusão.

Esta declaração foi ridicularisada pelos funccionarios do governo de Washington, mas até aqui não teve desmentido official.

*

E, todavia, não esqueçamos que muito e com desprezo se ria a Austria da Prussia, em vesperas de Sadowa. E dos allemães se ria a França aos inicios da campanha de 70. E os russos não tomavam a sério os japonezes. Nem os proprios hespanhoes os Estados Unidos! Nem a Inglaterra o Transwaal. E viu-se...

O que não quer dizer... coisa alguma.

---

. . . . . . . . . . .

*7 de fevereiro.* — Vejo impressa a noticia de que serão substituidas as camaras municipaes por commissões administrativas remuneradas.

Talvez não seja nada; mas occorre, mais uma vez, manifestar sincero espanto — ao vêr entregues á labuta municipal — carnes, pão, gaz, viação, lixo, etc., etc. — *sem uma sombra de remuneração*, homens que sacrificam os seus negocios e o seu tempo aos interesses dos seus concidadãos!

Tóca que tóca — bate que bate, — e *gratis!* E o outro a dizer: — *chiça!*

*

Lá entrou na camara dos pares o projecto da lei de imprensa. Para ser votado, depois do Carnaval.

Está por pouco o meu regalorio de chamar *assassino* áquelle ignobil *Moreira d'Alhos Vedros*.

Depois da votação, passam a cavalheiros os facinoras todos.

Mais os *escrocs*.

. . . . . . . . . .

Mais os invertidos.

— Morro vestido!

8 *de fevereiro.* — Esta manhã, um dos membros da opinião publica — toda francacea, como é notorio — veiu ler-me o seguinte fecho de um artigo do *Liberal*:

«Não admira que a vida do ministerio vá sendo cada vez mais atribulada. O governo começa a ter sérias difficuldades em fazer votar as suas propostas. Já não encontra nas duas casas do parlamento quem queira de boa mente ser-lhe Cireneo. A proposta sobre a barra do Douro foi por agua abaixo; a da imprensa está enfurrajada; a dos sanatorios da Madeira foi chão que deu uvas; a do novo contracto com o Banco de Portugal diz o snr. Anselmo d'Andrade que morreu ao nascer e nós acreditamos.

«Mas que fica então do actual governo, que berra e grita não haver fallido?

«Fica a sua colligação com os rotativos, que os franquistas exautoraram até ao ponto de os

declararem tão perigosos que até desacreditam os que com elles se colligam.

«E' perante tal situação que todos creem que o actual governo tem os dias contados.

«E a avaliar pela ferocidade aterrorisada com que o chefe franquista olha para o snr. Julio de Vilhena, dir-se-ia que este parlamentar lhe está a apontar ao peito a lamina que o vae matar»...

— Que tal ?! brada-me o leitor.

— ?

— Cae, ou não cae ?

— Você deseja-*lhe* a quéda ?

— *Como toda a gente.*

— Pois fica.

— ?!

— O parlamento vota-lhe tudo. O rei tomou-lhe medo; e o paiz... está em *80 a 90* %. Portanto, *fica*. E haja saude e pintos !

*

Na camara dos deputados, o snr. Paçô Vieira, *leader* regenerador, referindo-se ao fallecimento

do reitor de um lyceu de Lisboa, *achou propicio o ensejo* para exaltar o saber e o caracter do padre José Maria Rodrigues, antecessor do fallecido.

*Bello ensejo* para o *leader* regenerador «prestar homenagem» aos snrs. Hintze e Abel d'Andrade! Não ha nada assim.

*

Registro com muito jubilo o facto de em Bruxellas haver triumphado a peça de D. João da Camara—*Os Velhos*. Pelo auctor, pelo nosso theatro e pelo pobre paiz.

*13 de fevereiro.*—Durante os tres dias do pagode, preoccupou-se Lisboa no seguinte caso tragico, noticiado pelas gazetas:

«Moço infiel — O sr. Arthur Pereira, dono da padaria, sita na Villa Cascaes, queixou-se ao administrador d'aquelle concelho de que o seu moço Luiz Carlos da Fonseca, se ausentára no

dia 3o de janeiro findo, não prestando contas, levando comsigo quantia superior a 60$000 réis, constando que tentava seguir viagem para o Rio de Janeiro.

«O accusado foi preso no dia 4 do corrente pela policia do porto, a bordo do vapor allemão «Bonn», quando tentava embarcar para o Brazil, sendo conduzido ao juizo d'instrucção criminal.

«Sendo interrogado pelo agente Xavier, confessou ser verdade o ter-se ausentado com a quantia de 39$000 réis e não de 60$000 réis como o queixoso diz.

«Acareado com este, a policia apurou que elle quando se ausentou só levou 23$125 réis, sendo o resto de fiados.»

... E' claro que vae esperar no Limoeiro, na enxovia, que os tribunaes lhe tomem conta dos seus crimes, o scelerado que ia fugir para o Brazil... com 23$000 réis.

E ha de gemer, agora e depois, emquanto o patrão espulga a moral violada, com gaudio dos freguezes, nos dominios do pezo e da qualidade da farinha.

Hei de montar um jornal de *desabafos*, provocando a proxima futura lei de imprensa; e hei de installar-me em *Alhos Vedros* — onde a justiça não mette o nariz. De guarda á gazeta o *assassino Moreira*.

E hão de ouvil-as.

*

Perguntam-me de Cerva e de Mondim alguns cavalheiros interessados em coisas tristes: — Se o governo fica.

Quanto é licito ao homem prevêr e prognosticar com segurança:

— Fica.

Bem sei que os desconsolo; mas não me illudo. Votar-se-ha tudo; supportar-se-ha tudo.

O *medo* e a *ignorancia* são os dois factores da docilidade.

*Elle fica.*

*

Quer saber um dos meus tres effectivos se me não succedeu coisa carnavalesca, n'estes dias de combinação patusca. Succedeu; e foi assim:

. . . . . . . . . . .

No comboio, de Caxias a Lisboa, vim eu palestrando com um desconhecido, no domingo gordo. Era elle, pelos modos, um bom ratão, que muito gosava as delicias do Entrudo. Parecia o snr. Beirão.

A certo ponto da palestra disse-me elle:

— «Concebo a indifferença e até a repugnancia pelo Carnaval dos homens que têm soffrido. Quanto ao senhor...

— A mim?

— «O senhor, que tem tido uma vida de felicidade.»

... Foi isto o que me succedeu *carnavalesco.*

---

*15 de fevereiro.* — Registro, com muita satisfação a abertura, em Lisboa, da Nova Aula de Leitura, ensino gratuito para as classes pobres; deve-se o *facto* ao sr. Alvaro de Freitas, um professor distincto, auctor de um novo methodo de leitura, de efficacia provadissima; e auxilia energicamente o sr. Freitas o estimavel industrial sr.

Justino Guedes, administrador da Companhia Nacional Editora.

Guerra ao analphabetismo; tal é o lemma abençoado.

*

Falleceu Salvador Marques e é muito grave o estado de Fernandes Costa: — dois escriptores de talento, muito laboriosos e pouco felizes. Diz o *Manuel Gonçalves* dos sanatorios da Madeira — que a *grande coisa*, em Portugal, é metter-se *de dentro*. Aquelles meus companheiros de trabalho durante 40 annos nunca se metteram *de dentro*. Só conheceram da vida—a *pessima coisa*.

N'elles penso com profunda magua.

*

... Para trazer ao peito, em escapulario:

«Posso dar-lhe a certeza de que pode jogar quanto quizer na Madeira, protegida pelos Sanatorios magicos.

«A Madeira está completamente nas nossas

unhas e se a Companhia souber comprehender a importancia de tal concessão o negocio é de «chupeta».

«Devem comprehender que neste paiz o que é necessario é pôr o pé cá dentro; e isto feito o resto tudo correrá á medida do que se deseje».

(Carta de Manuel Gonçalves, em 11 de junho de 1903, para Ernst Hoffman.)

E', por estas e outras, urgentissima a nova lei de imprensa. O *Manuel Gonçalves* o disse e tem carradas de *selecta* — como dizem no Porto os exploradores das fossas.

Está-se demorando a tal lei. D'ahi o chamarem *malandros* aos que tem *pé de dentro* e *assassino* ao Moreira d'Alhos Vedros.

Obnoxio!

*

Mal sabem quem se habilita a ministro dos estrangeiros...

Não digo: não me acreditariam.

Julgar-me-hiam trocista, mistificador...

. . . . . . . . . . .

*18 de fevereiro.* — E' resposta confidencial (modo de dizer) a uma pergunta que me dirigem uns amigos de Cerva e de Mondim:

— Se o governo cae? O *Liberal* de hontem fecha um artigo sobre estes factos: doença do Roberto Peel do Fundão, e inepcia dos seus companheiros no governo — nos seguintes termos:

«Precisa de descanço. Não pode aguentar por muito tempo o poder. E terá de o deixar, antes que o obriguem as influencias *internas* a pagar a indemnisação aos parceiros do sr. Manuel Gonçalves.

«Antes assim. Antes a morte com honra.»

. . . Lê-se isto com momentaneo gaudio. Logo depois, pensa-se que não está certo. *Elle* fica. *Morrer com honra* é facecia composta pelos cynicos. Já se cá sabe.

*

O tribunal criminal de Lisboa absolveu hontem um homem que, ultrajado na sua honra con-

jugal, por um *intimo amigo*, matou, a tiros, esse cavalheiro.

Está bem.

*

Por acclamação votou o parlamento 38 contos de réis, para receber e festejar o rei da Saxonia.

Certo é que um paiz deva, etc.

Mas, com tanta miseria, — com o paiz tão arrazado, e sendo inutil a Portugal a tal visita á regia familia, *devemos nós pagar?*

E' claro que pagaremos — *mas sem dever.*

Lance-se em conta.

*

Annuncia-se o seguinte: Assim que na camara dos pares se vote o projecto de lei relativo ao porto de Lisboa, entrarão em discussão as emendas á lei da contabilidade publica e a seguir o projecto de lei de imprensa.

*Discussão* é pandego eufemismo. Mas o respeitavel publico ainda *lhes* deve agradecer a conservação das apparencias.

Roêr — e tomar nota.

. . . . . . . . . . .

*21 de fevereiro.* — Antes de mais. São ponderações do sr. Hintze, na camara dos pares, sobre o orçamento a proposito da nova lei de contabilidade:

«Combate a unidade orçamental. E' preciso separar o que são despezas ordinarias e obrigadas, do que são despezas extraordinarias e imprevistas, em vez de fazer um amontoado de receitas e despezas, por cujas malhas as responsabilidades se podem escapar mais facilmente.»

... Não vejo meio de escaparem *mais facilmente* de que até hoje, — principalmente no que toque as *imprevistas.*

Mais, do sr. Hintze:

«Um orçamento não é só uma previsão de receitas e despezas e sobretudo um documento por onde se póde conhecer o estado financeiro do paiz. Entre nós julga-se o orçamento o diploma mais banal da nossa administração financeira. Pois em Inglaterra o verdadeiro dia financeiro

é aquelle em que o ministro da fazenda apresenta o orçamento do Estado.»

... Certo é que entre nós nunca o orçamento foi tomado a sério. Até, já um dia, um ministro dos mais sérios, me disse:

— «A respeito de orçamento, é coisa que eu, com todo o cuidado, nunca pude *trazer certo* em minha casa.»

Certissima — a observação.

*

O *Popular*, referindo-se ao *Gonçalves* da Madeira, diz:

«Sabiamos que o Gonçalves, o commendador Gonçalves, era alem de commendador authentico, agente da Companhia de Occasião e corretor de hoteis, batotas, etc.

Mas não sabiamos que o *nosso* Gonçalves, o da proposta ministerial, tinha tanta importancia. Elle é:

Agente de vinhos da Madeira e do continente.
Moageiro.
Branqueador de pannos.
Fabricante de telhas.
Representante de duas casas carvoeiras.
Dono d'um estabelecimento de carvão.
Agente de vapores.
Fornecedor d'agua.
E', como se vê, o topa-a-tudo madeirense.»

Porque metteu o *pé de dentro*. Se tirar o pé, morre. E lá se perde um modelo.

Accrescenta o *Popular*:

«Tudo tem dado resultado. Só a batota salvadora da tuberculose e os conluios com o principesco personagem allemão, é que andam enguiçados. Tenha paciencia...»

Pois sim. Conserve elle o *pé de dentro!*

*

A respeito do proximo comicio da imprensa, diz o *Popular*:

. . . . . . . . . . .

«Deve ser uma imponente manifestação, que terá ecco no parlamento. A' camara dos pares será presente a representação que fôr approvada no comicio».

.. O parlamento não recebe indicação — de fóra.

*

Em artigo sizudo:

«Ha razão para proteger a criação e a engorda dos nossos gados?»

De certo. E mais ainda para *enfraquecer* o povo.

---

*23 de fevereiro.* — Diz-me um *esperançado incorrigivel* — na queda do governo:

— Parece-me que d'esta feita, hein?

— ?!

— Não ha duvida que se estende!

— ?!

— Elle é os sanatorios; elle é os vinhos; elle

os adiantamentos ; elle é, *portanto*, a desagregação dos cú-ligados e o movimento de attenção do rei. Creio que não haverá duvidas.

— Ha.

— ?

— Veja isto. E' do *Liberal* de hontem :

«Mas o sr. Julio de Vilhena irrita por modo tão extraordinario o chefe do governo que até este chegou a dizer ao seu adversario que tem 52 annos e que ainda espera estar tanto tempo no poder... que ainda ha de ser elle que ha de nomear o governador do Banco de Portugal, d'aqui a tres annos.»

Isto seria de um ridiculo monstruoso para o Roberto Peel do Fundão, se a hypothese de vir a ser exacto o não tornasse (o tal dizer) um monstruoso ridiculo para o paiz.

— Conclusão ?

— *Fica*. A proposito, leio isto do *tal* em conferencia publica :

«Peores do que aquelles que governam mal são aquelles que se deixam mal governar.»

E' exacto. E mal parece que *ainda em cima* seja *elle* quem o diga.

*

Páro. Volto folha : é para registar o que estou ouvindo. Cautella com os aneurismas !

— O governo vae cair ; teremos uma situação Sebastião Telles — emquanto não volta o sr. Hintze. Caso de *mientras vuelve !*

Vi agora o sr. D. Carlos, na rua do Alecrim. Eu vinha da *gare* Caes do Sodré-Cascaes ; elle ia, em passeio, de trem, com o principe Hohenzollern. Quiz eu ler-lhe na physionomia hypotheses politicas. Pois sim ! Dizem-me que o *meu fraco* é o — lêr-se-me no rosto o que eu estou pensando. Naturalmente, o *seu forte* é não se lhe ler coisa alguma.

---

*24 de fevereiro.* — Crê-se que a vinda do rei da Saxonia serve de obstaculo a decisões do sr. D. Carlos. O allemão chega ahi no dia 6 de março, vae-se embora antes do meiado do mez. Festas;

coisas, e o sr. D. Carlos a observar o rumo dos acontecimentos. Se o *leão dos campos* não se deixa amansar, nem comer, até 15 de março *teremos, finalmente, obra.*

Duas ou tres semanas, — salvo se houver *precipitado.*

A vida é divertida coisa.

---

*26 de fevereiro. — A abolição do imposto de consumo* convertida em lei pede outra lei, complementar : — observancia *correcta* da abolição. Creio que estão vendo. Os lojistas não deixam de ver, mas os *80 a 90* %, como quer que muito escancarem a bôca, para admirar e rir, naturalmente fecham os olhos. E que não fechassem ! Quem não sabe é como quem não vê.

Pavorosa e réles coisa é *ignorar !*

O imposto de consumo abolido — e o falsificador de generos e do pezo a augmentar o peculio, a fazer predios, a encher-se de consideração, — e o consumidor cada vez mais pobre e mais magrizela e mais desprezado como obnoxio

*depennado.* E a lei humanitaria não terá quem a fiscalise, porque justamente para a engorda dos malandrões é que ella se fez.

E a ignorancia do povo tambem se fez para *tudo isso.*

*

Vede vós como se escreve a Historia. Vem de Lourenço Marques para o *Diario de Noticias*, de Lisboa:

«A politica, sempre preconisada por Antonio Ennes, prova-se agora, era a unica que nos convinha; e o facto de a terem abandonado é uma das causas da derrocada em que estamos lançados. No nosso paiz parece que cada um se imagina um Metternich, e cada um trata de demolir aquillo que os outros fizeram.

«Antonio Ennes, que foi um modesto, ergue-se aos pinaculos da sociedade portugueza pela força do seu merito incontestavel; mas que importa isso?

«O prurido de reformar, a ambição da celebridade atrae os ambiciosos a lançar um paiz,

novo como este, nas aventuras da sua politica.

«Os resultados são o que se está vendo.

«Freire de Andrade é da escola de Antonio Ennes, e bastantes vezes se tem apresentado como seu discipulo, como que para nos mostrar bem que procurará seguir a orientação que aquelle grande vulto deu á administração d'esta provincia.»

... O *grande vulto* era aquelle dos 50$000 réis por dia, ó povos! E devia ser enorme para abrigar toneladas de ronha, de rancor, de perfidia... Deus o tenha em paz — e dê juizo aos Plutarcos d'esse varão!

*

Ainda agora, como quer que os meus visinhos do pateo, não tivessem pão para os filhos, consolei-os lendo-lhes *visitas regias*, entre ellas uma passeiata, a Cintra, de principes que se acham em Lisboa e para festejar os quaes damos 38 contos, votados por acclamação em Côrtes. Os seguintes periodos foram muito applaudidos pelos famintos:

. . . . . . . . . . .

«Na parede fronteira á escadaria estava collocada uma grande bandeira, com as armas de D. Manuel.

«A visita ás diversas dependencias do palacio foi iniciada pela sala dos archeiros, cysnes, pegas, sala de jantar, onde estava armada a mesa para o *thea*, ricamente ornamentada com enorme profusão de flôres e pratas.

«O *menu* do *thea*, foi o seguinte :

Bolos sêcos, queijadas de Cintra, sandwichs variados, brioches, doces finos de copa, gelados, chá, *punch*, vinho do Porto, Madeira, Champagne, Torino (Moscato d'Arti), laranjas, tangerinas e maçãs.»

... Até se esqueceram da fome — os filhos bastardos de Deus !

---

*8 de março.* — Escrevem-me de Cerva de Mondim :

—«Não se percebe por que é que v. duvida do Fim proximo !

—«Duvida v. realmente ? ?»

.........

... Comprehendo o assombro, que eu explico:

E' que não pensam, como eu, em 60 annos de paz podre e em *80 a 90* % da estatistica.

E porque em taes miserias penso, duvido do proximo resurgimento. Ou eu não tivesse estudado os incorrigiveis e as origens e causas da perdição absoluta, ou das delongas no salvamento.

*

Paciencias:

«O coração de uma mulher honesta é uma sala em que só se entra depois de ter esperado muito na ante-camara.»—*(Commerson)*

Pois sim; mas a *espera*, em casos taes, é quasi sempre o contrario da honestidade: é velhacaria.

Não é verdade, lindezas!?

---

*12 de março.* — Outra:

Um homem serviu a patria no *exercito*, du-

rante perto de 30 annos. Encheu-se de enfermidades e de fadigas; conseguiu obter um pobre logar *civil*, a altura dos seus recursos. Ao termo de 6 annos não póde mais; pede a reforma.

Não tem reforma

Os 28 annos de serviço *militar* não podem ser sommados com os 6 annos de *civil*. Existiu essa disposição moral e humana; mas, um dia, um ministro da fazenda destruiu-a.

*

Conheço numerosos desgraçados em taes circumstancias. Invalidos sem direito *(sic)* a reforma, fingindo ocupar um logar, despertam o dever de interceder por elles, pela sua causa; mas não agora: poderiam ser exterminados...

*

Vem no *Seculo* de hoje, transcripto em fundo, o parecer de um doutor Fleury, ácerca das causas das *doenças modernas* dos intellectuaes. Segundo o doutor, as manifestações neurasthe-

nicas provéem do abuso das carnes, dos vinhos generosos, etc. E o sabio offerece programma de alimentação. E' divertido.

Pois eu acho que bom numero de intellectuaes soffrem do *abuso das faltas*. E' que gastam os dinheiros em predios e em automoveis. D'aqui, a falta de alimentação.

*

Como quer que o fisco apanhasse 1.300 metros de setineta, importados pelo Nuncio, corre na imprensa que tal fazenda era:

para forrar casas,
para forrar batinas,
para forrar carruagens d'aluguer,
para forrar cadeiras, etc.

... Afinal, era para um fato completo do *susto* do padre — em trabalhos de *via larga*.

---

*14 de março.* — O drama *Noite de Calvario*, de Marcellino Mesquita, foi hontem applaudido, com energia e consciencia, por um publico in-

telligente, em recita do auctor. A admiravel composição theatral do nosso primeiro dramaturgo moderno está em scena no Principe Real, com deficiencias no desempenho em geral, destacando-se, como sempre, para o applauso justo e vehemente o bello trabalho artistico de Lucinda do Carmo — essa actriz insubstituivel, de grande e primorosa raça.

Historiar as difficuldades réles que afastaram da scena de D. Maria II o drama de Marcellino Mesquita é repugnante coisa. Ha alli fermentação de abjecções que impõem o *passar de largo*; é o rancor dos subalternos: felicito quem o não soffreu.

*Mal que veio por bem*: diz a nossa gente. Foi assim agora. Excellente lição de coisas — de moral de bom quilate — tem alli o publico menos derrancado e menos cynico. Acresce que ninguem hoje, no theatro de D. Maria, poderia dar ao commovedor papel desempenhado por Lucinda interpretação assim magistral.

Excepcionalmente me refiro á peça de Marcellino Mesquita, por que foi uma excepção, aberta no meu forçado retrahimento, a minha

ida á festa d'esse velho e leal amigo — que é gloria da classe dos intellectuaes. Fallo dos intellectuaes a valer.

*

Toda a gente póde vêr, no *Seculo*, a seguinte noticia de Sabrosa:

«Carlos Taveira, de Provezende, que anda a monte, que é accusado de praticar diversos crimes, e que devido á protecção de individualidades importantes, passeia escandalosamente por este concelho, veio hontem á feira mensal d'esta villa, onde se demorou até tarde, andando armado d'uma espingarda.

«O sr. Gabriel Aragão, administrador do concelho, vendo-o passar pelo largo da Praça e pela frente d'elle, com o maior descaro, deu-lhe voz de prisão.

«O Carlos Taveira, não se conformando com a captura, apontou a espingarda, de que ia munido, contra o captor, e, desfechando, feriu-o gravemente, sendo o sr. Aragão attingido com

cinco zagalotes no braço e lado esquerdo do tronco.

«O crime consternou profundamente todas as pessoas que d'elle tiveram conhecimento e que pedem energicas providencias contra o seu auctor.»

Cantatas! — como diz o *Mata Piolhos*. — Se o facinora Taveira, de Sabrosa, assim disfructa impunidade, é porque lhe conserva lampada acesa em Méca — como dizem os velhacos — algum sobrinho cotado em politica, como tem — e é publico, notorio e pouco falado — o *assassino Moreira*, de Alhos Vedros. Escusado é pedir que o prendam curto.

Eu vou badalando, emquanto não é votada a lei de imprensa, na camara dos pares. Depois, a respeito de facinoras, activos e passivos, temos conversado. Não, que elles vão installar-se de alto!

*

Candidamente me pergunta o *honrado commerciante* Rabilhas:

— Mas que medidas indica você a tomar contra immoralidades vigentes ?

— Eu lhe dou hoje indicação de uma. Já notou que, na lei organica do Monte Pio Official, a viuva perde o direito á pensão legada pelo marido, se outra vez casar ?

— E depois ?

— Quer dizer: Póde amigar-se, emporcalhando-se e aos filhos, se os tiver; e póde ser a pensão comida por um *chulo*. A moral está em que não haja perigo de a desfructar um marido. Percebeu ?

... Não percebeu. A'manhã lhes dou outra.

*

A' falta de melhor assumpto, dei-me esta manhã á tarefa de manusear uns livros — coisa de que não entendem os *senhores Ricardos* das respeitaveis quadrilhas. E assim me cahiu nas mãos um exemplar do «Romanceiro Popular», de Ignacio Pizarro de M. Sarmento. Comprei-o ha perto de 25 annos no leilão de livros de Ca-

millo Castello Branco, em Lisboa. Interessante exemplar! Eu lhes digo.

*

Chama se — «O Romanceiro Portuguez», ou collecção dos romances da Historia Portugueza, composta por Ignacio Pizarro de M. Sarmento, Fidalgo Cavalleiro de S. M. F., Commendador da Santa Marinha de Lisboa, da Ordem de Christo, Morgado de Bobeda, etc., etc., etc., 1841, Lisboa.

Chamei interessante ao exemplar. Justifico. No primeiro volume (2 volumes a obra) que tem o retrato do autor, em gravura *aos 34 annos*, está outro retrato, em photographia, do mesmo escriptor, *aos 58 annos*. Prende se esta ao livro por uma obreia vermelha e é offerecida, como o livro, por Ignacio Pizarro a Camillo.

Na photographia escreveu o Mestre:

— «Tempus edax rerum... (Comparem os 2 retratos)».

*

O primeiro, aos 34 annos, o segundo, aos 58 annos. Parecem pae e filho; não lhes falta o mesmo ar de familia. E eu demorei-me a pensar, e a contemplar os retratos, e a lembrar-me... E' que ha curiosa coincidencia.

*

Editados pela livraria Pereira, estão sahindo em 2.ª edição, os meus «Combates e Criticas», 3 grossos e grandes volumes. Para satisfazer uns leitores curiosos, vão no primeiro volume duas photogravuras representando o auctor *aos 34 annos e aos 58 annos*, em 1882 e em 1906 — datas das duas edições.

Bons trabalhos artisticos, que muito me satisfizeram... e entristeceram! Parecem pae e filho; mas, em concordancia de opiniões, incluindo a minha, tenho ouvido:

— «O homem de hoje parece mais contente da vida do que o homem de ha 24 annos».

Se lhes parece! N'aquelle tempo estava em

plena travessia, que hoje *deve estar a acabar.* Foi medonha!

---

*15 de março.* — Sem ser Maria, vou com as outras. As quaes *outras* véem hoje a ser toda a gente nos commentarios *do que vae acontecendo.*

Ao assombro succede o terror.

Já não sopra apenas o vento de insania, do conselheiro Encravadissimo.

Uivou, toda a noite passada, o cão amarello torrado do meu visinho.

Cheira-lhe a mortos...

*

Ha episodios grutescos, como é da praxe, no desenvolvimento dos factos de gravidade. São dos homens ridiculos

Ponho-os de parte, episodios e typos, para lembrar o seguinte trecho da Segunda de S. Paulo a Timoteo:

«Mas sabei que nos ultimos tempos se verão

homens amantes de si mesmos, avarentos, gloriosos, soberbos, maleficos, desobedientes a seus paes e mães, ingratos, calumniadores, traidores, insolentes, mais amantes do appetite que de Deus, trazendo apparencia de piedade, mas na verdade arruinarão o espirito e a virtude... introduzindo-se nas casas e levando atraz de si, como captivas, mulheres carregadas de peccados e possuidas de diversas paixões... Assim como Janés e Mambré resistiram a Moisés, da mesma sorte resistirão estes á verdade. São homens perversos no espirito e corruptos. Mas os progressos que elles fizeram terão seus limites, porque, emfim, será conhecida de todo o mundo a sua loucura.»

... Estaes vendo os typos escriptos e escarrados.

Principalmente escarrados.

Parece proximo o *emfim!*...

*

Esteve imminente uma *gréve* do pessoal dos

electricos. E durante tres dias esse pessoal foi cortez para com o publico.

Falhou a *gréve*. Recomeçou a brutalidade.

E' dos *de baixo*. Vejamos os do *alto*

*

O senhorio aqui do lado (não o meu) augmentou a renda aos inquilinos, sob pretexto de augmento, que não poderá vigorar senão d'aqui a um anno, em avaliação predial.

São numerosos os senhorios que tal fizeram. Repenicados ladrões!

*

Dizia-me ha pouco um regenerador:

— A gente, os monarchicos, ha de se defender. Para não morrer a vassouradas, como as centopeias!»

*Tu l'as voulu, Georges Dandin!*

*

O conselheiro Rabilhas, enfuriado contra os republicanos:

— Hei de defender o pão de *meus filhos.*

Quer dizer: — *dos amigas.*

*Não haverá um dia de paz na face da terra.*

---

*17 de março.* — Todos podem lêr no *Paiz*:

«*Olhão*, 23. — Decididamente estes senhores empregados publicos julgam-se no pinhal da Azambuja!

«Desde a mais recondita repartição de estado até á mais elevada, parecem verdadeiras cavernas de Caco!

«A semana passada, chegou a este porto um patacho vindo de Hespanha, no qual veio um passageiro que trouxe 30 melões chamados de inverno.

«Na occasião da visita, passada pelo aspirante Trigoso, o homem manifestou os melões para pagar os respectivos direitos.

«Pois o sr. Trigoso fez conduzir os melões para terra, a bordo do escaler da alfandega, e, se havia de lhes fazer dar entrada no armazem, entendeu por bem divídil-os pelos amigos, servindo se para si de 3 ou 4.

«Mais tarde, comparecendo o dono dos melões para pagar os respectívos direitos, disseram-lhe, na alfandega, que ali não existiam melões alguns.»

... Parecerá a muitos pueril a historia dos melões; mas tem muito valor. E' um documento humano. Já lá dizia um dos collegas do *Padre Amaro*, no admiravel romance do Eça: — «Cada um cóme como quem é.»

E' assim: uns a comer uns melões; outros a comer um povo. Está certo.

*

Corre que ha gostos para tudo: não falta, pois, quem me peça uns annuncios do *Diario de Noticias*, annotados. Elles ahi vão:

GOVERNANTE. — Offerece-se de 22 annos, para

casa de familia ou pessoa só; dá referencias. R. Nova da Trindade n.º 124, 1.º

... Aos 22 annos, o que *ella* quer é *governar e escravisar*. Fallasse mais cedo...

SENHORA. — Não idosa, de fina educação, pede auxilio a pessoa de idade que seja capaz e séria. Carta á agencia de annuncios, rua Augusta, a D. P. 9744.

... Esta, coitadinha, quer dizer *amor* e não lhe chega a lingua!

Diga; que eu sou capaz e sério.

«500 RÉIS. Dão se em alviçaras a quem entregar no Caracol da Graça, 2 A, um gato preto, castrado; dá pelo nome de Rico e tem só 2 unhas no pé direito»

... Só com duas unhas o irracional. Ponham alli os olhos os racionaes que teem, afóra as unhas da praxe, unha na palma da mão

. . . . . . . . . . .

*20 de março.* — A esta hora só a minha porca leiteira está persuadida de que, se o sr. D. Carlos se livrar do sr. João Franco, será este recebido pelos republicanos.

A leiteira, mais o leiteiro, amigo d'ella.

Só elles.

*

Conta-me um alemtejano as seguintes bellezas *historicas* de Arronches e de Monforte — no Alemtejo:

I

Foi um rei de Portugal visitar Arronches. Recebeu-o a camara, e apresentou contas ao syndico, para serem *vistas* e pagas.

Esbarra o syndico em uma verba:

« Azeitonas — 400$000 réis ».

Vae para disparatar o homem, quando lê:

« Para o syndico — 400$000 réis ».

— « Deviam ser boas as azeitonas! » brada elle.

E põe o *visto*.

. . . . . . . . .

II

Vae o mesmo rei a Monforte. Discutem os da camara o que se ha de apresentar ao monarcha, com as chaves da villa. Querem uns que se lhe leve *pinhas;* outros votam nos *figos.* Vencem os dos figos.

Dirigem-se ao paço os da Kagadeira de Monforte, e assim fala ao rei um qualquer Carvalho Pessoa:

— Senhor! Bem forte é Monforte, e mais forte seria se vossa alteza cá não viera».

O rei, para a sua escolta:

— «Levem d'aqui estes idiotas e esfreguem-lhes os figos na cara!»

E o Carvalho Pessoa para os outros:

— Olhem se nós temos trazido pinhas!

*

Pondéra *O Liberal* :

«Dizem os jornaes do Porto que teem continuado as rusgas ás leiteiras, sendo umas mul-

tadas, outras presas por venderem leite com mixordias perigosas para a saude. O que parece incrivel é como só agora accordaram as auctoridades, depois de a população do Porto ha tanto tempo beber leite adulterado de uma maneira criminosa. Todo o rigor é pouco».

E' certo; mas Deus sabe o que nós bebemos em Lisboa.

Deus e os estercorarios leiteiros — dos dois excrementicios sexos!

*

Fala se muito, nos circulos bicudos da politica, do phenomenal discurso que deve pronunciar na camara dos deputados, por toda esta semana, o singular deputado levita Luiz José Dias. A peça oratoria d'esse Demosthenes de Santa Cóca está escripta em pergaminho, carimbado com as armas de S. Francisco, encimadas por um formidavel *susto*.

Trata-se largamente de *vias largas*, mais de auctoridades peccadoras.

Ouvirei e direi.

*21 de março.*—Em vesperas de férias da Paschoa, arranja-se a cada momento pretexto para não fazer nada. Esta semana vae n'um sino: dia de S. José na terça feira e dia de annos principescos no dia de hoje (quinta feira); *portanto*, o resto da semana composta de *dias entalados*. Para a semana proxima tambem são *entalados*,—para os devidos effeitos—segunda, terça e quarta feira. Metade do mez em pagodeira. E' nacional.

E muito a proposito vem, para fazer rir a gente, a noticia que consta das gazetas de hoje, nos seguintes termos:

«Está definitivamente resolvido que, depois das férias da Paschoa, se realisem sessões nocturnas na camara eletiva, isto para que possam acelerar-se os trabalhos parlamentares. Segundo parece, as sessões nocturnas realisar-se-hão duas vezes por semana, ás terças e sextas-feiras, começando ás 9 horas e terminando á meia noite.

«Nos dias em que houver sessão á noite, as sessões do dia começarão á hora regimental, 3 horas, e acabarão ás 6.»

. . . . . . . . . . .

. . . Cuspo nas mãos, ó gentes!

*

Duas noticias em relação ao dia d'amanhã:

I

Em S. Carlos—festa do snr. João Arroyo, com o *Amor de Perdição* Prepara o publico uma ovação, digna do admiravel trabalho do illustre compositor.

II

A's 10 1/2 da manhã parte para Castello de Vide, onde vae caçar, o snr. D. Carlos.

. . . Como se vê, não poderão as Artes, nem os Artistas congratular-se com um novo seculo dos Medicis, em terras de Portugal. Tudo isto vae muito besuntão!

*

Uma ideia:

Se eu, ainda uma vez, chamasse *facinora* ao

*tio Moreira* — o impune ***assassino de Alhos Vedros***?!...

---

*23 de março.* — Dando razão ás repugnancias de Zola, tenho pela Politica um profundo desprezo, pois que vejo escrever sobre ella e trepar por ella quem é reconhecidamente *um insignificante.* Passem em revista os politicos e hão de vêr maravilhosos typos de banalidade, papelões replectos de parlapatice, de servilismo, de espertezas saloias — furando, arranjando-se, *triumphando.* Estão ali tres ou quatro scepticos, — entre *a choldra,* — espiritos superiores, que decerto dão razão ao que eu digo.

Ha de tudo, no genero variado, no tal montão de *triumphadores:* — moços de recados, alcoviteiros e até «da vida»...

Mas, se o mundo é assim!

*

Escreve-me do Porto um meu *irmão bastardo em Lettras* uma longa carta de annotações a es-

criptos meus. Chama áquillo *uma lição*; mas, em regra, não me diz atrevimentos.

Portanto satisfaço-o, respondendo-lhe. Serei breve.

I

— Que eu não posso chamar *grande jornalista* a um homem que prejudicou o seu paiz.

— Mas se eu chamo, com justiça, *grande capitão* a Napoleão I, que tanto mal fez á sua patria, que tem a objectar o *bastardo*?

II

— Que os francezes tiveram razão em *Fashoda*, não se batendo — por *humanidade*.

— Bella razão, se nós portuguezes não houvessemos sido muitas vezes desfeiteados pela França. Humanidade em frente dos poderosos e insolencia para com os fracos — é patifaria!

III

— Que devo dizer as *porcas das linguas*, porque assim o diz o povo na Beira Alta.

— E eu digo que o meu padeiro, dos arredores de Vizeu, sabe fabricar pão, porque aprendeu a fazel-o. Eu escrevo com mais auctoridade do que o padeiro, porque aprendi o meu officio, e ainda o estudo, e dura isto ha 40 annos.

Portanto, vá o *bastardo* á sua vida!

*

Dizem-me d'alli:

— «Se o *Moreira Junior* e o *Montenegro* voltam a ministros, ai de você!»

— Ou, ai d'elles!

---

*29 de março. (Paschoa).*—... Tão alta e luminosa me apparece a adoravel figura de Christo que eu nem sei dizer-vos quanto respeito e amo aquelle *homem.* Eu resolvera, a pretexto de férias, encerrar-me no silencio, durante estes dias em que se impõem o grande facto e o grande espirito. Mas, se o *silencio* é o recurso applicavel aos infames?!

Escrevo do remanso da aldeia, e a proposito vejo e reproduzo, valorisando a corrente dos

graves nadas de cada dia, uns dizeres de Superiores, a quando afastados do bulicio das *civilisações.*

*

Victor Hugo, definindo, nos *Miseraveis,* o convento á luz dos principios, diz :

«O mosteiro é a Egualdade e é a Fraternidade. Ali desapparecem os titulos e a familia espiritual substitue a familia carnal. O que fazem aquelles homens, ou mulheres ? Mergulham o olhar na Sombra, ajoelham, unem as mãos, oram a Deus.

E, insuspeito aos crentes, como aos pensadores, mais diz :

— «Orar ! não ha talvez trabalho mais util em presença da Obscuridade que nos rodeia e que nos espera, ignorando nós o que a immensa dispersão fará de cada um e de todos».

A obra da Civilisação moderna, pratica e humana, tem de respeitar aquelle trabalho espiritual, de sacrificio, de sinceridade, de abnegação e de renuncia aos gosos da Terra.—Fala do convento ideal : ouço objectarem-me ; — e respon-

do, como Hugo: —«Basta-me que elle seja possivel, para que eu o registre». Aquelles estabeleceram, pela oração, o contacto entre o infinito da Terra e o infinito do Céo. Compete aos que repelem o absurdo venerar o incomprehensivel.

*

Tem a palavra o nosso grande Camillo, no *Amor de salvação.*

«A casa, onde vivo, rodeiam-na pinhaes gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas. Este incessante soído é a linguagem da noite que me fala: parece-me que é a voz d'além-mundo, um como borborinho que referve longe ás portas da eternidade. Se eu não amasse de preferencia o socego do tumulo, amaria o rumor d'estas arvores, o murmurio do córrego onde vou cada tarde vêr a folhinha sêca derivar na onda limpida; amaria o pobre presbiterio, que ha tresentos annos acolhe em seu seio de pedra bruta as gerações pacificas, ditosas, e incultas d'estes selvagens felizes que tão illuminadamente amaram e serviram o seu Creador...»

*

Orar, pensar na morte — uma vez por outra. *Não nos fica mal.*

---

*30 de março.* — Vejo n'um jornal de Lisboa a seguinte nota, relativa ao Funccionalismo em França:

«Os chefes de repartição dos ministerios ganham, sem gratificação, 30 mil francos, pelo menos, ou seja, em moeda portugueza, perto de 6:000$000 réis por anno. Já dissémos que os ministros ganham 60.000 mil francos por anno, ou 11 contos e pico. Os chefes de contabilidade ganham, os que teem a seu cargo a contagem e pagamento de fundos publicos, de 30 mil a 100 mil francos. Os thesoureiros pagadores ganham, em média, o mesmo: de 50 mil a 100 mil francos.

«Os thesoureiros coloniaes percebem ordenados superiores a 30 mil francos. O do Senegal, por exemplo, ganha 174.000 francos. Os 36 re-

cebedores de Paris, recebem em média, cada um, 60.000 francos por anno. Os conservadores de registo de Paris teem annos de perceber 200 mil francos, e mais! O menos que recebem é 100 mil francos. Os da provincia, 40, 50 e 60 mil francos.

«Nos negocios estrangeiros, ha uns 90 embaixadores, ministros plenipotenciarios, etc. O embaixador francez em S. Petersburgo recebe, de ordenado, 210 mil francos. Os magistrados administrativos recebem, em média, 40, 50 e 60 mil francos por anno. A média dos ordenados dos governadores geraes das colonias é de 100 mil francos. Os empregados desempenhando logares equivalentes aos dos nossos primeiros officiaes ganham annualmente, em média, dois contos, e os amanuenses, um conto de réis.»

E' bom que tudo isto saibam os energumentos analphabetos que entre nós chamam ao Funccionalismo — *o cancro nacional*. Tão baratinho e limpinho de mãos, não o ha na Europa inteira.

Não fallo, é claro, dos *gatunos gordos*. Esses são *internacionaes*.

*

Communica se um sacrista visinho — que, emfim, vae explodir na tribuna parlamentar a eloquencia do *padre do susto*. Durante tres dias e tres noites, dará á lingua o assustador levita, com grande emprehendidão de *sustos* dos pães de ló e respectivos baci-rabos. E' um diluvio de verdasco, polvilhado de simonte e de calinadas. Terminará pela veridica historia dos 4:068$000 réis em Santa Cóca. Fétido e sinistro!

---

*1 de abril.* — Quer alli saber um curioso — se Mirabeau, salvo os dotes extraordinarios de orador e de publicista, é digno da estima dos revolucionarios sinceros e estimaveis. *Je te vois venir!* Temos a historia réles dos subsidios da côrte ao grande homem cheio de dividas e temos a energica e *relativa* defeza da monarchia, pelo grande revolucionario.

A primeira parte — Mirabeau subsidiado — é

do mexerico dos *virtuosos* de pé fresco. Adiante! A segunda parte — Mirabeau defendendo a Monarchia — é com revolucionarios da primeira fila.

Por exemplo:

— Robespierre,

— Proudhon,

— Hamel, o historiador de Robespierre, e

— Vermorel, o communista fuzilado em defeza dos seus principios.

*

Segundo Hamel, para citar só este historiador insuspeito, toda a Assembleia Nacional era realista — antes de provada a deslealdade de Luiz XVI; e quanto a Robespierre — «admittia perfeitamente um rei cercado de instituições liberaes e democraticas.»

Segundo Vermorel, Mirabeau «admittia a Realeza como uma transição necessaria e até util.»

Proudhon, examinando a famosa correspondencia de Mirabeau com Lamarck, diz «que a Realeza era, antes da morte do extraordinario

orador, o *nec plus ultra* do comprehensivel para a razão publica, não havendo duvida de que Mirabeau estava longe de ser partidario da Monarchia definida.»

Tudo isto consta da obra de compilação critica de Vermorel : — *Mirabeau, sa vie, ses opinions et ses discours.*

*

Abro, porém, um livro que eu já lhes cito e depara-se-me o seguinte trecho, que offereço á meditação de certos Gregos e á de alguns Troianos. E' isto :

«De Roma são expulsos os reis. Desapparecem porque findaram a sua missão. Dir-se-hia que na ordem moral existe, como na ordem physica, uma lei suprema que estabelece para as instituições, como para determinados seres, um limite fatalmente marcado pelo termo da sua utilidade. Emquanto não chega esse termo providencial, toda a opposição é inutil ; as conspirações, as revoltas, tudo cede á força irresistivel

que mantem o que se pretende derribar; mas, se, pelo contrario, um estado de coisas na apparencia inabalavel *(oiçam!)* deixa de ser util ao progresso da humanidade, então nem o imperio das tradições, nem a lembrança de um passado glorioso, pódem retardar, um unico dia sequer, a queda resolvida pelo destino.»

*

Isto é bem pensado e bem exposto, salvo deficiente traducção. Mas ha ahi circumstancia de valor especial: é a auctoridade do auctor. Não é elle *um liberal:* antes exactamente o contrario: é um *tyranno moderno.* Não vinculou o seu nome a conquistas democraticas, mas sim á corrupção como systema governativo, depois do exercicio de violencias contra revolucionarias E' *um insuspeito e um entendido.*

Chama-se Luiz Napoleão Bonaparte (Napoleão III). O livro é a *Historia de Julio Cesar,* por elle escripta, e publicada em 1865. Abre-se com aquellas palavras o cap. 2.º do 1.º volume: *Estabelecimento da republica consular.* Vale a pena reler e meditar.

*4 de abril.* — Póde-se lêr no *Liberal* :

«Um governador civil, que é intimo do sr. presidente do conselho, parece que se atreveu a revelar-lhe a má impressão que tem feito e insuficiencia dos ministros. E se a nossa informação não erra, o chefe do governo, longe de contrariar a informação do governador civil, agarrou-o pela gola da casaca, puxou-a a si, e disse muito nervoso :

— «Bem sei ! Eu tive a infelicidade de me associar a seis...

«Não nos recorda bem qual a designação que nos disseram ter dado o sr. presidente do conselho aos seus illustres collegas no ministerio.»

*

N'um sino ! Vejam-me, apertando o nariz, aquelle todo do correligionario politico que *lealmente* vem cá para fóra, da intimidade do chefe, — apresentar os ministros como asnos e o chefe do governo como enojado detractor d'elles !

Accrescendo, é o mais provavel, que o *intimo*

faz propaganda contra os ministros, até junto ao chefe, — no intuito de abiscoitar uma pasta. Um sachrista a sonhar com a mitra!

Faz sentido. Os caracteres vão-se aprimorando.

*

Que differença ha entre um sujeito collocado abaixo dos seus meritos e outro acima do que vale?

— O primeiro *caso* entristece; o segundo faz rir.

*

Na camara dos pares disse hontem o sr. Hintze:

«Querem regulamentar o jogo? Façam-n'o embôra, mas sem o entregar a um monopolio, por que de tal regimen será, elle, orador, o mais implacavel inimigo. Transformar Portugal em um principado de Monaco, isso, não.»

... Pois a differença está em que no princi-

pado de Monaco ha regulamento e *cá* é só mteter o pé: que o diga o commendador Gonçalves.

*

Indignado, como o S. Polycarpo de Flaubert, diz *O Popular*:

«Ha hoje lucta eleitoral na Associação Commercial de Lisboa, lucta feita de improviso, em armadilha preparada para a ultima hora, como quem teme fazer conhecer em pleno campo de combate e á plena luz do dia a sua attitude hostil. E' intento dos *silenciosos* campeões do occulto trama eleitoral fazer depòr dos seus cargos o sr. Carvalho Pessoa, illustre vice-presidente da prestimosa agremiação, e alguns dos seus mais prestimosos directores, etc.»

... Berrava o dr. Oliveira Valle:
— Ai! que eu morro vestido!

5 *de abril.* — Ora, finalmente, já os de Cerva

e de Mondim eivados de critica independente e algo sceptica e trocista, se manifestam contra a hypothese das minhas duvidas. Em sessão permanente na povoação neutral do Cavez, sobre o Tamega, me participam immensos conhecidos e alguns amigos meus do Alto Minho e de Traz os Montes — que dispensam, para se orientarem, *as minhas parovélas*, e que bem sabem que *o governo fica.*

Já lá o dizia o czar Pedro, o Grande:

— «Este meu irmão Carlos XII (da Suecia) tanto me hade bater que me ha de ensinar a soval-o.»

São *elles*, agora, quem borda commentarios!

*

E já sabem que *o governo fica* — porque assim apraz aos seus concorrentes ao poder. Que *vive* como *vivem* a Turquia e Marrocos: por conveniencia d'outros: isto se affirma em Cavez, e em tal ponto da orientação eu protesto, para mais uma vez sustentar que os *aliados* de má fé hão

de ser devorados, e que já o sentem, como a breve tempo hão de percebel-o todos.

Expiação! Velhos processos para sacata!

*

Do *Popular* de hoje:

«Hontem circularam boatos insistentes de crise ministerial, suavisados á noite com boatos de simples recomposição.»

Do *Liberal*:

«Os mais matreiros calculam *dois annos de poder.*»

Eu calculo — que me vou embora e que o governo cá fica. E o aneurisma a medrar!

O aneurisma nacional: entenda-se.

*

Diz muito bem *O Paiz*:

«D'uma vez para sempre cumpre nos declarar

que não reconhecemos a ninguem o direito de se arvorar em *legitimo* censor dos nossos processos jornalisticos.

«Era preferivel que certos conselheiros olhassem para a tristissima figura que fazem quando são chamados a dar provas da sua intelligencia e capacidade dirigente, e não se intromettessem na vida dos outros, com a qual nada têm»

E ha mais: é que os safados hypocritas querem louvores á sua cordura. Um syndicato de pulhas!

*

A lei contra a imprensa. Vae mais depressa do que a pensão aos netos de Camillo.

No dia 12 será promulgada.

No dia 22 entrará em vigor.

No dia 23 — cautella com a lingua!

Mas antes d'isso, será preso o *tio Moreira, assassino de Alhos Vedros*, para que o Ministerio Publico tenha força.

Até lá, chega-se-lhe — ao *tio* protegido.

. . . . . . . . . . .

*9 de abril.* — Extrahio das *Novidades* o seguinte:

«Ainda hoje, um pae que aqui tem dois filhos já quintanistas me dizia:

— «Sou pobre e só com grandes sacrificios tenho conseguido que os meus dois filhos, os que tenho, cheguem á situação em que se encontram. Pois bem: prefiro que elles percam o anno e percam até o curso a que deixem de ser solidarios com os seus collegas grevistas. Resta-me a consolação da esperança que tenho de que o conflicto academico ha de ser o golpe de misericordia dado n'este governo teimoso e mau.»

... Foi isto em Coimbra. Pois esta manhã dizia-me, n'um estabelecimento do Estado, um chefe de repartição:

— «Sinto-me acabado. Tenho dois filhos: um no 4.º anno de direito na Universidade, o outro no 5.º anno da Escola Medica de Lisboa. Vão perder o anno? Pois seja; o que não perdem é a vergonha.

. . . . . . . . . .

*

... Recordo-me de um velho transmontano me haver escripto, vae em 10 annos: —«Tenho 75 annos e já desespéro de ver a Republica. Que lhe parece? Virá? Deus dar-me-ha essa consolação?

E eu ponderei-lhe: — Deus prometteu ajudar os que trabalham: diz alli o parocho, um libertino pansudo, que não faz nada. Ora, conservar-se em pousío intellectual um paiz inteiro, — ou quasi: *80 a 90* %, — não é trabalho, — não dá direito a que Deus ajude. Você está velho. Faça votos, antes de morrer, por que os de hoje *trabalhem*. O resto virá depois, em favor d'elles. Crel-o é a *grande consolação*.

*

Um manifesto da Liga Naval termina por estas palavras:

**O futuro de Portugal está no mar.**

. . . . . . . . . . .

Está. Chama-se *bacalhau*.
As batatas estão na terra. Com seu grêlo.

*10 de abril.*—Cae? Fica? Prevalece a pimponice?—Isto me perguntam os de Cerva e os de Mondim. E eu respondo-lhes:

*

Toda a gente deve ter notado, que os mais irrespondiveis argumentos são os mais simples. Por exemplo, ainda agora repeti eu, pela centèsima vez, a dois façanhudos progressistas aliados do governo esta banalidade:

—Supponda que o presidente do conselho tem, pelo menos, a pratica de lidar com politicos, deve elle conhecer a sinceridade dos seus alliados e não lhe devem passar em claro os *preparativos*.

—E d'ahi?

—E d'ahi, é natural que o presidente do conselho vá supportando a *protecção* dos *outros*,

constrangendo-se e augmentando a conta. Um bello dia, protegido até novas eleições, realisa-as, mette na camara 100 deputados seus e manda bugiar os protectores. E depois?

— Tem minoria na camara dos pares.

— Tem. E logo reune as duas camaras, governa com as constituintes e conserva a maioria. E que mais?

Parece que nada mais viam os alliados e protectores do presidente do conselho. E está visto pelo que toca aos politicos.

*

E o rei?

Esse convencido de que resiste aos republicanos, appoiando o governo contra o movimento academico, *dará tudo*... ao governo.

*

Pelo que toca ao paiz — 80 a 90 % é muita falta de *gente*, bem que a falta de miolo seja propicia ao heroismo. A minha conclusão, *hoje,*

*quarta-feira 10 de abril*, é que o governo fica — e por dilatados tempos. E' a Expiação.

*11 de abril.* — Chamam-me a attenção para esta coisa engraçada que vem na *Lucta*:

«Na rua dos Navegantes, alguem conversando com os seus botões:

— «Sim, senhor! Só lhe faltava mais esta de se metter com os rapazes.

«E agora vae ao paço, não me consulta, ameaça, ensarilha tudo, encrava tudo.

«Ora espera-lhe pela volta, meu ratão...»

Pois sim, mas haverá dois mezes que eu, sem o pendor a propheta, digo — que emquanto o *protector* falla com os seus botões, o *protegido* prepara-se para alijar a protecção.

A proposito, vejamos isto no *Mundo*:

«O chefe progressista mandou dizer ao seu pupilo da rua da Emenda que achava convenien-

te uma solução conciliadora na questão academica. Mas o... não fez caso porque, se o adiamento vae por deante, já não precisa de mentôr. Uma reforma constitucional arranjará convenientemente as cousas.»

Justo! Justo! Está certo e contraprovado!

*

Ainda a proposito, dizia-me ainda agora um progressista:

—Você tem razão (a proposito do prolongamento da alliança, mais do protectorado); mas o partido progressista já o teria baldeado, se não fosse o da rua dos Navegantes.

— ?

— Aquelle medo do Vilhena! Aquelle odio aos alpoinistas!

Justo! Justo! E' sempre ridicula a origem das grandes catastrophes.

E a alliança está em perigo... para o homem que falla com os seus botões.

Temos que vêr.

*

O sr. Hintze declarou, na camara dos pares, que não deseja derribar o governo, a proposito da actual questão.

Façamos-lhe a justiça de crêr que não é sincero

*

Vejo á ultima hora duas noticias com certo cunho sinistro:

I

«Em vista dos tumultos no parlamento e provado, como está, que o governo não póde manter-se em presença de tal situação, e que tem effectivamente de tomar uma resolução immediata a tal respeito, não repugna acreditar que tratará de obter o encerramento da sessão legislativa, isto de preferencia a um adiamento que para pouco ou nada serviria, ou a uma dissolução que tambem não traria vantagens.»

II

«O sr. presidente do conselho, hontem, depois

de sahir das côrtes, dirigiu-se para casa do chefe progressista com quem se demorou conferenciando cerca de uma hora, ácerca da attitude ultimamente tomada pelas minorias nas duas casas do parlamento.»

Os cães uivam — a morte. Que diz o rei?

---

*15 de abril.* — Fiz hontem annos, o que não annunciei a tempo de receber mimos, *para não incommodar*. E se hoje o digo, é no simples intuito de dar á lingua.

Cincoenta e nove annos! Safa! E lembrar-me de que já tive vinte!

*

Em reunião politica, disse o presidente do conselho aos seus amigos — que as opposições, explorando a paixão dos academicos, determinaram o encerramento das côrtes.

Ao mesmo tempo, n'outra reunião, dizia o snr. José d'Azevedo que o encerramento era um ultraje ao partido regenerador.

E o snr. Hintze: — Que não. Que ultrajado,

prejudicado, fôra o paiz, mas que o partido regenerador estava acima do ultraje...

Toma, paiz!

Chucha paiz!

Apara, maduro!

Aguenta!

Ahi!...

*

Precisamente, quando se encerraram as côrtes, levantava-se do seu odorifero logar o reverendo do *susto*, para o fim de pedir a palavra.

Ficou-se de boca aberta — a matar moscas a vinte passos.

Do discurso inedito, dizia o padre do *susto* ao pão de ló da *via larga*, com applauso do *bacirabo* no ostracismo:

— «De metter medo! Parecia a besta do Apocalipse!»

Talvez fôsse. Até lá vinha a historia dos *4:068$000 reis* de Monsão.

*

Refere-se *O Popular* ao discurso do snr. Paço Vieira na reunião deplorativa:

«Em linguagem primorosa e elegantissima, o illustre *leader*, na camara dos deputados, do partido regenerador, fez o elogio dos seus collegas na opposição, exaltando a sua proficencia, disciplina e lealdade, alargando-se *(via larga)* na demonstração justificativa d'esse apropriado elogio.

«Nunca houve palavra ou phrase de deputado regenerador que tivesse de ser retirada, tal foi a elevada correcção do seu proceder parlamentar. Mas a correcção não envolve tibieza.»

E logo adiante, o erudito Bernardes de Carvalho:

«Prompto e completo restabelecimento é o que lhe desejamos.»

Fadistão!

---

*18 de abril.* — Do *Liberal*. Diz no seu principal artigo o nosso estimavel collega:

—«Não póde ser mais accentuada a anarchia dos partidos. Chegou a hora do desarranjo geral; ninguem se entende.

«Nós, porém, estamos certos de que a *nova*

*ordem* ha de apparecer tanto mais firme quanto maior fôr a actual desordem que em verdade é de pronunciada anarchia.»

... Ora, nem sempre da anarchia sae *nova ordem*, e ás vezes succede que do estado anarchico sae pretexto para que os *doidos* sejam expropriados. E' vêr a morte e a partilha da Polonia. E' certo que muito démos á Civilisação em Descobrimentos; mas tambem, á Polonia deveram as Christandades a salvação — contra os Turcos.

E a proposito da hypothese de redempção após a fermentação da mixordia, lembra-me um caso divertido, que eu já lhes conto.

Disse eu, um dia, a João de Deus :

— Muita pena me dá um seu patricio, o F., homem velho, carregado de familia, a jogar quanto ganha, e sempre a perder !

E João de Deus explicou :

— Ah ! Você não imagina ! Eu ponderei-lhe ha tempos isso que v. me diz ; e vae elle : — *Pois por eu perder sempre é que vou ganhar*...

. . . . . . . . . . .

*

Exactamente, como por occasião do *ultimatum:* — Indignação; os politicos a manobrar; os interesses satisfeitos, e o povo comido.

Fallo dos lavradores, dos 40 mil sobre Lisboa. Pandego paiz!

*

Ha dias, tive eu o triste ensejo de dizer a *um crente*:

— «O meu amigo crê na sinceridade dos novos e n'um movimento fecundo; eu espero... inquieto, porque vejo a fermentação de ambições mesquinhas, réles, sórdidas, estupidas e infames...»

Continúo a vêr. E no horisonte vejo dois que não resistiram á *desillusão*: — Anthero do Quental e Mousinho d'Albuquerque.

Vejo-os...

---

*18 de abril.* — Antes de mais, reproduzo do *Diario do Governo*, de 8 de janeiro, do corrente

anno, a seguinte carta de lei de 31 de dezembro de 1906:

## Ministerio dos Negocios da Fazenda

### Secretaría Geral

«Artigo 1.º — Em reconhecimento aos relevantes serviços prestados ás letras patrias pelo fallecido escriptor Camillo Castello Branco, Visconde de Correia Botelho, é concedida a seus netos Flora, Camillo, Nuno, Raquel, Simão e Manoel, filhos do Visconde de S. Miguel de Seide, a pensão annual de 500$000 réis, para ser distribuida por todos elles.

« § unico. Esta pensão é isenta do pagamento de quaesquer impostos, e só caducará quando o mais novo haja attingido a maioridade legal.

«Artigo 2.º — Fica revogada a legislação em contrario».

... Havendo-se suscitado duvidas ácerca do processo de distribuição, foi consultada a Procuradoria Geral da Corôa, que opinou por modo a destruir sem demora aquellas duvidas, proce-

dendo-se immediatamente após a consulta—nos primeiros dias do corrente mez — ao despacho decisivo do respectivo ministro.

E, finalmente, hoje *18 de abril de 1907*, sou informado pela corajosa senhora, mãe dos menores, de que lhe foi paga a pensão, ficando em dia, pelo recebedor de Villa Nova de Famalicão.

Do que eu dou parte, aos outros admiradores e amigos de Camillo Castello Branco.

*

Telegrapham de Madrid que, se a rainha der á luz um rapaz, haverá festas solemnissimas; se nascer uma rapariga — nada haverá extraordinario.

Para assanhar as feministas, *caramba!*

Diz d'ali um collega nosso — que se contentem as mulheres em reinar nos corações dos homens.

Tóma, Joaquina!

*

Notaram todos os que ha pouco viram em Lisboa a Cleo de Mérode — que a *distincção* da

peccadora provinha-lhe do penteado, que lhe encobre as orelhas.

Vae se a vêr : tem uma orelha roída, por alguns dos seus *admiradores* mais damnados.

—Tudo vaidade ! Tudo illusões!—Dizes bem, padre do *susto !*

*19 de abril.*—Em regra, são os mais impacientes sujeitos uns que nada fazem. Querem *vêr* factos, energia e actividade, emquanto elles se coçam. Agora é moda, entre elles desejar ardentemente que os estudantes deem que falar. E' original nos modernos tempos, entre nós, a solidariedade dos rapazes, — que póde servir de lição. Dispondo da força, o governo está coacto e só vê *sahida* — transigindo absolutamente. Pois, senhores, a impaciencia dos inertes está fula, está a arder.

Agua á telha! E passemos.

*

Graça e justiça. E' da *Lucta :*

«Aqui nos penitenciamos da calumnia, renden-

do preito á verdade. Dissémos nós, em tempos, que o nosso Xavier de Carvalho ignora o francez, vivendo em Paris ha vinte annos. Pois faltamos redondamente á verdade. O que elle não sabe é o portuguez. Ainda outro dia, n'uma carta para um jornal do Porto, dando noticia da estada em Paris da Angela Pinto, elle escreveu:—... Angela, o idolo das plateias luzitanas e brazileiras, *rendeu* já a visita a Réjane... Admiravel Xavier! Dá vontade de lhe perguntar quanto lhe rendeu a baboseira...»

... Está certo.

---

*21 de abril.*—Encontrei, ha boccado, um amigo de bons tempos, velho e desenganado — como eu. Regosijou-se de ver-me — porque finalmente *ia desabafar*. E desenrolou amarguras de entupir: — Pobreza, abandono, morte da familia, fadiga, tedio, o desprezo da vida...

— E não morre?!

— Não, que eu sou religioso.

— Que diacho de relação ha entre os dois *fa-*

*ctos*, não me dirá? Eu por mim só conheço dois embargos á morte voluntaria, quando o sujeito está farto de tudo isto.

— Dois?

— Sim, dois. Um é a falta que porventura fazemos a entes queridos, o outro é o *medo* de morrer.

— Eu já não tenho a quem faça falta. E quanto a medo, o que me apavora é a vida; não é a morte.

— Eu não lhe fallo do medo physico.

— ?!

— E' natural que você, velho martyr, tenha, como eu, pouco ou nenhum medo de dar um tiro na caixa craneana.

— Nenhum.

— Não lhe fallo em similhante coisa, mas de outra especie de medo, que não lhe fica mal.

— ?!

— O que você receia é o *ajuste de contas* n'um mundo desconhecido: o julgamento dos seus actos impunes n'esta vida, hein?

— Sim, elle...

— Sim, elle é caso duro de roer, se a gente

o não pôz de môlho, como se faz ao bacalhau.

— Explique-se!

*

Expliquei assim o meu pensamento ao meu pobre amigo:

— Parece-me, sem ter, é claro, convicção motivada, que n'um livro de contas correntes são lançadas além-tumulo, para liquidar depois da morte, os nossos soffrimentos, gozos, sacrificios, maroteiras, actos de bondade — tudo! E depois, quando para lá vamos, arranjada a contabilidade como ella deve estar em mundo superior, nada passa pela malha. Tudo se encontra: o sujeito tem que *pagar*, ou tem que *receber*. Hein?

— Vá dizendo.

— Ora, se eu, que conheço a minha vida, gozei e delinqui mais do que soffri e pratiquei o bem, estou em maus lençoes e devo ter medo da morte. No caso contrario, se me considero crédor do Mysterioso, bemdita a hora da partida! E' como se eu fosse receber uma herança — sem o perigo de *o sr. Ricardo* e a dura quadrilha me roubarem.

— De modo que eu...

— Você, meu caro e velho amigo, tem sido um infeliz e tem feito suas as dôres dos outros: portanto, não tem que temer. Mas não lhe digo que vá immediatamente. Veja se póde aguentar-se mais um pouco — para augmentar o seu *credito*. Depois, quando lhe parecer, socegadamente, mude-se!

*

— Você é especialista em paradoxos: mas a verdade é que...

— ?

— E' que estou mais socegado.

— E' natural. Lembro-me até de já ter dito e escripto coisa assim. Mas, no fim de contas, quem fica *mais desasocegado*, sou eu.

*22 de abril.* — Não se falla em Lisboa senão na descoberta do incendiario da Magdalena, o hespanhol Antonio Fernandes. E com ligeiras variantes tenho ouvido: — «Mil vidas que elle tivesse! Só queimando-o!»

Attenuar um crime de tal ordem seria uma infamia amalucada. Abster-se, tapando olhos e ouvidos, de discutil-o, póde ser uma estupida covardia. Não direi que mais atrozes são os crimes de Napoleão e de Chamberlain, pondo a ferro e fogo a Europa de ha um seculo e a Africa de ha sete annos: a severidade dos homens tem uma infinidade de *prégas* — como as vestes prelaticias — para distincções casuisticas. O que eu digo é simplesmente o seguinte:

Anda no ar, nos dois mundos, um sentimento de piedade pelo medico Urbino de Freitas. Vejamos isto:

*

De um lado, o torpe incendiario da Magdalena — negociante em crueis afflicções financeiras, — homem de intelligencia subalterna, — instigado pelo seu grande crédor,—largando o fogo, para se livrar da ruina com o dinheiro dos seguros — (*como entre nós muito se tem visto*), — longe da idéa, toda a gente o crê, de que o seu crime de fogo posto produziria tão pavorosos resultados, — amaldiçoado, porque não previu,

por individuos mais *previstos*, justamente execrado, emfim, em homenagem ás desventuradas victimas.

Do outro lado, Urbino de Freitas, com a sua posição social bem equilibrada, — homem de vasta instrucção, — deliberando sem influencia de outrem, — matando a familia, principalmente creanças, friamente, insistentemente, com a certeza da morte dos innocentes, para o fim de herdar uma fortuna. Todo o paiz, na hora de se descobrir o envenenador, soltou um brado de morte, e não faltou quem lamentasse o fim da justiceira forca.

Poucos annos volvidos, Urbino de Freitas conquista indulgencia, duvidas, *sympathias!* Que monta pedir a execução do incendiario de hoje — *menos criminoso* do que o *envenenador* de hontem ? E' horrivel a idéa de que o incendiario venha a despertar piedade — como o *outro*, mais culpado do que elle, mas importa que o sentimento se mantenha na equidade, n'um caso e no outro.

*

Bem sei; as 14 victimas do incendio. Ha uns 18 annos que eu vi as cento e tantas victimas do Baquet, no Porto: sei o que é tal horror. Mas tenho na retina, ha annos, as creancinhas da familia de Urbino, envenenadas por elle e por elle *tratadas* — porque não houvesse duvidas. Pretendo eu lançar os crimes do *sabio* na balança do julgamento do *subalterno* — como attenuante? Nem pensar em tal. O castigo deve attingir todos os criminosos, em harmonia com as suas responsabilidades — absolutas e relativas.

*

Só lhes direi mais isto: — A impunidade tem entre nós acolhido os incendiarios, até proteger reincidentes. Eu sei. E se o crime vinga, permittindo o roubo, sem mortes, diz alli o philosopho: — «E' sorte».

E o imperador Guilherme II: — «Pois que é tudo na vida senão sorte?»

*26 de abril.*—Ainda os incendiarios. Lê-se no *Paiz*:

«Chegámos a vêr o Fernandes, pareceu-nos abatido, curvado como o peso d'um remorso que o punge.

«Estava pallido e o seu olhar errava sem se fixar n'um ponto.

«Quanto ao Leandro parece socegado e tranquillo.

«Dir-se-ha que a tragedia horrorosa, em que tão activamente tomou parte lhe ficou para traz cem annos.»

E' que o Leandro é rico e o Fernandes não tem vintem.

Influe.

*

Desorientação... moral:

Pelas ruas apregôa-se:

— «A confissão do hespanhol, a 10 réis!»

E' em versos parvos. Para cimentar o *heroismo*.

. . . . . . . . . .

*

Pelas esquinas, em cartazes:
— «O perdão dos marinheiros, *romance*».
Cá desenho o commentario...

*

Aos domicilios:
— «Criminosos celebres: José do Telhado e Vieira de Castro.»
... *80 a 90* %.
Pudera!

*

Mais de um leitor conheço eu, que, desejando com todas as forças da alma a quéda do ministerio e não crendo em similhante facto a breve praso, dão se á leitura — tonica e refrigerante, pelos modos, — de todas as conjecturas e de todos os vaticinios que lhes acariciam as aspirações. Nem sempre as cruezas da realidade! Vá lá um dedo de prompto allivio!

*

Diz *O Liberal* de hontem, a proposito de sanatorios e coisas:

«Por taes complicações era hoje corrente o boato sobre a situação periclitante do ministerio. E dizia-se que não se fará a recomposição annunciada, ou que, se ella se vier a fazer já, será seguida, a curto praso, da quéda total do gabinete, porque o chefe franquista já não póde governar com o parlamento, com a imprensa, com a opinião publica e com os estudantes.

«Tambem nos parece que o *doente* está a pedir calmante.

«E quanto antes, que a febre já é intensa de mais.»

... Sim, mas a Expiação está na logica da Providencia. Soffrer, para merecer a bemaventurança!

*Elle fica.*

*26 de abril.* — O que ? O respeitavel snr. *Moreira de Alhos Vedros*, á sombra benemerita do *sobrinho*, não faz senão chorar a santa que Deus lhe levou. E as justiças da terra procedem nobremente — não procedendo.

Pois então *cumié ?!*

. . . . . . . . . . .

*

O chefe e o estado maior do Progresso, que pareciam prestes a cair no papo do *outro*, acordaram subitamente, — se não fingiam dormir.

Não me posso conter : — Bravo, Navegantes !

As precipitações arrastam ao jogo a descoberto — e dão cabo de ambições e de calculos e deixam de lingua de fóra e com ares de tanso o que presumira de astuto.

A eterna historia do Conselheiro Encravadissimo !

*

E' aquillo do que assim falla *O Liberal* :

«Acaba de reunir a commissão executiva do partido progressista. O chefe do governo, que tem promettida a recomposição ministerial, tenta aproveitar a oportunidade para recompor o ministerio, com tres ministros progressistas. Ficaria elle sub-chefe do partido fusionado com a chefia da Rua dos Navegantes. Errou os calculos. Na reunião que acaba de ter logar ficou resolvido que não entrem na recomposição elemen-

tos progressistas: não *cairiam* em proceder de diverso modo.

«A situação não é boa. A machina constitucional tem pedregulho grosso que a não deixa funccionar. Os machinistas bem a mexem e dão-lhe mil voltas. Quanto mais lhe bolem, peior.»

... Isso é verdade. Eu julgava que o mau cheiro fôra descuido do *Baptista de Setubal*, afinal era da machina. Máu mez para a porcalhona!

*

O que? O *padre do susto?* E' um cavalheiro: entendimento agudo como um espeto, coração de vacca, um raio de eloquencia, elegante, catita, cara simpathica e um cheiro a jasmim!...

Bonito homem! Parece voltado do avesso. Hontem á noite pôz elle o *susto* em vinha d'alhos.

---

*28 de abril.* — Observa um meu *velho leitor:*

—«Você nos seus primeiros tempos escrevia

*nós* — primeira pessoa do plural; hoje escreve *eu.* E' pretensão immodesta?»

— Pelo contrario. No celebre livro *Phisiologie du Gout,* diz Brillat Savarin, as seguintes palavras transcriptas, como base de proceder, em um livro ainda mais celebre, a *Phisiologie du Mariage,* de Balzac:

«Quando eu escrevo e falo *no singular*, pode o leitor examinar, discutir, duvidar, e até mesmo rir; mas quando recorro ao terrivel *nós* fallo de cathedra; é preciso submetterem-se.»

Ora, eu nos primeiros tempos era intolerante e irascivel. Hoje estou em pé de igualdade com os mais pequenos. Alguma coisa aprendi na Vida.

Não percebeu? Não importa.

*

A *situação?* Já ouvi. Dizia-me hontem um funccionario superior:

— «Isto hade durar, felizmente.»

Preparava-se para discutir. Eu concordei logo:

— Felizmente. Quanto mais durar menos te-

mos a pagar n'outro mundo. Vamos já purificados — pelo martyrio.

*

Certo é que por estas 48 horas, o maximo, deve-se passar dos boatos e das conjecturas aos factos reaes, — *reaes* em todos os sentidos.

A proposito, diz *O Liberal*, e diz bem:

«A crise actual já não parece que possa ser resolvida com os costumados paliativos. Julgamos ter chegado o momento em que, para salvação commum, o Rei ha de chamar junto a si todos os elementos politicos poderosos, para se concertar uma acção séria de governo, por via de um ministerio de concentração monarchica. Se assim o não fizerem, ou por erro de comprehensão das circumstancias, ou por louco desvario de ambições, — então é melhor desenganar já o snr. marquez de Soveral. E' preferivel dizer ao distincto diplomata que na monarchia lusitana o juizo foi prenda que desappareceu. E

depois elle que diga em Londres o que a sua discreção lhe indicar.»

Está certo.

*

Sonhei a noite passada que eu partira para o norte do paiz, a visitar o Porto e o Minho; e, n'essa provincia, S. Miguel de Seide e o Barrozo — e *Cerva e Mondim.* Era assim uma visita de despedida mysteriosa e muito saudosa. Pela manhã, senti-me tão enfraquecido como se houvesse realmente viajado. *E fico*...

— —

*1 de maio.* — Fica, ou não fica?

Mais claro só pó de sapatos.

O cão amarello do meu vizinho não descança. Uiva ha uns poucos de dias.

Cheira a rato morto!

Para vingar os gatos de antigas eras?

*

Verdade, verdade: concebe-se que o regimen, em cuidados, responsavel para com a Patria, se concentre — reunindo os seus homens de mais valor, para o fim de resolver as questões pendentes e decepar varias pendurezas assim obnoxias que escandalosamente irritantes; mas a prolongação desta *crise* já franqueou os humbraes do ridiculo immortal. Sente-se a urgencia de um banho, de fortes perfumes e de roupas novas. Bem faz o *padre do susto* — que para ahi anda do avesso!

Para comedia — tem fundo de graves perigos.

Para tragedia — féde a ovos podres.

Não fui eu quem disse: — *chiça!*

*

A pedir, a caramunhar, a barafustar, e toda a gente de olhos fitos — e tudo a rir. Benza-te Deus!

Soluçante, roga aos ministros — que fiquem!

Em tremeliques, implora dos Navegantes — que lhe acudam !

Gemebundo, supplica ao rei — que espere ahi um bocadinho !

E partidarios e alliados e adversarios e povo — tudo ri.

E Bernardes de Carvalho escreve, com penna de pato ganso :

—«Prompto e completo restabelecimento é o que lhe desejamos.»

*

Nunca a minha cruel pratica da vida previu similhantes scenas : — toda a gente a rir-se, com um riso *gouailleur* os scepticos e com um riso nervoso os restantes Luzos. Exceptuo aquelle respeitavel ornamento da nossa praça, que se conserva fiel á esperteza saloia com que tem comido intelligentes. Esse continúa a rosnar :

— «Não o deixaram !»

Ainda não basta ao respeitavel trampolineiro da nossa praça.—*Não o deixaram* é uma phrase carateristica. Até mesmo serve a quem nada fez,

nem sabe fazer... senão mal.—«Não me deixaram. Veja o paiz!»

E o erudito Bernardes de Carvalho:

—«Prompto e completo restabelecimento é o que lhe desejamos.»

E está-se a rir...

*

*O Liberal* resume assim a situação:

«Ha quem assevere que o presidente do conselho, depois de ter declarado no seu jornal que o logar do chefe progressista deveria ser em Rilhafolles, se colligou com elle, na esperança de vir mais tarde a impor-se como chefe do partido progressista. Este, por sua vez, fez se *esquecido*, e deu *boas esperanças* ao chefe franquista. Assim foram vivendo. O ministerio constituiu-se só com elementos franquistas, mas o presidente do conselho foi lançando contas ao desenrolar dos acontecimentos. Ou os progressistas, com a preferencia que em verdade lhes tem sido dada na distribuição dos favores, haviam de cair nos braços do chefe do governo,

e então tudo estava *conseguido;* ou os correligionarios do arbitro da rua dos Navegantes se haviam de *fundir* com o franquismo por meio de uma amalgama ministerial.»

Narra depois como o Immaculado se firmou nas velhas pernas — mais rijas do que as dos tezos — e conclue:

«O chefe do governo anda ha 8 dias desorientado, quasi em desespero. Não quer deixar o poder por vaidade ferida; reconhece que não tem partido e que, se não *entala* os progressistas, fica na lama. Anda *perdido.*»

... Diz bem. E ouça cá: Não ouve rir para os lados das Necessidades?

*

*Fica!* Oiçam *O Popular* de hoje:

«Afinal o governo *fica.* Não é no poder, é no pelourinho do poder. Mas fica, e essa é a sua

questão. A crise de difficil parto foi a ultima de composição do grupo.

«Mas o poder está-lhe nas mãos, e isso é que lhe importa. Fica, mas não por muito tempo. No emtanto, fica.»

... Ahi é que me doe!

*

Mas reparem n'este naco da nota officiosa á imprensa:

«Procurou o sr. presidente do conselho recompor o ministerio com elementos do outro ramo da concentração liberal, — o partido progressista, — e não o tendo conseguido, apesar das dilligencias que n'esse sentido empregou, offereceu o chefe do governo a demissão do ministerio a sua magestade el-rei, que se não dignou acceital-a, renovando a sua confiança ao sr. presidente do conselho, para que elle reconstituisse o gabinete com elementos do seu partido.»

... Já não ha duvidas: deve-se a conservação do governo á absoluta *confiança da corôa.* E pois que ella existe — é porque elle a merece.

Está certo.

*

Do *Popular:*

«A' ULTIMA HORA:

«Resolveu-se a crise ministerial, como n'outro logar vae indicado.

«Venceu o bacalhau!»

... E' do abuso das batatas.

*

De um par, que fez uma lei contra a imprensa:

«Os delegados com as querellas á doida parecem apostados em destruir a lei de imprensa»

E' esperto. Tem o nariz cheio de miolos!

*

Incendiarios. Das gazetas:

«O Leandro era esperado hontem no tribunal da Boa Hora por alguns patricios seus e por um cunhado, a quem se abraçou, chorando convulsivamente.»

Naturalmente era medo do honrado homem. E que fosse remorso! Tem o defeito de vir depois do crime.

Todavia, enternece a commoção do Leandro. E' o caso do *infeliz Urbino!*

Coitadinhos d'elles!

*

Nega a *Nação* a existencia de manejos jesuitas.

Ali, no Porto, em 1874, ouvi eu a um liberal assaz contrabandista:

«Estes sujeitos do *Diario da Tarde* andam a inventar manobras jesuitas. São modos de vida.»

Tudo *modos de vida* — pagando ou não pagando direitos.

---

*5 de maio.* — O novo Metternich.

Diz a *Lucta*, e diz bem:

«Affirma-se que a questão dos sanatorios se complica por motivos de ordem internacional. O novo ministro dos negocios estrangeiros, sem duvida, ha de ter que fazer e, provavelmente, não exercerá por muito tempo o seu cargo, dizem os altos politicos.

«Esperemos, que do assumpto nada sabemos com segurança, ainda que não seja de esperar uma solução agradavel. Não será com ditos alegres, certamente, que o novo ministro se propõe resolver o negocio »

... Pois sim; mas se *elle* não dispõe de outros recursos!

*

Até os Chinezes!

Telegrapham elles:

«Cantão, 3, t.—Houve hontem ao entardecer uma violenta explosão n'um paiol de polvora. Já foram encontrados 20 cadaveres. O numero das pessoas feridas anda por 100. Ficaram destruidos 14 predios de casas.

«As muralhas da cidade acham-se em parte derrubadas. O pagode historico apresenta grandes fendas.»

...*O pagode historico rachado!* E' comnosco, e é boa piada!

*

Que o ministróla da Fazenda se não metta na revisão de matrizes, concebo-o, se me lembro do seguinte:

Um dia iam por uma rua da Baixa umas peccadoras de saia engomada. Disse-lhes não sei que chalaça um moço de padeiro, e uma d'ellas:

— «O' tu que fumas! Não te mettas com as *matrizes!*»

Realmente...

*

Isto é biblico:

«Eu tambem vi isto nos dias da minha vaidade: — O justo perece na sua justiça, e o impio vive muito tempo na sua malicia.

«Ainda se acha uma outra vaidade, que succede sobre a terra; ha justos aos quaes provém males como se elles tivessem feito obras de impios; e ha impios que vivem tão seguros como se tivessem feito acções de justos; mas eu creio que tambem isto é uma coisa mui vã.»

Pois sim; mas lá dizia a minha creada, ha 50 annos:

— «Depois d'este haverá outro, que ha de durar para sempre!»

---

*6 de maio.* — Para o *Papa*:

«Londres, 2, manhã. —Telegrapham de Washington ao *Morning-Post* uma informação de Saint-Louis dizendo que um millionario d'alli constituiu uma associação de americanos catho-

licos para offerecer ao Papa uma facha de terreno entre o Vaticano e Civitta Vecchia.»

Tóma!

Para o *bife*:

«Londres, 2.—Consta que alguns inglezes vão comprar a ilha da Cortegada, para ser offerecida a Eduardo VII, afim de o soberano alli edificar um palacio para passar o verão.»

Apanha!
Nós cá — a visão do *susto*. Sebo!

*

Do *Popular*:

«Parece que o bacalhau vae subir de preço.
«Effeitos da ultima recomposição!»

... Perdão! Effeitos do abuso das batatas.

*

Nas gazetas:

«A viagem que o sr. ministro da marinha projecta á Africa Occidental, parece que será iniciada no paquete de 1 de julho proximo.»

Muito sabidos! Agora armam em Chamberlain. Dá vontade de se rebolar um homem!

Mas talvez o planeta não chegue a julho. Deus deve estar ennojado.

*

... Se fica? E' mais que certo. Assim dure o planeta: não falta quem deposite a *ultima esperança* na hypothese de Deus Nosso Senhor mandar este mundo para o diabo. Quanto a esforço de homens, estou com o fallecido Santa Monica: — Já não ha d'outros Portuguezes!

E' certo que os Progressistas se não deixaram furar; mas tão cedo não se lambem com a confiança da corôa. A respeito de regeneradores — creio que a *via larga* do sr. Paçô já não chega a excitar o *susto* do repugnante levita, e que não mais se fruirá as delicias de vêr no ministerio da Fazenda o nariz de Necker-Periquito. Os *outros* cada vez mais encravados.

*Fica?* Parece-me que ficará depois de nós partirmos para a Eternidade. Mau fim, mas bem merecida expiação!

---

*8 de maio.* — Diz hoje um collega nosso:

«O sr. presidente do conselho semeia ventos. Que espera elle colher agora?»

Nos tempos da velha sabedoria das nações, previsto estava o resultado da sementeira. Mas isso mudou. Foi ha uns 15 annos e tanto que eu presenciei o seguinte:

Visitava todas as noites o *Diario Popular*, fazia eu parte da redacção, um vélhote que já lá vae, como quasi todos os visitantes seus companheiros. Era elle um typo de *viveur* estragado no physico e já sem vestigios de moral. Acontecia-lhe, de quando em quando, flatuleiar-se em surdina, sem, ao parecer, dar por similhante coisa. Os outros davam, exceptuando algum constipado.

Era por occasião do *ultimatum* inglez. Anda-

va-se aborrecido — o contrario do encanto de agora. Uma noite, Marianno de Carvalho chega á redacção; depara-se-lhe o tal vélhote, e o grande jornalista diz-lhe com vehemencia :

— O senhor anda aqui a desmentir os anexins nacionaes !

— Eu ? !

— Decerto. O senhor semeia ventos e quem colhe tempestades é a nação portugueza.

Muito rimos !

*

### O sultão de Marrocos

*Londres, 7.* — Telegrapham de Tanger ao «Daily Telegraph» que Muley Hefid não acceitou ainda o titulo de sultão, e pediu ás kabildas que esperem dez dias, porque elle enviou um correio a Muley Abd-el-Aziz a fim de evitar a guerra civil; a colonia franceza de Marrakech recebeu ordem de partir para Mazagão.

... Eu já percebi a intenção do marroquino :

quer biscata, que me entale no *gabinete negro*.
Não caio. Vantagens da Velhice!

*

Se fica? Se dura? Eu lhes digo. *O Liberal*, que ninguem accusará de hypocrisias, nem de affeição ao governo, affirma hoje o seguinte:

«A *dictadura* está na forja. Ha quem pense que ella se não realisa. Isso sim! Isto ha de ir até aos extremos. E que fins!

«Dentro de quatro dias apparecerá a dictadura dos vinhos. Depois faz-se a dictaturrhea de mil bugiarias.

«Ninguem se illuda: a dictadura é certa.

«Hoje foi visto no Tejo o sr. presidente do conselho com a cara mais sorridente. Cara feliz de dictador.»

... No Tejo? Quer dizer; — Como o peixe n'agua!

*13 de maio.* — O assumpto é, já se vê, a *dictadura.*

Para os 10 a 20 %.

Para os 80 a 90 % é o boato de um mau anno de vinho.

Quebra de heroismo : uma espiga !

*

O que é extraordinario é que o sr. Julio de Vilhena, um estadista a valer, diz ao *Diario de Noticias* em *interview :*

«— Eu lhe digo : Se o chefe do governo aproveita a dictadura para fazer administração, para pôr em pratica medidas proveitosas para o paiz, e que por falta de tempo não poderam ser votadas pelo parlamento ; n'uma palavra, se elle tratar apenas de actos de acalmação, n'este caso póde vir a ser esquecido o peccado original da dictadura pelos beneficios que d'ella resultarem para a nação...»

De modo que deixaria de existir a ilegalidade,

a quebra da palavra, — e o mais que eu não digo, porque bem vejo o outro a ouvir — só porque o governo tratava de *actos de acalmação.* E' bem mettida ! Lembra, porém, a D. Josepha Dias, do «Crime do Padre Amaro», ao irmão conego :

— «Não, mano ; mas é que a gente sempre tem um bocadinho de vergonha !»

Isso é que tem, já se deixa vêr.

*

Um ponto em que estão d'accordo os srs. Julio de Vilhena e José Dias Ferreira :

— Que o chefe do governo *(o João :* dizem) não póde ser outra coisa.

Quer dizer : é, de certo modo, irresponsavel. *A responsabilidade é de outrem.*

Minha não é. Eu cá não fui.

*

Eu não dizia ?

Eu não affirmei que *elle* viria a emancipar-se dos Navegantes ?

E que fecharia S. Bento?
E que reformará a Camara dos Pares?
E que *fica?*
Não faltou quem dissesse: — Ora o litterato a metter-se em Politica!
Phrase olympica de um Kagaçal!

*

Devem ter notado os meus lucidos amigos de Cerva e de Mondim — que eu tenho sido, de ha mezes para cá, uma bella reproducção de Cassandra. Com olho attento e criterio sisudo, previ factos e formulei hypoteses que me valeram a accusação de phantasia por parte de estouvados e de rotineiros. A serio: em lettra redonda e em palestra, fartei-me de dizer que o chefe do actual governo se libertaria da tutela progressista, governaria em dictadura e, ou não faria eleições, ou as faria a seu modo — como, em 94-95, o *Solar dos barrigas.*
Ahi estão os factos. Os politicos agitam-se. A opinião publica — os *10 a 20* % — commove-se. Mas os *80 a 90* % atiçam-lhe no de Torres, até

lhe tocarem com o dedo Ou elles não tivessem no bojo heroismo e estupidez aos pinotes!

E o chefe do governo conta com este factor, mais com a absoluta confiança da corôa.

*Absoluta!* E o velho miguelista meu visinho, cantarolando:

«*Liberal constituição!*»

E o cão amarello a uivar — a morte!

*

Vejo no *Popular*:

«Chega-nos á ultima hora a noticia de que reune hoje o conselho de ministros, para assentar no pedido de demissão collectiva do ministerio. Que serie de desastres!»

E' o aneurisma aos upas!

*

Perguntam-me:

— Em conclusão: a Mulher é-nos *inferior*?

— Decerto, quando nos não é *superior*. *Igual* não é nunca. Desce aonde não nos rebaixamos, e sóbe aonde não podemos.

*

De chapa, em varias gazetas:

«Foi agraciado com o titulo de visconde de Hamilton o sr. commendador Hamilton da Silva Pires, fidalgo com exercicio no paço, brazileiro residente em Neuilly, Paris.

«A sr.ª viscondessa de Hamilton é neta do finado marquez da Paraná, sobrinha do visconde do Cruzeiro e do actual barão de Paraná»

... Com exercicio no paço da Madureza.

*

Não ha senão dois factos consoladores para o *fim:*

— Termos defendido os fracos.

— Termos aggravado os oppressores.

. . . . . . . . .

*14 de maio.* — Esteve em Lisboa, como sabem, o archi-milionario Vanderbildt, que não sabe o que tem de seu: n'isto me é elle inferior, que eu bem sei do que disponho — menos que nada. Ora a passagem do ricaço pela nossa terra faz me lembrar de um episodio gracioso de ha perto de 40 annos.

E' o caso:

Esteve aqui o Shah da Persia. Não se falava, por signal, senão dos brilhantes no barrete, no casaco, da cabeça até aos pés — inclusivé. Estava bonito e valioso o descendente de Xerxes!

Eram, ao tempo, caloiros em Coimbra, Bettencourt Rodrigues, hoje medico distincto no Brazil, e outro cavalheiro, seu companheiro de casa, que é *politico em Portugal.* Pobres como Job e como o *Ego*, os dois rapazes escreveram ao Shah, pelo correio, pedindo-lhe um brilhante do carapuço — para matarem na tia Camêlla a fome e sêde de justiça. E puzeram-se á espera da resposta.

Ignoro se o Rei dos Reis teve conhecimento do innocente pedido. O caso é que nem brilhante nem uma simples negativa chegou ao conheci-

mento dos supplicantes. Mas o engraçado era isto:

Todas as manhãs o Bettencourt levantava-se cautellosamente, — que não fosse acordar o outro — e dirigia-se á estação do correio, a vêr se de Lisboa chegara *o brilhante do Shah* — bello titulo para uma scena comico! Não havia brilhante; mas o que já lá estava, — por outra. quem se antecipára ao Bettencourt fôra o outro — por caminho mais curto.

Volvidos dez annos, dizia-me o Bettencourt:

— «Não se me tira da cabeça que o S... recebeu o brilhante!»

Seria a opinião do outro, *pendant* da do Bettencourt? E a verdade? Esqueceu-me de perguntar ao Shah.

O quê? *Gabinete Negro?* Não, que estou velho — como o diabo!

---

*15 de maio.* — Absolvido, como sabemos, *O Paiz* na pessoa de seu director, Meira de Souza,

não houve, terminada a audiencia, senão este parecer:

— «O do governo inventou um comicio permanente, onde não intervem a policia.

Tal qual. Disseram o mais que se pode — o defensor e as testemunhas, com applauso de todo o publico. Bello! E espera-se *horrores* no proximo dia 18 — julgamento do *Mundo*.

Vae n'um sino! E talvez *não vá*.

*

Em 1886, ha vinte annos e pico publicava o *Diario de Noticias*, n.º 7:169, o seguinte:

— «Como é da praxe, reùniu hontem á noite no ministerio do reino a maioria da camara dos deputados. Estiveram presentes 45. Presidiu o decano sr. Scarnichia, tendo por secretarios os srs. Lamare e Barjona, filho.

«O sr. Fontes disse que em nome do governo saudava os deputados e amigos presentes, felicitando mais uma vez a maioria que tão leal e

«desinteressadamente» tinha acompanhado o governo.

«Recordou o caracter laborioso e productivo da ultima sessão; que estava certo de que a actual não será menos util e gloriosa para o partido, e accrescentou que os governos e as situações se renovam, e cahem como Antheu, ás vezes para readquirir novas forças; disse mais que em todo caso só quando chega a hora fatal e não quando teem, como affirmava que a situação presente possuia a confiança da corôa, do parlamento e do paiz. Observou que a questão da fazenda occuparia principalmente a sessão, aconselhou a harmonia e a união, recordando que o partido regenerador nunca se fracionara em mais de trinta annos que contava de existencia. Fez o elogio dos novos ministros, e terminou dizendo: «Só peço que nos unamos e evitemos quaesquer divergencias.»

... A gente lê, e compara e julga.

Córneo mundo!

*4 de junho.* — Tive agora a satisfação de receber do norte duas cartas de paes reconhecidos

e com sobejo motivo para contentamento. Haverá oito dias que, ao chegar eu a casa, muito fatigado e aborrecido, encontrei duas participações, d'esses cavalheiros — que filhinhos seus luctavam com os horrores da *tosse convulsa* — e que lhes remettesse eu *certa receita* que elles não possuiam.

Pois que os padecentes eram creanças, lá foi a receita pelo correio seguinte.

Volvidos uns dias recebi, hontem, as seguintes communicações dos dois paes:

— «Da resposta de V. já tirei optimos resultados...

— «O resultado é simplesmente extraordinario, tendo eu o prazer de lhe participar que a minha filha está em franca convalescença...»

Renóvo aqui a receita, que o doutor Manoel Bento de Souza me deu, ha annos, contra uma *tosse convulsa* do Marius. E peço ás mães de familia que conservem a noticia com o cuidado que anima excellentes pessoas a recortar e conservar folhetins.

. . . . . . . . . . .

Eis a receita e applicação:

— N'uma frigideira de barro, de 5 réis, deita-se 5 réis de flôr de enxofre. Fecha-se alguem, n'um quarto, com a creança e larga fogo á flôr de enxofre. Claro é que não produz labareda, mas fumarada. Quando, á creança, o fumo se torne insupportavel, abre-se a porta do quarto. A operação dura um quarto de hora. Tres vezes ao dia. E ao fim de tres dias — prompto!

*

Casa de Correcção... fracassada!

Referindo-se á Casa de Correcção *do sexo feminino*, instalada nas Monicas, desde que a dos rapazes foi para Caxias, dizem gazetas:

«Tendo o sr. ministro da Justiça recebido varias queixas contra o procedimento do pessoal encarregado das internadas da casa de correcção das Monicas, foi ali pessoalmente inquirir da directora e sub-directora d'aquelle estabelecimento de correcção e ensino o que havia de

verdade sobre o assumpto. O inquerito durou cerca de 2 horas, e em resultado d'elle s. ex.ª mandou proceder a uma rigorosa syndicancia ao referido estabelecimento.

Pena é dizer-se; — a ideia da *correcção das raparigas* teve pouca sorte, ou nenhuma.

*

Lê-se em todos os jornaes:

*Paris, 4.* — Os ministros dos negocios estrangeiros, da guerra e da marinha e os deputados Leon Bourgeois. Destournelles e Constant estiveram esta noite tratando das questões que hão de ser submettidas á conferencia de Haya, principalmente da parte que se refere ao desarmamento. As instrucções definitivas a dar aos representantes francezes na conferencia serão fixadas no conselho de gabinete na quinta-feira.

... Esta chuchadeira da Haya é pyramidal. Desarmamento dos homens? Era o mesmo que extrahir as garras aos tigres!

5 *de junho.* — A proposito de umas obras que se projectam — obras publicas — na cêrca do convento da Estrella, em Lisboa, diz *O Liberal:*

«Damos esta informação e está-nos lembrando, ao mesmo tempo, aquelia celebre phrase do finado conselheiro Marianno de Carvalho :

«Caboucos com 8 metros de profundidade e 150 contos d'altura !»

Tem graça e mais do que isso. Tambem a proposito, me lembro do seguinte :

Ha annos appareceu em Lisboa uma epidemia benigna, que impunha precauções extraordinarias de hygiene e de limpeza. Ora succedeu que no pateo de um estabeleeimento do estado havia no lagedo consideravel numero de buracos, nos quaes se ia depositando agua pouco limpa. Pensou se naturalmente em acabar com aquelles *depositos*, tapando os buracos em questão. Era coisa de meio dia de trabalho de dois homens e alguns kilos de betume : á larga, um orçamento de 5 mil réis.

Chamados os trabalhadores, ia a principiar-se

o arranjo, quando succedeu apparecer no edificio um constructor de obras publicas, do respectivo ministerio. *Para ver*, indicou-se-lhe a *obra* a realisar e perguntou-se-lhe em quanto importaria. Respondeu :

— «Trato d'isso. São 600 mil réis.»

... Não se riam. E' um documento da nossa desgraça.

*

Outro documento :

Referindo-se a despezas varias com o pessoal, que surgem no horizonte, diz um collega meu, em vesperas (?) de eleições :

«E' verdade que um progressista que estava meio resolvido a fazer-se franquista diz que não lhe dá o governo verba que se veja para as estradas do seu districto porque o dinheiro vae ser todo gasto com o pessoal, e as verbas para serviço de fomento ficaram reduzidas a quasi nada».

... E vae d'ahi o homem fica-se, leal, no seu partido.

Está certo.

*6 de junho.* — Como testemunha em processo de imprensa, dizia, um dia d'estes, no tribunal da Boa-Hora, Theophilo Braga :

— «Eu acompanho na vida, com observação e sentimento, os meus alumnos do Curso Superior de Lettras, quando elles terminam aquelles estudos.

Passando dos estudantes do Curso Litterario aos *incorrigiveis* da Casa de Correcção em Caxias, devo registar, sem violação de segredo profissional, e pois que não está *em cima* quem barafuste contra revelações publicas, — que em Caxias, o sub-director, padre Antonio d'Oliveira, segue o processo do sabio professor : — não perde de vista, pela vida fóra, os que dirigiu na aprendizagem da existencia, lidando por encaminhal-os a bom destino.

E' assim que amiudadas vezes o benemerito funccionario pede informações, pessoalmente, ou por escripto, aos commandantes dos regimentos e aos mestres de officinas, em Lisboa ou na provincia, e até mesmo fóra do continente, ácerca do comportamento e sorte dos ex-reclusos da Correcção que seguiram aquelles destinos.

. . . . . . . . . . .

E foi assim que, ainda ha tres dias, vieram dar geral satisfação á Casa de Correcção do sexo masculino diversos officios de commandantes de corpos, testemunhando que todos os rapazes idos d'aquella casa se teem distinguido pelo seu excellente comportamento e com amor ao trabalho, e que vivem satisfeitos com a sorte.

Não se perdeu tempo com os pobres *incorrigiveis.*

*

Cá estamos na logica dos factos. Olhem para isto :

«Londres, 4 de junho, de manhã. — O correspondente do «Daily Chronicle», em Vienna d'Austria, telegrapha áquelle jornal londrino, affirmando que os chefes do partido legitimista iriam a Vienna pedir ao sr. D. Miguel de Bragança que reclamasse a corôa de Portugal.

«Vienna, 4 t. — A «New Frei Presse Zeit» dizia que os circulos frequentados por D. Miguel de Bragança declararam que elle se conserva, como official do exercito austro-hungaro, afastado de intrigas politicas.

«Todavia o «Zeit» julga saber que se a corôa de Portugal lhe fosse offerecida a aceitaria».

Está bem; mas já o disse, á hora da morte, Edmond About:

— «Offereceram-me tudo; aceitei tudo, e não me deram nada.»

---

*7 de junho.* — O assumpto do dia é uma carta do sr. Arthur Marinha de Campos, a despedir se do partido franquista. Peça de convicção, deixa-nos a certeza de que, podendo falhar os *interesses*, prevalecem os *principios* com a *paixão.*

Nobre documento! E salutar corrente de ar puro n'esta villissima atmosphera!

Ora, ahi temos um homem!

*

Da Arcada á *Lucta*:

«O sr. ministro dos estrangeiros chegou hontem á secretaria pela 1 hora da tarde.

«Não encontrando nos seus postos a grande

maioria dos empregados, ficou bastante indignado e determinou que d'ora ávante devem comparecer todos nas repartições ao meio dia, demorando-se ali até ás 6 horas da tarde.

«Se durante as horas do expediente algum empregado se ausentar por mais de meia hora, trabalhará depois das 6 da tarde tanto tempo quanto o que tiver estado ausente.

«Tambem, só em Portugal um ministro vae para a sua repartição á 1 hora da tarde.»

Eu, que tenho visto muito, só vi um ministro ir para a secretaria antes de todos os empregados, muito antes do meio-dia: — o sr. José Novaes. Até parecia mal aos serventes.

Ainda está por vir quem faça trabalhar ás horas de trabalho — e não convide a trabalhar ás horas de quebranto.

Mas *a sério* é sempre *a rir*.

*

Esta manhã o velho miguelista meu visinho, ao vêr-me, deu vivas a Garibaldi e cantou a *Maria da Fonte*.

. . . . . . . . . . .

O cão amarello parecia doido. E' da agonia... é do estertor!

---

*8 de junho.* — Leio que o sr. director dos serviços sanitarios, dr. Joaquim Urbano da Costa Ribeiro, acompanhado pelo procurador regio, visitou hontem as cadeias da Relação, a fim de verificar as suas condições hygienicas, e que s. ex.ª encontrou tudo «em relativas condições de limpeza.»

Em 1874, quando eu ali estive hospedado, por ter disparado um tiro contra um assassino, as *relativas condições* eram — a mais absoluta porcaria.

Um horror! Mas isso foi ha 33 annos.

*

Que *alguem* ou *alguma coisa* vae passando d'este a outro mundo, não soffre duvida. O excommungado cão amarello da visinhança não me deixou dormir, a noite passada, nem meia hora. Sempre a ladrar a morte!

. . . . . . . . . . .

Pela sua parte, o velho miguelista meu visinho do 1.º andar, convencionado de Evora Monte, tem na voz tremula umas inflexões macabras. E' quando garganteia, trocista:

— *Liberal Constituição!*

Cebo!...

---

*9 de junho.* — Camaras municipaes fervilham em Lisboa, para irem ao Paço (na quinta-feira) queixar-se ao rei — da dictadura, S. M. auctorisou.

E o sr. D. Carlos respondera ás camaras—que recommendara o assumpto ao sr. João Franco (presente!), que exerce dictadura auctorisada por S. M.

As taes camaras não terão mais que fazer?!

*

O Tabaco:

N'uma importante folha jornalistica dos Estados Unidos «The Colorado Gazzete», lê-se:

«... O tenente W. E. Bennett Jr., encarregado darepartição do recrutamento em Nova Orleans

(E. U.) é citado pelos Jornaes como tendo affirmado que, de 100 mancebos recenseados, só vinte e nove estavam physicamente aptos para o serviço militar, sendo causa da incapacidade dos restantes, enfermidades provenientes do uso do cigarro.

«O superintendente das escolas publicas do Maine dirigiu, ultimamente, uma circular á mocidade condemnando o uso do tabaco, como prejudicial ao vigor physico e moral.

«E' notorio ser o mortiphero cigarro a origem de degeneração juvenil; e está provado que muitos adolescentes estão physicamente impossibilitados por effeito da inhalação da venenosa nicotina. Aquelles em quem o habito é inveterado, são, em geral, fracos, mental e moralmente; e grande percentagem dos incorrigiveis, reclusos nas casas de correcção d'este paiz (E. U.), foram pervertidos pelo uso do cigarro».

... Justo! Justo!

---

*11 de junho.* — Suicidou-se em Lisboa o sr. Luciano de Castro Freire. Era director nas obras publicas e pôz termo á vida em casa de seu irmão, onde se achava em tratamento de neurastenia.

Ha mezes foi suicidar-se, ao Norte, Frederico de Abreu Gouveia, — tambem director n'um ministerio, — tambem neurastenico, — tambem em casa de seu irmão.

*

A neurastenia, cruel *causticação* moderna, é muito desconsiderada no meio clinico official. Os Inglezes nem doença lhe chamam : é apenas *that thing* (aquella coisa). Mas é certo que leva ao suicidio muitos dos seus martyres. E agora me pergunta um curioso :

— «Mas se é um esgotamento nervoso, como é que dá energia para morrer ?»

— Como esgotamento nervoso, tira a força para esperar a morte natural. Acho eu.

E tira as disposições para *gosar a vida.*

Adiante !

*

Do *Liberal*, a proposito da hypothese miguelista :

«Os monarchicos portuguezes farão como os monarchicos francezes, que foram lançar mão de rei legitimo — Luiz XVIII ?

«Ha quem assim pense. E até se diz que a chancelaria de Berlim trata de *proteger* a restauração da monarchia legal de D. Miguel. Tudo póde ser. Mas se D. Miguel voltasse a ser rei de Portugal, como voltaram os legitimos *Bourbons* á França, tambem uma tal monarchia haveria de seguir os destinos da monarchia da Restauração, que caiu aos farrapos nas mãos de Carlos X. O espirito liberal e progressivo não se póde abafar. Impossivel.

«Quem o tentar engana-se. E' um facto sem excepções na historia. Todos os que pretenderam travar o movimento progressivo dos povos, morreram».

... E' certo. *Todos* morrem ; mas ás vezes duram demasiado.

*

Nas gazetas:

«New-York, 9. — Deu-se um attentado contra Rockfeller, o homem mais rico do mundo, na occasião em que estava na egreja ouvindo um sermão».

... Naturalmente, o aggressor foi algum dos mais pobres do mundo, — tambem ouvinte do sermão e suggestionado pela condemnação dos ricos.

---

*14 de junho.* — Uma das ultimas dôres que eu levo não se sabe para onde, é — a *solução do conflicto academico.* Dôr sem surpreza. A' similhança de Henrique III (o Valois), tenho sido muito atraiçoado, mas nunca ninguem me enganou...

E' certo que hoje ninguem pensa em mim, *pessoalmente*, para enganos. Mas eu cá me entendo.

*

A proposito de *tudo isto*, dizia-me hontem, ali no Chiado, um industrial do tradicionalmente liberal Porto, estabelecido em Lisboa, prosperamente, ha mais de 30 annos:

— «O povo desinteressa-se das irritações partidarias, porque dentro do regimen, todos teem *trabalhado* sem se importarem com elle. A' ultima hora, como o rei falhe, *aqui do povo!* Não me parece que v. diga: «*Estás certo*». E' claro que só me refiro aos *politiqueiros*.

«O certo e indiscutivel é que os *80 a 90* %, de quem v. fala, principiam a adivinhár — por onde *é o caminho*».

— Eu não dizia?
— Não ha duvida.

*

Em comicio de 100 mil manifestantes, acabam de pronunciar-se em Carcassone (França) os populares d'aquellas regiões vinicolas, contra as

maniversias dos politiqueiros. Trecho de um discurso do principal agitador:

«A vossa opinião não é de que são necessarias medidas energicas? (Sim, sim, respondem milhares de vozes).

«Estaes resolvidos a não pagar impostos? (Sim, sim). Que não tentem pois vir ás nossas communas, buscar o que não possuimos!

«Resta um segundo ponto. Foi resolvido na reunião de Beziers, por *ultimatum*, cujo praso termina hoje, que todas as municipalidades dos departamentos federados dariam a sua demissão dentro de tres dias, se não nos dessem satisfação. Chegou a hora. O cidadão Ferroul, meu dedicado companheiro, vae dar o exemplo (Viva Ferroul!) A demissão de toda a municipalidade está proclamada. Viva o Sul! Viva o vinho natural!

«A resposta da multidão foi formidavel, e no meio de berraria infernal d'essa massa humana super-excitada só se ouviam os clamores de *demissão, demissão*...»

.. Comparem!

. . . . . . . . . . .

*

Hontem, ao terminar a visita das camaras municipaes ao Paço das Necessidades :

«O rei declarou a todos os commissionados que recommendaria as representações ao seu governo.

«Finda a recepção, o sr. conselheiro João Franco ainda se demorou algum tempo a conferenciar com el-rei, que, acompanhado do sr. major José Lobo, embarcou mais tarde, novamente, no caes das Galeotas, dirigindo-se para bordo do hiate *Amelia*.

. . . *Viva !*

---

*1 de julho.* — Andam na berra em Portugal as revelações do *Livro Vermelho* de Luiz XVI, o marido da intrigante María Antonieta. E destaca-se o seguinte :

«O total das sommas accusadas no «Livro Vermelho», sommas estranhas ás pensões e aos apa-

nagios dos reis e dos principes sobre o thesouro real, isto como quem hoje dissesse *adeantamentos ilegaes*, subiam, durante o mencionado periodo, á espantosa quantia de duzentos e vinte e sete milhões novecentos e oitenta e cinco mil e quinhentos e dezesete libras! Só n'esta quantia, as dividas dos irmãos do rei, *Monseur* e o *conde de Artois*, pagas duas vezes pelo monarcha, tinham sangrado e thesouro em vinte e oito milhões trezentas e sessenta e quatro mil e duzentas e onze libras».

... Isto foi em 1790 chamado á publicidade, pela Assembleia Constituinte em França. Pois em 1793, Luiz XVI largava no cadafalso a cabeçôrra — e em 1815 *Monsieur* (Luiz XVIII) subia ao throno francez e reinava socegadamente até 1824, anno em que morreu *fiel á Constituição.* E de 1824 a 1830 reinou o *conde de Artois* (Carlos X) expulso de França, com os seus validos, *por attentado contra a Constituição.*

Succedeu-lhe Luiz Filippe que em 1848 perdeu o throno e a patria, *por igual motivo*:

A Historia impõe-se, mas a basofia é incorrigivel — principalmente nos nulos.

*

Assim se diverte a *Lucta* com um pobre de Christo:

«Um dos mais furibundos governadores civis que ha no paiz é o sr. visconde do Banho. Sua ex.ª tem um odio cego á imprensa. São assim todos os que não sabem escrever, e gostariam de ver o seu nome subscrevendo alguma coisa de geito. O sr. visconde não é homem para essas coisas. Escreve ovos com **h**, e em cartas a pessoas intimas usa sempre d'esta formula — *meu* **crido** *amigo*.

«Assim sendo, explica-se maravilhosamente que o sr. visconde seja o governador civil que metta já no seu activo maior numero de suspensões. Talvez não fosse mau, a experimentar, metter o sr. governador civil de Vizeu dentro do seu titulo, a quarenta graus. Talvez acal-

masse, o demonio do **omem**, como elle usa escrever.»

... E, se calhar, não toma *banhos*.

Como o padre do *susto*, — que nunca lavou os pés!

---

*2 de julho.* — Dizia-me hontem um dos marechaes regeneradores:

— «Nem pensar em tal: na hypothese de um accordo com o governo! Seria o caso de eu emigrar. A situação é simples: ou vamos para a urna, ou continua *isto*. Póde continuar *isto?* Pois que continue, como novidade historica. O que lhe juro é que ninguem com auctoridade nos partidos pensa em tal coisa».

Registrado.

*

A proposito do embarque, hontem, do principe real para Africa, diz o *Liberal*:

«Notou-se a pronunciada ausencia de mem-

bros das opposições monarchicas, vendo-se só junto de el-rei, na ponte, antes da partida, os srs. conselheiros Eduardo Villaça, Sebastião Telles, Arthur Montenegro e Mathias Nunes.

«O sr. Hintze Ribeiro e os marechaes do partido regenerador não compareceram».

São militares os srs. Villaça, Telles e Nunes. *Paizano chegando-se* só o sr. Montenegro.

D'este se póde dizer: — Escuzam de procurar; não ha outro.

---

*6 de julho.* — A famosa Luiza de Saxe, divorciada do actual rei de Saxe e ex-amiga do pintor, acaba de originar um novo escandalo em Roma, onde se hospedára em casa do conde Guicciardini, que em breve se apaixonou por ella. O que se seguiu é facil de prevêr: a condessa incendiou-se em zelos e o marido requereu o divorcio.

E' de casta a bebeda!

*

No ministerio respectivo anda-se n'uma lufa-lufa, por causa dos 4:068$000 réis de Monção. E gloria ao virtuoso *susto!*

*

Coisas tristes. Vejam isto:

«Cidade do Cabo, 4 — O general Botha, primeiro ministro do Transvaal, falando do «memorandum» do alto commissario lord Selborne, contesta a passagem do «memorandum» que diz fazer o porto de Lourenço Marques aos portos inglezes da Africa do Sul uma concorrencia desastrosa; e accrescenta que elle, primeiro ministro, e o seu governo terão sempre para com Portugal uma attitude sinceramente amigavel».

Da parte de *um boer* para com Portugal, é dar-nos com a generosidade na cara.

.............

*

A um mais novo, que me refere, desabafando coisas tristes:

— Não se desconsole. Quando faz exame qualquer creança e com feliz resultado, succede, em regra, haver em casa mais ou menos satisfação: em casa dos pobres e dos ricos.

Pois eu, que sempre tive sorte, fui excepção á regra. Quando fiz exame de instrucção primaria, sem a minima recommendação que animasse os meus pobres 10 annos, tendo sido aprovado e depois beijado pelos examinadores — João Felix Pereira, Luiz Francisco Midosi e padre José de Sousa Amado, no Lyceu de Lisboa, em 1859, cheguei a casa e ouvi apenas: — «Has de ganhar muito com isso».

Por essa e por outras ganhei ficar, por toda a vida, aquillo que João Chagas notou no seu livro *Homens e factos*. E' a pag. 67...

Pois foi assim.

---

*8 de julho.* — Vejo impresso que nada se tem dito ácerca do que o nosso grande marquez de Soveral não deixará de ter produzido na conferencia de Haya. Naturalmente, invejas ! — opina-se.

Não será isso. O provavel é que o grande marquez mettesse a viola no sacco. Eu explico.

Em tempos, um titular palatino publicou uma obra litteraria ; e vae d'ahi o nosso grande marquez desata a barafustar :

— «Que um homem, quando chega a certa altura, deve deixar de escrever.»

E foi assim que Victor Hugo escreveu emquanto viveu, e o nosso grande marquez nunca foi capaz de escrever uma carta á familia. Escreva, se é capaz ! Faça de conta que é mais pequeno do que Victor Hugo !

Abobora menina, ou porqueira ?

*

Pergunta-me um amador :

— Que lhe parece : pegam-se os Estados-Unidos e o Japão ? E quem leva ?

Sem ares propheticos :

— Pegam-se.

— Leva o Japão, e devéras.

*

Camillo :

Quer justamente saber *um camilista* — o que temos a respeito do *monumento a Camillo.*

Urgente era assegurar o pão á familia do Mestre. Fez-se. Agora espera-se que *tudo isto* entre nas calhas, para se pensar no assumpto. O dinheiro apurado está na Camara Municipal de Lisboa.

Muito a proposito de Lettras :

Escreve-me *um mais novo :*

— «As suas referencias a *Benalcanfor* e a *Teixeira de Vasconcellos* não ficarão impunes e talvez o raio lhe caia da Academia.»

Sim ? E eu digo-lhes como Camillo a outros bolas: — D'aqui lhes envio um suave pontapé ao deposito timpanitico das suas coleras. Rebentem!

---

*9 de julho.* — Contou-me o padre Senna Frei-

tas, depois de commigo reconciliado, esta *sahida* do nosso grande Camillo Castello Branco: — «Estavamos, na Povoa de Varzim, abancados n'um café, quando se aproximou de nós um sujeito que interpelou Camillo, como se conhecidos fossem, bem relacionados. Recebeu-o Camillo com um ar, que elle tinha, de afugentar a caça. Safou-se o homem, e Camillo, voltando-se para mim, disse-me, n'um tom desolado:

— «Nem sequer nos deixam aborrecer em paz!...»

Tem o cunho.

*

Como sabem, homisiou-se, para não pagar uma multa, o homem mais rico do mundo, um tal Rockefeller, dos Estados-Unidos.

A imprensa Americana chama-lhe nomes. Se o fizessem jornaes portuguezes, os tribunaes lh'o diriam. Vejam lá se eu me atrevo a bulir com o *tio do sobrinho, d'Alhos Vedros!* Pois não buliste, nata dos respeitaveis!

. . . . . . . . . .

*

Um lisboeta escreve ao *Seculo*:

«Lembrando o estado verdadeiramente indecente em que se encontram as sargetas, na maior parte das ruas de Lisboa, e pedindo a v. que, pelo seu conceituado jornal, chame a attenção dos dirigentes do serviço sanitario do municipio, creio prestar um serviço aos moradores e transeuntes d'essas ruas.

«A falta de limpeza e o mau cheiro que as sargetas exhalam são tão flagrantes e notorios, que seria ocioso insistir, mas sobre o caso. — De v. etc., — *Um constante leitor.*»

Pois sim: o fedor é de *tudo isto*, e as sargetas são bodes expiatorios!

Outro de Lisboa pede ao ministro da fazenda (*Martins de Carvalho*, acho eu) que tenha dó dos contribuintes, alargando o periodo do pagamento de decimas.

E quem teve dó *d'elle*, — quando até chegaram á penhora!

Justiça! Justiça!

*

A respeito dos 4:068$000 réis de Monção, avulta a ideia entre diversos cidadãos com vergonha e ciosos dos dinheiros publicos — de chamar para o caso a attenção do sr. Procurador Regio junto á Relação do Porto. E' aceitavel. Não desejará, nem permittirá esse magistrado que vinguem ludibriar e emporcalhar a justiça os velhos processos da fétida intrujice.

A vêr!

---

*10 de julho.* — Eleições. Todos pensam n'ellas e raros falam no assumpto. Nóto, ha dias, que, por uma especie de accordo tacito, individuos mais ou menos cotados na *velha politica* mostram-se desinteressados no que vae acontecer e, naturalmente, no que succede. Mas o seu ar de indifferença é tão preto que é impossivel que não seja branco. Ainda hontem me dizia um regenerador graduado:—«Só você e o João Franco pensam nas eleições.» Entendido.

Anda no ar um prenuncio de surprezas deplo-

raveis. Não ? Vae-se ver. Falo de deserções, de accordos locaes, de traições e de velhacadas. Ahi teem pequenos e réles episodios demonstrativos : n'uma secretaria do estado, varios plumitivos madurinhos eram, ha 15 dias, alpoinistas ; como quem diz : olhavam para as mãos do sr. Alpoim. Chega o 1.º de julho, com o augmento de vencimentos : são francaceos os patriotas, — bons sacristas do padre do *susto*. . Para elles !

*

Que os partidos teem montadas, ha muitos annos, as suas machinas eleitoraes. Poderoso argumento! Logo que um governo cae, com immensa maioria de eleitores, a mesquinha opposição com uma duzia de representantes vê-se — pois não é assim ? — pletorica de popularidade, e em tres semanas enche a camara de deputados *seus*, desmanchando-se a machina do governo despedido. Não ha, pois, machinas montadas; ha traições, estupidez, venalidade, inconsciencia, e ha isto, que vem hoje nas gazetas :

— «O sr. visconde do Banho, governador civil de Vizeu, conferenciou hontem com o sr. ministro das Obras Publicas, sobre varios melhoramentos a realisar n'aquelle districto, especialmente a distribuição de fundos para estradas.

— «O deputado sr. Luiz José Dias teve hontem uma conferencia com o sr. ministro das Obras Publicas sobre varios melhoramentos a realisar no hospital civil de Monção.»

O padre do *susto* a sanear... Para elles!

Em conclusão: esperem-lhe pelas eleições — e durmam!

*

De Milão. E' para rir:

— «O jornalista Civinini diz ter-se avistado com ministros estrangeiros, a quem leu o telegramma publicado no Corriere d'ella Sera» e referente ao pedido de conselho feito pelo Rei de Portugal a Sua Santidade e ao soberano da Italia, a proposta da questão politica: diz que a resposta do conselheiro Luciano Monteiro foi um movimento de riso.»

...........

Em boa verdade, temos nota burlesca, e, pois que com italianos se trata, não faltará *opera buffa.*

Outro assumpto no genero. A'cerca do sr. Luciano Monteiro diz *A Lucta :*

«E' a primeira a que liga o seu nome, mas é uma reforma para se registar. O sr. ministro dos negocios estrangeiros, que nunca foi para cavallarias altas, mandou apear os correios do seu ministerio obrigando-os a andarem á pata »

A' altura ! Tóma, Metternich !

*

Foi decretada a transformação da *via estreita* em *via larga* do caminho de ferro de Extremoz a Portalegre.

Quem será o Alemtejano — com o *susto* á medida ?

---

*14 de julho.* — Inevitavel a guerra : socegue o

burguez pacifista, muito ávido e carecido de noticias belicosas—para abrir o appetite ao almoço! Vamos ter o bom e o bonito — entre os Estados-Unidos e o Japão. Um dia d'estes tive eu uma entrevista com Ladislau Batalha — um especialista em *progresso japonez*, e disse-me o estudioso collega que a derrota dos Estados-Unidos é inevitavel. Talvez não seja. Certo é que os japonezes terão tempo de *mandar* no Pacifico: mas depois...

No entanto, dois telegrammas patuscos:

I

«Londres, 12. — Dizem de New-York que o almirante Jamamoto assistiu a um banquete offerecido em sua honra pela Sociedade Japoneza, vendo-se entre os convivas Aoki, embaixador do Japão, o almirante Dewey, Obrien, novo embaixador da America em Tokio, etc.

O almirante Jamamoto proferiu uma alocução cheia de deferencias para com os americanos, affirmando que os japonezes se hão de recordar sempre da sympathia da America por occasião

da guerra Russo-Japoneza, e concluindo por dizer que as cordiaes relações entre os dois paizes, as quaes datam de ha cincoenta annos, jámais serão perturbadas por incidentes insignificantes.»

II

«Londres, 12.—De Tokio referem que o jornal do marquez, Ito, alludindo á concentração da esquadra norte-americana no Pacifico, diz o seguinte: «Lamentamos que Washington julgue necessario tomar estas medidas de precaução; não queremos, todavia, duvidar da sinceridade das ultimas declarações de Roosevelt e esperamos confiadamente os acontecimentos.»

... Coisa parecidissima com o que diziam ao mundo civilisado os Japonezes, em referencia aos Russos, horas antes de assaltarem traiçoeiramente Porto Arthur. Os Americanos sabem.

*

O nosso homem :

«Londres, 12. — O *Times* insere parte do discurso de Ruy Barbosa proferido na conferencia da Haya, e que causou sensação.»

Onde temos o marquez de Soveral, ouve-se o enviado do Brazil. O nosso — moita! — E' que espera a inspiração de Metternich Monteiro — o dos correios apeados — para ser eloquente... com os homens.

Abobora — com môlho de tomate!

*

A respeito da revolução, estou me lembrando de um episodio. Foi nos tenebrosos dias do Terror, da Revolução Franceza, quando da morte dos Girondinos. Na vespera do supplicio estava na prisão Vergniaud, o maior de todos elles, quando alguem lhe levou uma creança, a visital-o. E então Vergniaud, beijando o pequenito, disse-lhe:

— «Meu menino, quando fôres homem, dize que viste Vergniaud, o fundador da Republica,

na vespera do seu melhor dia : o da morte pela liberdade dos povos !»

Que homens !»

---

*18 de julho.* — Infelizmente, modo de dizer, acertei ! sem difficuldades — ao prever o resultado da *acção* no Supremo Tribunal. E realmente que havia a esperar dos *anciãos d'este povo?* Ha até uma exclamação eloquente do venerando e douto José Pereira, presidente interino do Supremo, quando rebentou a pateada do publico : — «Isto que é, meus senhores ? !» Lindo movimento de espanto ! — «Que é isto ? !» — Arroz com chouriço ! Ora, vão agora explicar a *lei nova*, que nos espiritos vae apparecendo, aos doutos e venerandos ! Chega a ser falta de respeito pelos direitos de Decrepitude !

Dizia-me hontem um auditor da lastimosa comedia-drama : «Os governos, em regra, tem seguros estes homens pelo terror do *limite de idade*. E' opinião assente e desperta naturalmente outra: — Pois já é tempo de prestar ao senso commum da Lei um tal tributo. Reformar os generaes que, na paz putrida em que vive-

.........

mos, nada fazem, nem tem que fazer, — porque attingiram, vigorosos alguns d'elles, os sessenta e tanto annos d'idade, e conservar honra, vida e fazendas de milhares de cidadãos e de familias á mercê, em ultima instancia, de octogenarios em vizão da Morte, parece me abuso de sandice, em deixar germinar, por tal motivo, a suspeita quasi geral do que se especula com tál situação, e, para *segurar os pobres homens*, — é d'uma troça especialmente tragica. Que figura se impõe, na hora final, aos pobres velhos ?!

Espera-se agora um conflicto entre o Supremo e os da Relação — menos deteriorados. Mas tudo se liquidará, em harmonia com a scena de hontem. Certo é que os poderes *representativo* e *judicial* sumiram-se e que só existem os outros dois — aliaz um : o *executivo sem moderação*. E foi para isto que luctastes, ha perto de 80 annos, bravamente, ingenuos e tezos portuguezes de uma cana e de uma fé !

---

*19 de julho.* — Affirma-se que o sr. José Luciano deu ordem para começar trabalhos eleitoraes — contra o governo.

Foram os *marechaes* que traíram Napoleão e a França. Cautela com o marechalato !

*

Até que finalmente principia a desenrolar-se a investigação ácerca dos 4:068$000 réis de Monsão. Era uma vez *um susto !*

*

Conta-se com scenas interessantes após a attitude do Supremo Tribunal. Acatada que seja em 1.ª instancia a decisão do côro dos velhos, a parte prejudicada não deixará de appellar para a Relação. Estaes vendo.

---

*21 de julho.* — Do *Liberal* — para que medre o aneurisma :

«Que noticias chegariam das Pedras Salgadas ?

«A' falta de melhor assumpto, nos centros do bom cavaco politico, e até no Credito Predial, falou-se hoje muito no facto inesperado de te-

rem reunido hoje em Cintra os ministros. Elles lá foram para a aprazivel villa, com cara de desconsolo.

«E o facto deu origem a boatos de crise.

«Mais devagar. O rei já deve estar cançado de ouvir tantos *vivas á Carta* e tão repetidos *morras ao dictador*, mas até terem vindo tão más noticias das Pedras Salgadas, que lá se possa dar a *dictadura* como periclitante, parece-nos que ainda vão pelo menos dois mezes.

«E o caso da partida dos ministros para Cintra póde explicar-se por qualquer necessidade de somenos valor.

«Ámanhã até vamos lêr nos jornaes officiosos que os ministros foram cumprimentar Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia.

«Deve ser isso.»

... E foi. Desenganemo-nos : o rei já não é chamado a intervir no *caso.* Estão em scena os Destinos Historicos, — aquillo que teria feito morrer Mirabeau na guilhotina, se o grande homem não tivesse o bom gosto de morrer na cama — antes de *embargar* a Revolução.

De cima a baixo não ha *iniciadores*; ha utensilios, ha materiaes e ha entulho: exemplo, *o padre do susto.*

Creia-o a vaidade dos homens!

*

Emquanto os Estados-Unidos e o Japão dão cuspo nas mãos e preparam tragedia, o imperador da Abyssinia dispõe-se a expulsar da Africa os Italianos — com rataplan de coices na rabadilha. Opera buffa!

Quando se falla em guerra e na Italia, lembro me sempre d'aquella facecia cynica de um Fernando de Napoles.

Em conselho de ministros, fallando o Pimentel Pinto napolitano em dar couraças á cavallaria, o rei apoiou, explanando:

— «Será bom fazer-lh'as para as costas, que é o que os meus soldados mostram ao inimigo!»

Lá vem o preto, ó da sopa de rabiolis!

---

*22 de julho.* — Um radactor do *Matin*, que a

Lisboa veio saber do andamento da nossa vida politica e social, resumiu assim os seus estudos:

— «Bom povo, hospitaleiro, etc., mas *ça ne marche pas.*»

Quer dizer : — «mas não anda.»

*

Está certo. Nem mais se póde vêr em tres dias, e raro se exprime tão eloquentemente uma situação. *Não anda.* E' assim em toda a linha : na sciencia, nas artes, nos officios, no commercio, na politica, etc. Apenas anda... no *susto.* Para elles !

Avançaram os *80 a 90* °/₀ — adivinhando onde está o gato ; mas depois foram até ás hortas, a vêr onde está a zurrapa mais baratinha.

... Nem andarão tão cedo. E' o castigo !

*

Dizem ingenuos — que o sr. D. Carlos impõe ao sr. João Franco o conselho de Estado, para resolver o indulto dos estudantes.

E os do conselho de Estado — que dizem ?
(Quem diabo se está a rir ? !)

*

Do sr. Paiva Couceiro (em Loanda) á direcção Geral do Ultramar (em Lisboa) :

«Loanda, 20 de julho — Sua Alteza o Principe Real partiu hontem, ás 12 da noite, para Lourenço Marques, de esplendida saude. A despedida foi brilhante, entre aclamações continuas. O trajecto estava illuminado, assim como na bahia innumeros barcos fazia cortejo. A bahia cheia de luz, fogos e musica.—*Paiva Couceiro.*»

... Parece a imagem da Patria : — luz, fogo e musica. O presidente da camara de Bellas não o diria melhor.

Adeante !

---

*24 de julho.* — Os boatos a contas com o aneurisma ! Um compilador de *tonicos* trouxe me hontem á noite e seguinte ;

I

Da *Lucta*:

«Parece que, na verdade, anda coisa no ar. Os amigos do governo mostram-se aprehensivos, e quasi todos passaram a fallar uma oitava abaixo, quando fallam do seu portentoso chefe. Pois que tanta paixão mostra pelo direito consuetudinario, o governo não estranhará se cair como os outros — escorregando n'uma casca de laranja.»

II

«Diz-se que, na verdade, *João, o Redemptor* — como elle se intitula ao jornalista italiano — encontrou a malfadada casca de laranja.

— «Que, por isso, talvez já esteja escripta uma nova carta de 16 de maio. Certo é, porém, que se procura outro *Redemptor*.»

Refere-se á insistencia do rei em que se convoque o conselho d'Estado e diz que o sr. João Franco respondeu ao rei — que estava disposto a entrar na normalidade constitucional, e a fazer eleições. Para isso propuzera um accordo ás

opposições, que foi rejeitado. Ouviram-se os governadores civis, e, segundo os seus informes, era impossivel fazer eleições antes de novembro. Em taes condições, parecia-lhe intempestiva a reunião do conselho de Estado. A demais constava que os conselheiros não iriam á reunião. Parecia-lhe, portanto, que e indulto se devia conceder, sem parecer do conselho, no dia 28 de setembro.

— «Que o rei mostrou já o seu desagrado pela resposta do chefe do governo.»

III

Do *Liberal*:

«Não se esqueceu ainda o monarcha que n'aquelle dia um transmontano *que tem que perder* lhe poz a mão no hombro e lhe disse: *abaixo a dictadura!*

«E el-rei, como na visão clara das suas obrigações de rei constitucional, disse a um franquista que no momento tentava ler-lhe um papel de elogio ao absolutismo, que se retirasse. . E o monarcha, pallido, entrou a seguir para a carruagem, onde elle e a comitiva ficaram como

que petrificados, taciturnos e aprehensivos pelo que acabavam de ver e ouvir.»

*

Concluo que, apesar de tudo, *fica*. E' certo que muito tem tropeçado, que tem entre os partidarios muitos borra-botas que se cortam no pezo e na medida, que falsificam e roubam e que applaudem o *regresso á virtude*; é certo que *ça ne marche pas*, como diz o outro; mas, amaldiçoados e castigados sejam os que tornaram *isto* inevitavel.

*

Benzera-me eu hontem, ao findar a minha carta, á conta de a auctoridade offerecer collocação em Africa ao joven poeta calumniado de inimigo da Sociedade, quando nas *Novidades* li:

«O sr. Juiz Veiga, que não é tão iniquo nem tão feroz como os seus subordinados o fazem e o pintam, inteirado de tudo, mandou-lhe abrir a masmorra, promptificando-se até, ao que parece, a conseguir-lhe collocação no Ultramar,— que o

poeta, é claro, em homenagem ao ideal, aos versos e aos seus 18 annos, rejeitou altivamente.»

Tal diziam as *Novidades* de hontem, mas no *Seculo* de hoje lê-se :

«Aconselhado pelos amigos e reflectindo no caso, o antigo estudante Eduardo Metzner, que esteve no governo civil como suspeito de professar ideias libertarias, resolveu aceitar o cargo que lhe foi offerecido de 2.º aspirante da repartição de fazenda em Lourenço Marques, para onde deve partir no paquete do dia 1 de agosto »

... Boa viagem, Patusco.

---

*25 de julho.* — Acerca da abobora — que arroz é agua :

«Londres, 23. — Com Eduardo VII e a rainha Alexandra, regressou hontem a esta cidade o sr. marquez de Soveral que, com os soberanos foi hospede de lord Lansdowne.

«O diplomata portuguez não seguiu hontem, mesmo para Haya, em virtude de um convite

que Eduardo VII lhe fez para jantar no palacio real. O sr. marquez de Soveral partiu hoje para o continente, ás 7 horas e 35 da noite, indo á «gare» de Victoria despedir-se entre outras pessoas o principe Futschem-berg, secretario da embaixada austriaca; os srs. Camara Manuel, Ferreira de Almeida, Oscar de Araujo e representantes de jornaes portuguezes.

O ministro de Portugal n'esta côrte declarou ir resolvido a sustentar na conferencia da Haya a sua proposta de arbitragem obrigatoria, para a qual espera obter maioria de votos.»

... Deve ser do proprio. Vae distinguir-se. Dá vontade de rir; mas logo lembra aquillo de Victor Hugo (em variante):

— «A insignificancia tem sede de consideração.»

Tem.

*

Opinião generalisada:

Que os conselheiros de Estado se negam a

intervir na questão do indulto e que por isso o governo se sente embaraçado e receioso.

E' mesmo um *diz-se* do *Mundo*.

Diz um francaceo ex-contrabandista e actual virtuoso que o *dictador* passará por cima da ausencia do conselho — e seguirá.

E que depois, se vir bem paradas as eleições, ha de fazel-as. Se desconfiar do exito, não as fará. E seguirá.

E que *o resto*... cantigas!

Vamos vêr.

*

Dois atrozes *diz-se* do *Mundo*:

— «Que tres dos decrepitos juizes do Supremo vão ser feitos pares do reino.

«Outros não se contentam com honrarias.

— «Que vão ser augmentados os vencimentos dos referidos juizes»

São os Sebastianistas do *Burro do Senhor Alcaide*, salvo a ingenuidade.

Sinistra liquidação!

*31 de julho.* — Vae ser catita o Agosto. Vão vêr, a curto praso. O *Liberal*, referindo-se á convocação do Conselho de Estado, diz:

«Mas ha uma hypothese que traz atrapalhado o chefe do governo.

«E' o caso de os conselheiros de Estado apparecerem na reunião, e ahi dizerem tudo, claro e firme, ao sr. D. Carlos. Isto traz apprehensivo o sr. presidente do conselho.

«Mas para tal lance assegura-se que o *dictador* já explicou a alguem, no intuito de o fazer constar aos do Conselho d'Estado, que, se algum d'elles se atrever a discretear fora do stricto assumpto para que foram chamados — o indulto — El-rei immediatamente levantará a sessão, e convidará os conselheiros *rebeldes* a retirarem-se do Paço.»

E commenta:

«Um homem assim, como o sr. João Franco, tem certamente de passar por profundos desenganos. Ou então vive n'uma terra digna d'elle.»

... E precisamente o que vamos ver: se isto

*não anda*, mas susceptivel de concerto, ou se está reduzido a sucata.

A postos no palanque, Tiberio!

*

Chegou a Lisboa um redactor do «Times» que vem informar-se do occorrido em politica.

Procurou já o sr. ministro dos estrangeiros.

Começa bem.

*

Ao maior jornalista portuguez que eu tenho conhecido, e não chamarei *inconfundivel* a Marianno de Carvalho, porque não ha coisa mais banal, entre nós, do que ser *distincto*, — a esse homem superior ouvi, mais de uma vez: — «Se pretendem que alguma coisa, que escrevam nos jornaes, seja lida e percebida, teem de publical-a dez vezes e d'ahi por diante». Por isso elle repetia... repetia...

Vejo no «Seculo» que o sr. ministro da justiça pensa em transferir para Vizeu, ou immediações, a casa de correcção de raparigas installada no pardieiro das Monicas, depois que

d'alli sahiu, ha seis annos, para Caxias, a Casa de Correcção de Lisboa, — a dos rapazes — aquella a que vinculam o meu nome. Ora, desde que ha um mez se fallou, no «Seculo», em más condicções hygienicas, etc. da correcção das raparigas, nas Monicas, *toda a qualidade de gente* me diz: — «Então, aquillo *lá*, tem de ser mudado, hein?

*Lá* é ponto de solfa. A *Casa de Correcção de Lisboa* (para rapazes, outr'ora nas Monicas), está em Caxias e está de optima saude, physica e moral. Não venham agora dizer-me que o sr. ministro quer mandal-a para Vizeu.

*E' com a das raparigas. Não tenho nada com isso.*

(Cautela com estes animaes!)

*2 de agosto.* -- O conde de Casal Ribeiro, que hontem falleceu, filho do homem illustre que creou aquelle nome, foi um cultor distincto das sciencias economicas, não menos que um notavel parlamentar. Toda a gente o reconheceu como tal. Pois d'esse excellente e illustrado ho-

mem, que honrou as tradições de um nome prestigioso, diz, informando, *O Seculo:*

«Militou sempre no partido regenerador, chegando a ser convidado pelo actual chefe do referido partido para sobraçar a pasta da fazenda por occasião de uma recomposição ministerial, offerta que devido á sua proverbial modestia rejeitou.»

Naturalmente passamos em revista os nomes que nos ultimos vinte annos, pelo menos, tem opulentado a galeria dos nossos *estadistas.* E' de um homem ficar perplexo — entre o choro e o riso. A proposito releio agora no livro *Homens e Factos*, de João Chagas:

«Elle (Silva Pinto) ergueu para mim a sua face morena, que nunca se sabe se é a d'um homem que vae rir, ou chorar...» Pois é *por isso.*

O exame da *lista* faz rir, mas a decadencia deixa-nos certa melancolia, sob o ponto de vista *nacional.* E' certo que o resvalo tem sido violento, desde, por exemplo, Casal Ribeiro, até... cá estou eu a rir-me; mas, sob o ponto de vista

especial, não ha que deplorar o *enfraquecimento*. Antes pelo contrario.

*

A' attenção profunda dos meus sagacissimos e não menos ponderados amigos de Cerva e de Mondim submetto o seguinte documento humano (vá lá *humano!*):

Pelo governo civil de Villa Real foram concedidos durante o mez de junho ultimo passaportes a 142 emigrantes — 89 varões e 53 femeas, — destinando-se 109 ao Rio de Janeiro, 22 a Santos, 4 ao Pará, 3 a Manáus, 3 á America do Norte e 1 aos Estados-Unidos do Norte.

Pertenciam 16 ao concelho de Alijó, 30 ao de Chaves, 3 ao de Mesão-frio, 1 ao de Mondim de Basto, 1 ao de Monte Alegre, 7 ao de Murça, 14 ao de Pezo da Regoa, 5 ao de Ribeira de Pena, 9 ao de Sabrosa e ao de Santa Martha, 14 ao de Valle Passos, 5 ao de Villa Pouca d'Aguiar e 34 ao de Villa Real; e eram 24 proprietarios, 7 empregados no commercio, 25 agricultores, 1 maritimo, 1 barbeiro, 1 carpinteiro, 8 pedreiros, 1 relojoeiro, 2 serralheiros, 1 tamanqueiro, 18

operarios agricolas, 40 jornaleiros e 8 de occupações domesticas, e sómente 49 varões e 9 femeas sabiam lêr e escrever.

... 149 individuos; entre elles 91 analphabetos. Os 58 restantes lêem n'agua e escrevem na areia. São os 80 a 90 % do Regulamento Nacional; propensos ao heroismo e abeberados nas propicias *aguas salgadas*. Está certo.

*

Não é um facto banal na vida politica e social portugueza a morte de Hintze Ribeiro. Longe d'isso. O chefe regenerador era, decerto, *o ultimo amigo da monarchia* e, talvez por isso, do reinante. Já lhe ouvi chamar o *ultimo monarchico*, e não contesto. Apenas observando a marcha, nos ultimos annos, da vida para a eternidade de tantos homens de valor ao serviço do amparo das instituições—mortes prematuras—concluo mais uma vez: — Que Deus lá sabe e só Elle é grande. Fallo de Oliveira Martins, de Carlos Lobo d'Avilla, de Hintze Ribeiro — sem fallar de Mousinho...

Pessoalmente, Ernesto Rodolpho Hintze Ri-

beiro, que eu conheci desde os bancos escolares, foi um homem bondoso e dedicado, com a sua apparencia rigida. *Como lhe retribuiram a dedicação* todos nós o sabemos ; só elle parecia não querer vêl-o. Certo é que a ingratidão deve ter apressado o desfecho. Mais um.

Faz falta — e vae-se vêr a quem.

— — -

*7 de agosto.* — O tal horror ! Vem hoje nos jornaes de Lisboa :

Vadios. — Os menores — Francisco das Neves, morador na rua da Bica Grande, 17, loja, José Fernandes Calhamben, sem residencia n'esta cidade, Raul Antonio Pires, morador na rua Conselheiro Adriano Cavalheiro, 6, João Marques, morador no apeadeiro da Junqueira, Julio Nogueira, calçada da Graça, 28, rez-do-chão, Alberto Gonçalves, rua do Loureiro, 85, Manuel Nogueira de Almeida, rua de Santa Cruz ao Castello, Alvaro Augusto de Sampaio e Mello, rua da Bombarda, 44, loja, foram presos pelo cabo 51, por, ás 2 horas da madrugada, estarem

a dormir junto dos barracões no Aterro da Boa Vista, entregando-se de dia á vadiagem.

«A policia apurou que o 3.º e o 8.º andavam fugidos á familia, sendo por este motivo enviados ao tribunal e os restantes postos em liberdade.»

E porque os tribunaes não teem para onde os mandar, — a deitar por fóra as Correcções e o deposito no Limoeiro, — e porque as familias não lhes garantem pão, nem abrigo, e porque a sociedade não se importa com *bagatellas,* lá voltam ámanhã *todos elles* a vadiar, a furtar e a dormir no Aterro.

E dentro em dez annos serão ladrões completos, com o curso respectivo e com pulso livre.

E o Alemtejo em pousio, e o *trabalho obrigatorio* um sonho de caturras, e, verdade, verdade, — não sei quaes são os mais malandros!

*

Patuscos. Diz-se no *Mundo:*

I

«Que o visconde da Idanha talvez veja pre-

teridos os seus sonhos de pretendente a inspector da policia administrativa por um filho do sr. Adriano Cavalheiro.»

II

«Que o sr. Thomaz Pizarro, o celebre presidente da camara dos deputados, pretende o logar de Hintze no Credito Predial, mas que o granadeiro se vê afflicto: quer servir aquelle seu faccioso amigo, mas quer tambem o logar para comprar uma adhesão que julga valiosa.»

III

«Que o granadeiro se comprometteu a dar a vaga do conselho de Estado ao sr. José Novaes, mas que o sr. Moraes Sarmento a reclamou para si.»

...E aqui está em que estes diabos passam a vida! E d'isto morrem os mafarricos!

*8 de agosto.* — Vejam! Vejam! E' das gazetas de Lisboa, de hoje:

Por se entregarem á vadiagem. — José Fa-

ria, Arnaldo dos Santos Cardoso, Seraphim Rodrigues, Francisco Gonçalves Figueira, Manuel Henriques Lourenço Rodrigues, Manuel Teixeira Maia, Joaquim dos Santos, Antonio de Jesus, Antonio Joaquim, Joaquim José, Antonio Ferreira, Mario Augusto Ferreira, todos sem residencia, Antonio Justino Coelho, Custodio Francisco e Antonio Adrião, moradores no pateo da Torrinha, Eugenio e Joaquim Faustino, moradores no pateo do Gomes Pereira, na rua 24 de Julho, Antonio Pereira, morador no bêcco da Galheta, 29, loja, José Figueiredo, morador no pateo do Pingaleiro, 22, loja, Carlos da Silva Pereira, morador na rua da Regueira, n.º 27, e Julio Fernandes Rocha, morador na rua da Lapa, n.º 38, pateo, foram presos ás 3 horas da madrugada pelo cabo n.º 117, por se encontrarem dormindo nas medas de pinho da Avenida Marginal.

O agente Xavier, procedendo a investigações, apurou que Francisco Gonçalves Pereira, Manuel Henriques, Antonio de Jesus, Antonio Justino Coelho, Antonio Adrião, Eugenio Soares, Faustino Joaquim José Figueiredo e Julio Fernandes

da Rocha eram vadios, pelo que ficaram presos, sendo os restantes postos em liberdade.

Claro que *todos elles* voltam ao curso de gatunagem! E o Alemtejo em pousio! E o *trabalho obrigatorio* uma cantiga! E a bella sociedade — providenciando: — «Não sóbes, catitinha ?!»

*Não haverá um dia de paz na face da Terra!*

*

Marrocos a fogo e sangue! Estou-me lembrando de um artigo de Alberto Wolf, publicado ha uns vinte annos no *Figaro:* n'elle se previa o excesso dos abusos da *Civilisação Europeia* embargado pela successiva reacção dos Asiaticos e dos Africanos — fartos de *civilisação* e, finalmente, ajustando contas.

Na America, os Estados-Unidos fiscalisam.

Na Asia o Japão entrou em scena. Já se não vae á China roubar, chacinar e impôr o opio.

Na Africa do Sul, por um triz ia o Transvaal procedendo; mas talvez a reacção surja efficaz na Africa septemtrional. Talvez Marrocos, e subitamente a intervenção de um Menelick...

*Só Deus é grande!*

*9 de agosto.* — Referindo-se á morte de Hintze Ribeiro, diz ao *Diario de Noticias* de Lisboa o seu correspondente interino em Paris:

«O nosso paiz deve desde já levantar-lhe uma estatua n'uma das praças de Lisboa — monumento feito por subscripção nacional, com a adhesão de todos os portuguezes que vivem no estrangeiro e de estrangeiros amigos de Portugal.»

Contar com isso! E para animar os subscriptores contem-lhes a historia dos munumentos a *Fontes*, a *Antonio Pedro* e a *Garrett*. Não fallo do de *Camillo*, porque ainda se hade ver, — quando entrarmos nas calhas...

*

Recentemente, procedeu-se n'um departamento de França a um inquerito sobre a instrucção dos soldados — um regimento.

Entre varias perguntas que lhes fizeram para avaliar da sua instrucção, havia por exemplo estas:

— «De entre os homens notaveis da França, qual aquelle que mais o impressionou?»

Houve quem respondesse: — «Bismark», «Cesar», e um «o commandante Vogel».

Pelas respostas a algumas perguntas simples de geographia, veio a apurar-se o seguinte:

Que Metz ficava na America; disse-o um dos soldados. Outro respondeu que Porto Arthur era em França, e dois que era na Italia. Dois disseram que Austerlitz era na Russia, um na Inglaterra, e outro na America do Norte.

Commenta e bem o *Diario de Noticias*:

«E' claro, que emquanto nós rimos, o auctor do artigo de onde extrahimos estas informações fica a bramar contra a inefficacia das leis de instrucção em França, porque não basta crear leis, é preciso tambem pensar na sua applicação.

«Estamos certos de que um inquerito d'estes em Portugal, entre os que véem «servir o rei» como elles proprios chamam ao serviço militar,

havia de obter um exito ainda mais extraordinario.»

... Devia ser medonho!

*

O celebre professor Lombroso, muito citado e menos lido, acaba de dar uma *raia*, que, partindo de semelhante mestre, torna mais do que justas as dos petulantes parvoeirões.

Foi o caso que um mystificador enviou ao sabio a photographia das mãos de um operario qualquer, mas que não é nem nunca foi criminoso, dizendo-lhe a pessoa que lhe dirigiu a «épreuve» que eram as mãos do famoso assassino Soleillante. E Lembroso escreveu logo uma longa dissertação sobre as provas da criminalidade!

O que o sabio italiano tomára por signaes e indicações precisas das provas criminosas eram os calos de um pobre carpinteiro.

Guarda de baixo!

*14 de agosto.* — Guardar rigorosamente as proporções é o que de mais urgente se impõe ao anotador publico — é o que, em regra, mais desorientado apparece. Aqui temos nós, como rabo de cão de Alcibiades, os actos infames e porcos da corja *Nunes & Companhia*, na quinta de Cazelas. Nas diversas classes sociaes só tenho visto nojo e indignação e um ardente desejo de castigo. Está bem. Agora, o que não está correcto.

Dizia-me, ha pouco, uma das nossas auctoridades civis: — «Os crimes da quinta de Cazelas vem na corrente dos crimes de Urbino de Freitas, do incendio da Magdalena, etc. São élos de uma só cadeia.» E' o que elles não são.

O crime da rua da Magdalena apresenta-se como o de fogo posto, com intuito de burla. E' um acto de desespero, sem previsão de hypothese funesta. Creio bem que o incendiario não contou com a morte de alguem. Procedeu á doida, como homem que se afunda e que não dispõe de farto cabedal de escrupulos de moralidade. Esse acto criminoso, não é *um crime atroz* — embora fossem tristissimas as *imprevistas* consequencias.

Os crimes de Urbino de Freitas são o que eu conheço de mais perverso. E' sempre com um mixto de pavor e espanto que eu demoro o pensamento no *caso* de aquelle homem de sciencia a estudar o mais seguro meio de assassinar as creancinhas, para roubar-lhes a herança, a abreviar-lhes a existencia com os *soccorros medicos complementares*! Visão de horror! Nem a attenuante da bruteza do entendimento, nem a do aperto da miseria. Completamente malvado o auctor dos *medonhos* crimes!

Passar de Urbino de Freitas e do seu gabinete de *trabalhos* á quinta de Cazelas e ao Nunes & Consocios o mesmo é que descer (?) do saque de uma cidade, por entre quadros de morte, ao interior de uma sentina. Escorre dos hediondissimos *typos* a quintessencia da podridão. O nojo vence tudo. Não ha no Codigo Penal, que eu saiba, pena correspondente ao *que elles fizeram*. Não sei de pena que elles não deshonrem. Alli só bastonadas até á morte — para desaffronta da especie humana.

Prender como élos de uma cadeia, o *acto criminoso*, com attenuantes, do incendiario, — o

*medonho crime*, inexcedivel em horror, do Urbino de Freitas — e as *ignobeis dejecções* de almas latrinarias, de *João Nunes* e da sua corja, é violar a lei das proporções. E' tornar incompativeis a indignação e a critica. Não está certo.

---

*15 de agosto.* — Vimieiro no Alemtejo, lambe-se com um flagelador dos maus costumes, que ao *Diario de Noticias*, de Lisboa, assim escreve :

«Ainda ha poucos dias pedimos providencias contra a canzoada que noite e dia infesta as ruas; hoje, desgraçadamente, já temos a lamentar dois casos graves causados por um cão.

«Foram mordidos um filhinho do snr. Joaquim do Carmo e uma filhinha da snr.ª D. Jeronima Grillo ; ao primeiro fez sangue na cara.

«Consta-me que vão brevemente para Lisboa.

«Mas, o que nos revolta, é que o snr. regedor sabendo d'isto, deixe ainda passear livremente os cães mordidos por aquelle cão.

«Só um foi morto pelo dono.

«Temos muita consideração pelo snr. regedor do qual somos amigos pessoaes, mas em casos como este, que é muito grave, não devia alimentar favoritismos.

«Dôa a quem doer; sempre o cumprimento dos nossos deveres.»

Não é por falta de zargunchadas de Tacito e de Juvenal — que isto *não anda*. Eu estou velho e, como tal, abatido; mas confesso que os dizeres do independente *amigo pessoal do regedor* me convulsionam, quaes clamores de barricada. Aquillo cheira a esturro de velhos e leaes Portuguezes! Ainda os ha.

*

Na proxima semana, vamos a vêr o que é o Conselho de Estado.

*O mais*... já se sabe o que é.

---

*18 de agosto.* — E' evidente que se nos impõe no presente momento historico, a sinthese de preferencia á analyse. E assim diz bem o *Seculo:*

. . . . . . . . . . .

«Dissemos, repetimol-o, que estamos soffrendo as consequencias d'uma situação creada pela perda da noção do valor da liberdade. A violação de direitos e a falta de cumprimento de deveres, a *acção* nefasta d'uns e a *omissão* criminosa d'outros produziram a obra que hoje repudiamos. Uma doentia tolerancia, um desinteresse manifesto da politica patriotica tornaram-nos cumplices do anniquilamento das regalias conquistadas por duro preço e mercê de sacrificios heroicos. Consentindo que a constituição fôsse deturpada um dia, sofismada no outro, rasgada, por ultimo, como um papel inutil, permittimos que os governantes deixassem de ter pelos governados o minimo vislumbre de respeito. Foi d'aqui que nasceu a dictadura e com ella veiu o estrangulamento das poucas liberdades que ainda nos restavam.»

E' o que, n'outros termos, eu me farto de dizer aos meus solicitos amigos de Cerva e de Mondin:

— E' a Expiação *tudo isto.*

..........

Lá o diz a philosophia amarella dos Japonezes : — «Quem boa cama fizer...»

Portugal faz excellente cama, ha mais de 70 annos. Parece que lhe custa a pegar no somno.

Nem dorme, nem anda.

Que diabo faz elle ?

*

Preoccupa-se nos casos da *Formiga*, — do João Nunes & Companhia.

A intensidade e a generalisação, mais a duração da colera principiam a dar vontade de rir.

Tudo indignado, a principiar pelos honestos presos dos calabouços do governo civil !

Tudo revolto ! E ainda hontem urrava á janella a minha visinha D. Brites :

— «Estes ricos !»

Como se os auxiliares e os parasitas do João Nunes não fossem pobres !

Como se a pobreza fôsse honestidade !

---

*22 de agosto.* — Uma das razões que, ha mui-

tos annos, eu oiço a auctoridades competentes explicando o mau serviço policial, em Lisboa, é a falta de pessoal, aggravada pelo alargamento da área territorial da cidade.

Quatrocentas mil almas (modo de dizer) conta hoje Lisboa, pelo menos. Pois em serviço publico não tem mais de *trezentos agentes*. Ha a descontar na totalidade do pessoal em questão, a parte em descanço e a que se occupa em *serviços particulares*. A proposito lhes digo que é vulgar vermos por essas ruas um policia a acompanhar ao collegio os meninos do *sr. conselheiro*. E leva os livros e o cabazinho do *lunch*.

A proposito de qualquer scena de hontem, diz *O Seculo*:

«Decididamente, a *corporação*, tal como está, não preenche os seus fins. Está a pedir reforma. Não a que se annuncia, para augmental-a. A reforma urgente que Lisboa exige, que uma população de quatrocentas mil almas reclama, é simplesmente reforma de costumes. Ninguem pede mais guardas. Pede-se apenas... civilisação.»

. . . . . . . . . . .

*

Historias! E' preciso educar a policia, tornal-a *respeitavel*, reduzil-a ao serviço publico — e augmental-a. *Isto anda para traz* — em toda a linha. E' o policia, nas plataformas dos carros electricos, a discutir *politica*, com o conductor e com os carteiros; é o policia multando os vaqueiros — e os regedores obtendo o *perdão das multas*, e exautorando, assim, a policia e animando o roubo ao publico: é o policia a namorar, em serviço, as sopeiras e as meretrizes; é o grande diabo que os carregue!

Educar e augmentar — *educados*.

No entanto, diz o *Diario de Noticias*:

«Gosemos a vida, sim, não na concorrencia desleal e desenfreada, que por ahi tantas vezes se observa, mas no justo apreço de todas as coisas, na pratica de todos os deveres, no respeito de tudo o que é ligitimo, na consagração de todas as virtudes. O bem é a unica base da felicidade; e aquelle que procura no mal a satisfação dos seus apettites, esse merece que o eliminem,

pelo sequestro, como prevenção salutar e não como vingança, do convivio dos seus similhantes.»

. . . Catita !

---

*27 de agosto.* — Vejo discutindo com ardor o facto de haver sido nomeado para o conselho de Estado o sr. José Novaes, de preferencia ao sr. Dias Ferreira. Não envolve a extranheza a menor parcella de desconsideração para o nomeado : é natural que a opinião vá registrando os nomes que ha mais de trinta annos preterem para um tal cargo o sr. Dias Ferreira. E' *uma legião*, antes do sr. Novaes.

O que de certo modo acalma irritações é a certeza de que se Moliére e Balzac não pertenceram á Academia Franceza — *tanto peior para ella*.

D'ahi resulta ainda o iuclinar-se a gente a uma série de recordações hilariantes em fundo lamentavel : lembram-se de nomes que, á similhança do sr. Dias Ferreira, foram afastados do conselho d'Estado — onde brilha o sr. Moraes

Carvalho? Por exemplo:—Marianno de Carvalho, Emygdio Navarro, Pinheiro Chagas, Chancelleiros, Oliveira Martins, João Arroyo, etc., etc. *Tanto peior para a Academia!*

E, afinal, para os que se não desinteressam da Vida, subsiste uma grande verdade: — Nós não somos o que pretendem injustamente os nossos inimigos e os nossos amigos e apenas o *que realmente somos.*

— Pela intelligencia, pela bondade, pela inteireza de caracter — ou pelo contrario...

E á vida!

*

Vejam isto, emquanto eu não sei (ás 4 h. da tarde) em que se occupou o conselho d'Estado, na sua sessão *decisiva:*

I

«Londres, 21. — Telegrapham de Roma ao *Daily Chronicle* que o Vaticano, depois de longa resistencia, acaba de acceitar a resignação do patriarcado de Lisboa ao cardeal Netto, que deseja entrar na ordem dos Cartuxos».

. . . . . . . . . .

. . . Eu esperava tudo . . . menos que *elle* acabasse na Cartuxa.

II

«Paris, 23. — Communicam de Stuttgart que o ministro do interior mandou expulsar do territorio allemão um delegado inglez ao congresso socialista, que declarára n'este que a conferencia da Haya era uma «caverna de ladrões».

. . . Cada inglez bebedo com a sua mania!

- - -

*28 de agosto.* — Não faltam derivativos á meditação do publico, saturado de politica e do animatographo permanente das ridiculas ambições humanas. Hontem, houve tragedia de ciumes: um Antonio Mestre, que, julgando-se trahido pela Maria Gertrudes, sua amante, de parceria com um tal Andrade, matou a mulher (creio que já terá morrido) e suicidou-se.

A proposito, diz a reportagem, referindo se ao inicio das relações do Mestre com Maria Gertrudes:

«Não se sabe como, nem para o caso vem o relatal-o, tomou-se de amores, vae para dois annos, por uma sua patricia chamada Maria Gertrudes, de 49 annos, natural da freguezia de S. Sebastião, da cidade de Lagos, que, ao que consta, é ali casada com um individuo de nome Vicente, proprietario d'uma taberna, do qual tem dois filhos já homens, sondo um sapateiro na terra da sua naturalidade e o outro soldado da guarda fiscal, tendo já servido no posto de Carriche, ao Lumiar».

... Tudo seria inutil, pelo menos, n'esse trecho de noticia, dado que o bom criterio fôsse consultado; mas o *o que para o caso vem* é justamente a historia, omittida, dos amores dos dois amantes,—atraiçoado e abandonado o marido da Maria Gertrudes. Quem com ferro mata... Pois que esperava o Antonio Mestre?!

A Maria Gertrudes tinha perto de 50 annos, quando atraiçoou o marido, e já feitos os 50, quando traiu o amante—com o Andrade, que tinha 57 annos. Parece o côro dos velhos. E hão de ter juizo e vergonha os rapazolas da quinta da Formiga?!

Tudo isto naufraga em maluqueira.

*

Dois casos que vão entrar em fóco:

I

O dos 4:069$000 réis, de Monção.

II

O do *tio Moreira, de Alhos Vedros.*

*

Nota... caracteristica:
Continuam sem receber a pensão de julho os *netos de Camillo.* Aos 28 de agosto.

---

*29 de agosto.* — Na reunião, de hontem, do conselho de Estado, — no relato de tal acontecimento — não ha meio de prever as consequencias: ignoro se a indifferença do rei *acolheu* as palavras dos conselheiros. Dá se a gente a lembrar-se das *Liquidações Politicas* do sr. Fuschini

e de certo conselho de ministros, que lá vem narrado, mais dos protestos de alguns do ministerio, mais da attitude esfingica do patrão. Veremos — dizia o cégo. No entanto...

*

No entanto, noto que um dos conselheiros fallou da urgencia de uma concentração monarchica, para embargar a onda republicana. E' bem mettida, e faz arripiar os cabellos. Se já temos 80 *a* 90 $^0/_0$, devidos á descozida acção monarchica, aonde não chegará a cifra — ao termo de uma tal concentração? Irra, padre do *susto!*

*

Quando ao mais, esperemos, libando coisas frescas e com sua rodela de *philosophia*. Pensar n'isto: que a dôr e o infortunio são elasticos: se o padecente se encolhe, infortunio e dôr mais apertam; se a gente causticada dilata o physico, o soffrimento alarga. Eu, desde que fiz a descoberta, passo a vida a espreguiçar-me, quando não está *gente de fóra.*

Esperar, com a hypothese de acabar — quando está esperando. O bello inesperado! Dizia-me uma vez o meu pobre amigo, o sabio doutor F. Ferraz de Macedo: — «Como vês, rio-me quasi sempre, por fóra; por dentro rio-me sem descanço. Era o que faltava; com a morte certa e tomar a sério a dôr da vida! E' claro que não se nasce de um feitio moral uniforme, mas os bons espiritos devem arranjar *uma uniformidade*».

Lembro-me d'elle com muita saudade. Principalmente, quando ólho para tantos monstros de vario ridiculo e de varia infamia — cada *escroc*, cada invertido, cada corno!

---

*6 de setembro.* — Asseveram-me, com auctoridade em informação, que nem o sr. Julio de Vilhena nem o sr. Teixeira de Souza são agradavel ao Paço. Nas Necessidades *o homem* seria outro — que me citam.

E eu creio, pelo visto, que tudo isso é indifferente ao Paço.

.........

*

Quer o philosopho Tiberio que eu me pronuncie ácerca do decreto dos adiantamentos, para lição dos meus amigos de Cerva e de Mondim. Eu digo.

O maior homem de guerra de todos os tempos é para mim, desde a minha infancia, o carthaginez Annibal. Hei de dizer *porque*, quando encontrar *a quem*. Ora, como quer que o grande homem perdesse a batalha de Zama, contra os Romanos, e os senadores de Carthago censurassem Annibal, deplorando as exigencias de Roma, Annibal respondeu-lhes:

— « Emquanto vos pizaram a dignidade e a honra, no decurso da Historia, não déstes signal de vida. Pedem-vos dinheiro, á força, e chegou a hora das afflicções!... »

..... Refiro-me alli ao visinho de casaca azul.

*

Falla-se no padre *Luiz José Dias* para patriarcha de Lisboa.

. . . . . . . . . .

Convertido já elle está á Lei Nova. Assim elle possa livrar-se do sarro — sem esfolar o *susto* !

*

Vae sahir em dictadura um decreto sobre *os sonegados*. Apanha o heróe dos 4:068$000 réis, de Monção.

E' tempo.

*

... E deixando em paz o da casaca azul, só digo : — «Pagar e não bufar».

E' pena que paguem os innocentes. Eu cá não fui.

---

*9 de setembro.* — Referindo-se ao facto de o sr. Julio de Vilhena ir á Anadia, conferenciar com o sr. José Luciano, diz o *Seculo:*

«Affirma-se que o sr. Pimentel Pinto, que hontem foi chamado ao paço das Necessidades, onde esteve a conferenciar com El-Rei, irá tambem

avistar-se com o sr. conselheiro José Luciano de Castro.»

... Outra vez! Quero dizer: mais uma vez se ouvirá:

— «Que horas são?»

— «As que V. M. determinar.»

Em vespera de eleições. Calha!

*

Diz-se:

Que é o padre do *susto* quem aperta, no ministerio respectivo, pelo apuro do caso de Monsão — dos 4:068$000 réis.

Ainda ha Portuguezes — de escabeche.

*

Pergunta-me um archi-corrupto:

— Então o (...) não entra para as Obras Publicas?!

... Que perversão de costumes no pensamento!

*

Dizia me, ha pouco, alli no Chiado, um politico de lume no olho:

— «Está você a vêr: o João Franco tem de vencer as eleições, para que a camara aprove o *bill* de indemnidade. Mas, talvez não consiga maioria, contra os outros partidos colligados, e então...

— Então, quê?

— «Vamos vêr o bom e o bonito».

(Os *80 a 90* % é que nada vêem. A calhar!)

*

Um redactor do *Mundo* visita Paço d'Arcos e escreve:

«... Estamos defronte da casa onde nasceu e passou toda a vida trabalhosa, cheio de abnegações, esse velho e heroico marinheiro tão conhecido pelo patrão Joaquim Lopes. Assomou á porta da casa um homem robusto, de cara queimada do temporal e do sol e dirigimo-nos a elle.

— Mora aqui alguem da familia patrão Lopes?

— Moro eu mesmo. Sou o neto...

O marinheiro fala com aprumo e os olhos brilhantes de orgulho — Sou eu mesmo para o servir...

— Só queremos que nos diga alguma cousa de seu avô.

Sem uma palavra, Quirino Lopes, conduziu-nos ao edificio do Posto de Sòccorros a Naufragos, que fica a dois passos e deante de um grande quadro representando um velho official de marinha, com o peito cheio de condecorações, palestrando, largamente:

— Este é *elle*. Foi o sr. D. Luiz quem o fez official... Deu-lhe de presente a farda de 2.º tenente com uma rica espada, e algumas d'aquellas medalhas de ouro Parece que gostava d'elle...

— O que lhe hei de dizer que não saiba o senhor, que não saiba toda a gente?»

... Vá lá uma coisa que nem toda a gente sabe e que todos devem saber:

Ha uns cinco annos que na comissão da fazenda da camara dos deputados está abafado o

projecto, votado pelo parlamento, de uma pensão de *400 reis por dia*, para a viuva e filhos de Joaquim Lopes. Isto, tendo *passado* as pensões a quem as gosa nas elegancias do Estoril.

Este mundo está inalteravelmente — pulha!

---

*11 de setembro.* — Esta manhã, o meu visinho miguelista que cantava, por troça, a *Liberal Constituição,* — ao vêr-me sair de casa, desatou a cantar o *De Profundis.*

E o cão amarello, que ha tempos já deixara de uivar, — ao ouvir o miguelista, renovou os uivos, espulgando-se freneticamente na rebadilha.

Eu véxadissimo. Troça até dos cães!

*

Diz-me um dos de Cerva, apoiado por um de Mondim:

— «Foi ou não foi um parlamentar progressista, que, para demonstrar a *iniciativa parlamentar*, propoz augmento de dotação aos mi-

nistros francaceos, á custa do contribuinte, já se vê?»

Pois foi, foi. Chamava-se *Rodrigues Nogueira* e um dos que mais apoiavam o governo. Estão bem castigados — os peccadores — e não fazem chorar por suas maguas. Antes fariam rir.

*12 de setembro.* — Perguntam-me que vem a ser o *fedor de honestidade*, a que se referia, troçando-o, Emygdio Navarro. Em meu entender, que era talvez o do illustre jornalista, — o *fedor de honestidade* é a resultante de um sentimento que dá vida e caracter a certos individuos e que se compõe das escorrencias seguintes: — egoismo, — debilidade mental, — alarde de virtude, — apparente observancia das leis, — não menos apparente horror pelo peccado, — intolerancia absoluta e apregoada para com as fraquezas humanas, — feitio arrogante de typo modelar da probidade, — desprezo pelas creaturas — e a pretensão de illudir o Creador.

Não ha mais réles miseravel na face da Terra do que o atacado do *fedor de honestidade.* Elle

não deitará a mão ao alheio, — se não precisar, — mas essa relativa rigidez exclue absolutamente a bondade. Peçam a tal *homem de bem*— que do seu bolso, ou da sua influencia, acuda a um seu similhante *por terra*, em perigo de suicidio, de loucura, ou de uma congestão cerebral: o *homem de bem* encontrará, no seu arsenal de evasivas, mil e uma razões para não intervir... contra a vontade de Deus, contra o Destino, contra o castigo providencial. Não dará um passo, nem um ceitil.

Rigido, inquebrantavel, sêcco e para durar — como um corno! Tal é elle.

*

Observado com fixidez esse *homem justo*, — que não perdôa fraquezas, que considera as angustias da creatura um designio do Creador, ou do Destino, — é, pelo ordinario um devasso mysterioso e um protector, quando não socio, de criminosos. E assim tal *homem recto* manterá fêmeas dispendiosas, sem vêr o castigo na deslealdade das protegidas; porá em campo o

seu valimento para proteger contra lei criminosos cynicos e de especial infamia; e exercerá cargos publicos sem remuneração *apparente*, despertando o famoso commentario: — «Tão preto, que é impossivel que não seja branco.»

*

Caso curioso e de dia: Tenho visto homens publicos, no poder, arredarem a Lei, quando ella se oppõe á pratica da justiça alliada á Bondade; tenho visto homens de diversas condições perdoar aggravos, ou, mais ainda *castigal-os* com beneficios: tenho visto dispender, a occultas, verdadeiras fortunas — para accudir a alheias afflicções; tenho visto inventar recursos, para valer a extranhos, — tendo inutilmente o inventor procurado recursos para si proprio; e sempre, acudindo, protegendo, perdoando, — esses homens são considerados pela maioria *uns irregulares*, ou *uns extravagantes*. Os correntes são os do tal *fedor de honestidade* — hypocritas e perversos até ao asco. Foi assim que eu os vi.

## O MESTRE

*14 de setembro.* — ... Se eu, muito abatido em meu physico pelas luctas da travessia, tiver ainda tempo, hei de chamar, em *incommodativa* berrata, geral attenção dos que pensam honradamente, para o *caso Camillo Castello Branco.* Nem tudo é estrebaria — disfarçada.

Hei de perguntar, de caminho, com que direito sahiram á estrada real dos protestos e das homenagens aquelles invertidos e aquelles predestinados e aquelles analphabetos derivados aos proverbios de fajardice. Mas, para tanto, faz-se-me mister esperar que *tudo isto* entre em séria acalmação.

Então sim, fallaremos, se eu já não houver de todo emudecido.

Não vale chorar!

*

Ao livro *Autobiographia*, coordenado e annotado, em 1905, em Coimbra, pelo sr. F. Tavares

Proença Junior, arranco a pag. 243, que diz assim :

**1 — 6 — 1890**

TELEGRAMMAS

«Famalicão, 1, ás 8 h. e 17 m. n.—Suicidou-se esta tarde, dando um tiro n'um ouvido, Camillo Castello Branco.

*(Correspondente).*

*

«Porto, 2. — O grande escriptor disparou o tiro na cabeça, ás 3 horas e um quarto da tarde. Cahiu logo em estado comatoso, e ás 5 horas succumbiu. O medico Ferreira, de Santo Tyrso, affirma que a bala fôra quasi até á extremidade do lado opposto.

*

«Porto, 3, ás 10 h. 30 m. n. — Chegou no comboio do Minho das 6 horas o cadaver de Camillo. Na gare esperavam-n'o, quando muito, cem pessoas, entre ellas o Conego Alves Mendes, padre

Sebastião Leite, editor Costa Santos. Freitas Fortuna acompanhou o cadaver.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«O cortejo era composto apenas de dezoito trens e atravessou a cidade, no meio da indifferença geral e quasi despercebido.

«Não compareceu um unico escriptor ou artista».

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

... Deixem me ponderar que a presença de Alves Mendes valia bem a de muitos outros de valor.

Mas... vêde, comparae e julgae!

*

Insistindo:

E' claro que o mais e o melhor seria e não deixa de ser *a pensão aos netos de Camillo*, — isto é, o pão de cada dia aos innocentes, como tributo dos peccadores. Nem tudo escoadouro de malandrice. Tal se fez. Mas não embarga esse tributo do maior numero a aspiração do minimo e superiormente illustrado ao pagamento de outra divida: — a de reconhecimento

e da admiração de Portugal ao maior prosador d'este paiz.

Pela pedra e pelo bronze, trabalhados pela Arte, pela Critica e pelo Coração : — *o monumento*, emfim.

Não falta quem, desanimado, julgue encalhado, para sempre, o projecto nos baixios da camara municipal de Lisboa. Ha de esclarecer-se tudo e ficará demonstrado que o projecto do *monumento a Camillo Castello Branco* está livre do perigo dos similiares consagrados a *Fontes*, a *Antonio Pedro* e a *Garrett.*

Deus nos dê vida.

---

*15 de setembro.* — Disse-me um dia Camillo Castello Branco, — ainda nos não viramos, nem ouviramos, — na *Bibliographia* de Chardron : — «Não lucte como o colosso da Sociedade ; vem a quebrar os braços.» Foi desaproveitado o concelho de frei Thomaz: luctei sempre,—como Elle, — e ao termo da vida asperrima, sinto-me apenas roubado. Bem feito ! Quem me mandou

confiar em malandros, já como taes conhecidos, tendo eu sempre desconfiado de uns suspeitos de garotice ? !

Parece-me que está passado o peior da existencia — no tocante a dissabores da revolta. A trovoada, que de longe vinha a ameaçar-me liquidou n'um ganido de insexuaes e de predestinados. O meu deficit de systema nervoso póde rir-se dos deficits de intelligencia, de pundonor, de simples coragem e de simplissima vergonha — ali dos *encarniçados inimigos* carnavalescos : os da sórdida botica !

*

Vem isto de par com a leitura de um livro que o seu auctor bondosamente me trouxe agora — á beira do meu leito de enfermo. O sr. José da Fonseca Lage, professor em terras africanas não é para mim um desconhecido. Pelo que toca ao seu livro, *Os Bandidos de Angola*, classificado pelo auctor — romance sensacional, facilmente se descobre que não é um romance e se conjucturam as intenções do escriptor. *Os Bandidos de Angola* é uma curiosa monographia, elabo-

rada com rigor e revela um cunho de revolta — pela dignidade do individuo e pela dignidade da patria.

Ha ahi, n'esse livro, retratos inolvidaveis e suggestivos. Sae da *galeria* uma fumarada de cheiro pessimo — o das casas de tortura, onde, com as carnes tisnadas, iam unhas e cabellos. Forte cambada, pelo visto, espera em Angola os degredados da metropole — para o fim de oriental-os com o exemplo!

*

Faz bem o sr. Fonseca Lage, sarjando fundo nas podridões dos canalhas — gordos e magros. Certo é que não existe a perfeição humana, nem temos o direito de exigil-a. Seria vexar os patifões do alto, desejar-lhes ensejo para más confrontações. Reis, ministros, aguadeiros e politicos, etc., não são porém condemnados como homens. Cada mortal é como Deus o fez; — mas o Creador nada tem com os abusos dos politicos, dos aguadeiros, dos ministros e dos reis.

E' *á obra humana*, cynicamente realisada, que podemos e devemos tomar contas.

E' claro que não se endireita o mundo; mas sempre se enfeitam cachaços de criminosos — o que intimida aspirantes á má vida...

---

*17 de setembro.* — Sem disposição para descobrir assumpto vivo e palpitante, lanço mão de umas cartas velhas (autographos; não cartas de jogar) e depara-se-me uma de Ferreira d'Almeida, o energico ex-ministro e official de marinha, e leio as seguintes coisas:

— «Tantas vezes tenho visto as suas referencias ao *Moreira d'Alhos Vedros* — n'um protesto isolado — que resolvi levantar o caso na camara dos pares...»

Estava fechada a camara. Ferreira de Almeida morreu, antes de cumprir a sua palavra.

Foi pena. Devia ser interessante o sarilho dos tios e dos sobrinhos!

*

A proposito, dizem-me que vae levantar o caso no parlamento o formidavel levita de Monsão. Para o fim já tem o *susto* em molho de vilanaz. E de caminho levantará a questão dos 4:068$000 réis de Monsão, — mais a dos fornecimentos de pannos para o exercito.

Vae ser medonho—o Ezequiel de Santa Cóca!

*

Cita-se por vezes Homero — para o fim de dizer *que tambem elle dormitava.* Como quem diz : — Ninguem as calça, que as não borre.

Dormitava. Por exemplo, ao escrever :

—«Para defender a patria são precisos o braço do joven e a cabeça do ancião».

E' arbitrario, até ser tolo. Que vale o braço d'aquelle joven invertido e a cabeça d'aquelle velho maluco e bebado ?

*

Na noticia de uma desordem na feira de Belem, diz um jornal, hoje :

«Um dos populares mais exaltado quiz aggredir o cabo commandante da força, mas um dos soldados, vendo a sua attitude, descarregou-lhe na cabeça uma tão grande pancada com a espingarda, que se partiu a coronha».

E a cabeça — nada. Que bella cabeça para partir coronhas !

Naturalmente, pensador como burro.

---

*23 de setembro.* — Um *cavalleiro da pata redonda* opina que a instrucção, quando ministrada em demasia, aos menores das Casas de Correcção (vae para Caxias a censura) desvirtua o fim para que foram creadas similhantes casas. Está incorrecto.

Incorrecto, como barbaro e como lôrpa. Traz-

me á memoria aquillo de um velho procurador regio, que me dizia:

— «Os menores da Correcção não devem andar calçados; quem sabe se, no decorrer da vida, terão de andar descalços?»

Existe incubado, á beira de tal raciocinio, a seguinte:

— «Os menores da Correcção não devem comer quanto teem na vontade: quem sabe se durante a vida, mais tarde, elles terão que comer?»

E o *cavalleiro da pata redonda* produz este argumento complementar:

— «Não vale ensinar aos humildes coisas que os habilitem a sair da humildade. Quando muito, deitar tombas».

E' a opinião de um coiro. Discutil-a seria conceder-lhe foros de homem—ao *cavalleiro da pata redonda.*

Deshonestidade na administração; barbaridade e bestialidade no trato, na instrucção e na educação dos pequenos — é o velho processo, que ainda tem adeptos a montes — ou a monturos.

—«Pão e pau!»—dizia o outro, que nem hon-

rado era. E fechem-lhes a carreira *a venderem jornaes*...

Córja!

*

Do sr. Antonio Cabral, em *interview* com um redactor do *Mundo*:

«Não sei qual governo succederá no poder ao actual. Qualquer que seja é minha opinião no emtanto que, a despeito de não haver lei de responsabilidade ministerial se deve proceder criminalmente contra o sr. João Franco e collegas».

... Contra o sr. João Franco? Quem? Os que o tornaram possivel?!

Não ha meio de conservar-se o *sisudo*.

*

Escreve-me uma commissão mixta, de Cerva e de Mondim:

— «Litterariamente, Camillo *desenvolvia* e v. *resume*. Não é assim? E porque?»

— E' assim. Porque eu não sei *desenvolver*.

Continuam os homens:

— «Resumindo, diga-nos quantos grupos temos nós, hoje, na sociedade portugueza?»

— Temos quatro: — o dos que causticam, — o dos causticados, — o dos indifferentes — e o dos *atarantados*.

Vão vêr.

*

Ahi vae um naco de telegramma expedido da Anadia no *Seculo*, reunidos os politicos progressistas:

«A reunião foi muito demorada, mas, segundo as informações que nos foram enviadas pelo nosso correspondente na Anadia, deliberou se conservar reservadas as resoluções tomadas até se realisar uma reunião magna do partido progressista, que ficou assente effectuar-se no mais breve praso.

«Informa-nos tambem o nosso correspondente de que todas as resoluções foram por unanimidade, podendo affirmar que, entre ou-

tras, se tomou a de não comparecerem os ministros progressistas em qualquer recepção nos paços reaes».

... Temerarias gentes! Mas ainda bem que no telegramma ao *Mundo* vejo suavisada a situação. E' aqui:

«Consta que o sr. Augusto José da Cunha defendeu calorosamente o plano que apresentou a um redactor do *Mundo* e que o chefe do partido não se mostrou contrario á sua opinião. Outros conselheiros acharam, porém, demasiado».

Bons rapazes! E' para *os outros* se rirem... (E' o grupo dos *atarantados*. Vão vendo)!

*

No *Mundo*:

«Eduardo Coelho parece definitivamente filiado no partido franquista».

Aquelle está filiado desde que nasceu, mas é entre os pobres de espirito.

E de tal força que convem fugir-lhe. *Aquillo péga-se.*

---

*29 de setembro.* — Acabava eu de lêr no *Mundo* as considerações de João Chagas, — indiscutiveis — ácerca da annullação dos actos da dictadura, promettida pelo sr. José Luciano, quando vi o projecto de um Congresso Nacional, para reformar a Constituição. Mas, deixem-me reproduzir o ponto essencial das considerações supras, — essencial para o meu caso:

«A parte realmente importante das declarações do sr. José Luciano e a que diz respeito ao compromisso que, segundo parece, foi tomado pelo partido progressista de fazer annular pelo parlamento todos os actos dictatoriaes, sem excepção d'aquelle que liquidou a questão dos adiantamentos e augmentou a lista civil.

«Esta parte das declarações do chefe progressista é importante, não pelo compromisso que encerra e ao qual não temos motivos para dar mais credito do que aos numerosos compromis-

sos tomados pelos partidos monarchicos na opposição, mas pela discussão a que se presta do sentido de mostrarmos em especial ao partido progressista que, quando o seu compromisso fosse o resultado de uma deliberação séria, elle estaria privado de lhe dar execução.

«Que toda a obra da dictadura seja ámanhã annulada por um governo novo, não o duvido. Que o decreto dos adiantamentos e lista civil desappareça com ella, não o creio e ninguem de boa-fé o pode crer.

«Uma coisa é estar na opposição, outra coisa é estar no poder. Na opposição faz se politica mesmo contra o rei, e isso está fazendo o partido progressista. No poder faz-se a politica do rei.»

Porque assim é—indiscutivelmente—pergunto eu como tenciona reunir-se o Congresso Nacional e reformar a Constituição —*contra a vontade do rei?*

Certo é que ha coisas que se fazem e que não se dizem. Mas, sério ?! sério ?! Assistirei a um espectaculo a valer — antes de eu partir ? Ouvi-

rei reproduzir Mirabeau, pelo sr. Montenegro:
— «*Allez dire á vótre maitre... ? !*»

Nem penso já em ir-me embora.

*

Dos acontecimentos de hontem. Parodia a um trecho de Ch. Dickens:

Imagine-se que pela rua do Alecrim abaixo, descia hontem pela 1 hora da tarde um esquadrão de cavallaria da municipal, quando de um telhado do predio 74, foi arremessada uma bomba. Espanto, debandada e mais de duzentos mortos — entre bipedes e solipedes. O fim do mundo!...

Tragico espectaculo, se isto fosse verdadeiro. *Mas não aconteceu coisa alguma.*

Como dizia o *janeiro*, ha 30 annos: — «Antes assim!»

*

Diz o *Liberal*, referindo-se á chegada do principe real ao arsenal da marinha:

«No rosto aberto á alegria pintou-se a extranhesa pelo isolamento em que via todos os da sua familia, e attribuem-se-lhe estas desoladoras palavras:

— «Estamos tão sós?

«Porque assim o querem, porque devendo respeito á lei, a lei está sendo desrespeitada e só o arbitrio impera n'esta terra bem digna de quem a governe com prudencia e justiça.

«Nos acontecimentos colha o principe lição para futuro, porque sabendo aproveital-a nunca se desviará do cumprimento rigoroso da lei, e esse procedimento ha de grangear-lhe o respeito dos inimigos e a sincera amisade dos que ainda confiam no resurgimento pela monarchia.

«E as palavras que hoje lhe seccaram os labios não mais entristecerão a sua alma generosa.»

Pois que sua alteza tem um excellente professor de Historia — o meu velho amigo Manoel Ramos — pode *conferir* com elle os seguintes factos que eu aponto ao joven educando. Não lhe fica mal — escutar um velho, que lhe não quer mal.

Na Historia da Constituição em Portugal e em França pode e deve sua alteza ter presente o seguinte :

*Em Portugal:* observaram a Constituição, isto é a lei fundamental, D. Pedro V e D. Luiz I. Reinaram socegadamente e morreram na patria e em sua casa.

Pretendeu governar despoticamente D. Maria II. Teve um reinado tumultoso, e sangrento e só se livrou do exilio, transigindo, com humilhação.

*Em França :* Sophismou e violou a Constituição Luiz XVI. Morreu no cadafalso o prejuro. Observou a Constituição Luiz XVIII; reinou socegadamente e morreu no throno. Pretenderam violal-a Carlos X e Luiz Filippe ; foram acabar no exilio.

.........

Não lhe falo de Napoleão I, por demasiado grande e porque é na Historia *um facto* sporadico. Mas, olho, de passagem para o *terceiro*: o Napoleão de entremez...

*

Não faltam aos reis as lições da Historia, mas, pelo visto, não jogam essas lições com os Destinos da maior parte d'elles. Medite e reaja o joven principe contra *más tentações* e *maus exemplos!*

... ..

*3 de outubro.* — Vae grande contentamento nas camadas dos burguezes pacificos, avidos de noticias sangrentas. Já lá o disse Victor Hugo: — «Lubrico como os sonhos de um homem casto.»

Esperam os pacatos a guerra entre os Estados-Unidos e o Japão. Bellos telegrammas para os commentarios belicosos!

Quem vencerá? O contrabandista Nunes, *res-*

*peitavel*, etc., *da nossa praça*, aposta pelo Japão; mas com a ideia de não pagar — se perder. Lembra a quadrilha do *sr. Ricardo.*

N. B. Eu não aposto; mas creio que o Japão leva.

*

1.º—Os antigos fornecimentos de pannos para o exercito:

2.º — O *tio Moreira de Alhos Vedros*;

3.º — O Murinello da Misericordia de Lisboa;

4.º — Os 4:068$000 réis de Monsão.

Vae-se tratar de tudo isto. Não os larga o Ezequiel de Santa Cóca. Chega-lhes!

*

O archiduque Leopoldo, irmão da patusca Luiza de Saxe, — ex-mulher do actual rei de Saxe, ex-amante do pintor, etc., — reprova o casamento recente da mana com o musico Toselli

e assim o diz, em telegramma, ao *Daily Mail*, de Londres:

«O telegramma do seu correspondente de Genebra relativo á opinião que me attribue sobre o acto estupido da minha irmã, desposando esse joven italiano, é inteiramente falso. Pelo contrario, estou assombrado e estupefacto, por que desde março não tinha nenhuma noticia de minha irmã, e não sou de fórma alguma favoravel ao seu casamento, tendo feito tudo quanto me foi possivel para a fazer reflectir na enorme differença de edades e nos resultados d'essa união.»

... Tolices—embargar a obra dos filtros cupidineos! Rica Luiza! muito lhe será perdoado, porque *a muitos* amou!

*11 de outubro.* — Abrindo o appetite; tonificando:

. . . . . . . . . .

A'cerca do inventario de D. João VI e segundo informação official enviada para o juizo da 2.ª vara d'esta comarca, onde pende o inventario a que se está procedendo para partilha da herança, parece que no thesouro publico não existem já as joias nem 250.000 libras sterlinas que alli deviam estar arrecadadas, que fazem parte da mesma herança e cuja remoção para a Caixa Geral dos Depositos foi ha mezes pedida pelos herdeiros, passando-se n'esse sentido um precatorio que hoje deixou de ser cumprido.

Os herdeiros vão reclamar contra o que se passa, tendo o sr. conde de Azambuja apresentado já um requerimento n'esse sentido.

... Eu cá não fui. Podem revistar-me.

*

D'esta vez, parece que teremos obra, e *obra aceiada* — modo de dizer.

Ainda hoje me disseram interessados na *queda* e outros na *continuação*: — «Está por pouco».

Certo é que a noite passada ninguem dormiu

cá na rua. O cão amarello uivou a morte — constantemente.

Oh! a ambição dos homens!

*

Para meditar: Vem no *Mundo*:

«Porque se demittiu o sr. Mello e Sousa? Ha duvidas sobre o caso. Uns dizem que são ainda restos do amúo por não ter sido nomeado conselheiro de Estado; outros affirmam que está com os olhos na vaga que o sr. Vilhena vae deixar no Banco de Portugal. E ha ainda quem affirme que vae para muito mais alto...»

Para meditar — n'uma alcofa.

---

*12 de outubro* — Corre impresso que já foi citado o administrador da Casa Real para, no praso de 5 dias, dar entrada na Caixa Geral dos Depositos as joias e mais valores que fazem

parte do quinhão a partilhar entre os herdeiros de El-Rei D. João VI, no inventario a que se está procedendo na 2.ª vara e no qual o sr. conde de Azambuja, na sua qualidade de cabeça de casal, requereu essa dilligencia, desde que se soube que taes valores já não existiam nos cofres do thesouro publico.

... Se já não existem, como hão de elles dar entrada? E apenas com cinco dias — para milagres?!

Estão a atordoar as gentes!

*

Mostrando-me essa noticia, n'um jornal de hontem, dizia-me Tiberio:

— Deus pagina as gazetas a *seu* modo e sem que dê por *sua* intervenção o paginador. Veja você, em seguida, a outra noticia que vem:

«As diversas companhias de infantaria da guarda municipal tiveram hoje exercicios em Valle do Pereiro, Areal dos Jeronymos e Santa Barbara».

Aviso á moralidade da hydra.

*

O conhecido nadador do Porto, Oliveira e Silva, diz nos jornaes, de Lisboa, que descobriu o processo de todos os corpos humanos, por maior que seja o seu peso, fluctuarem inertes dentro d'agua.

Ha varias perguntas sobre hypotheses de fluctuação. Diz Tiberio:

—«Fluctuará tudo, menos a *divida fluctuante*».

Pelo visto...

*

A policia, á ultima hora, persegue os batoteiros dos canos de esgoto, e filia-os, por honra da Moral.

E assim se explica o bom exito dos batoteiros gordos, dos anafados contrabandistas e de quejandos felizes da terra, *respeitados na praça*. Ou bem se persegue e fila a obnoxia malandragem rôta, ou se ha de incommodar a desenxovalhada corja do alto e cómmodo. Já lá dizia o Javert:

— «E' a perseguir as pessoas respeitadas *(na*

*nossa praça)!* que uma sociedade se desorganisa» ?

Está certo.

---

*17 de outubro.* — Um dia d'estes, vi no *Liberal* affirmada a esperança de que *um regresso ao juizo* fizesse mudar de situação.

Pensei... eu já lhes digo em que.

Hontem, vi mais, no *Liberal* :

«Não ha eleições.

Assim o decretaram.

Loucos que nós fomos, crendo que o juizo voltara á cabeca dos que nos governam !

Caíu tambem, já murcha, a ultima folha das nossas illusões... que nós tambem embalavamos phantasias !

O rei tinha occasião de voltar á legalidade, recusando ao governo a sua assignatura n'esse decreto dictatorial, não quiz fazel-o porque mais lhe apraz que governe o arbitrio ?

Quando o rei chegar ao fim da dictadura, se circumvagar um olhar investigador, verá de rojo

alguns aulicos famintos, mas de pé e sem fé monarchica todo o paiz.

Infelizmente para as instituições o *Diario* publicou hoje o decreto do adiantamento».

*

Pensara eu n'uma phrase que li, ha mais de vinte annos, no livro *Um Drama da Regencia* e de que me não esqueci : — «Tinha um espirito mesquinho aquelles Peyrolles : receiava encontrar os limites da loucura humana».

... O illimitado, como se vê !

*

Quanto ao procedimento do sr. João Franco, revela que é um homem teimoso e que *os outros* não teem emenda.

*Os outros* são, salvo as proporções devidas, — Annibal a distrahir-se em Capua e Danton em Arcis sur-Aube. E Scipião inutilisa o primeiro e Robespierre dá cabo do segundo.

E' da Historia. Conheço isto desde os 11 annos

da minha idade. Vejo que os *outros* desconhecem, ou esqueceram-se...

Profundamente triste!

---

*19 de outubro.* — A ingenuidade é bella coisa, senão desatrema pelo excesso, em madureza. Quer-me parecer que se estão excedendo os ingenuos — os prégadores e os ouvintes, a proposito de mudanças imminentes de situação. E' claro que não contando os ingenuos a valer com os intrujões activos ou passivos.

—«Considerando que não podeis com uma gata pelo rabo, tomae lá com mais um rato morto pela cara». — E' uma formula que esta manhã me recitava, entre frouxos de riso, o meu velho visinho miguelista. Está direito.

*

Total da despeza publica no *Diario do Governo*, relativa á viagem do principe real: — 18:777$775 réis.

Algum dia haviamos de ser correctos. Vejam

aquelles 775 réis, que não chegaram a desdobrar-se em 10 tostões redondos, e digam-me se não fervilha ali a honestidade!

Córem, velhos malandros!

*

Muito a proposito me estou lembrando de uma scena a que ha dias assisti n'uma gare da linha de Cascaes.

Um sujeito, com ar sizudo, sentenciava: — «Tudo, menos o que está (o actual governo)».

Intervenção de uma *cocotte*: — «Não; esta gente, ao menos, sempre explica em que o gastou».

Um contrabandista muito respeitado na praça: — «Lá isso é que não padece duvida».

Até as perdidas!

Até os tratantes!

Isto é que é uma conversão. Chiça!

*

Não me desinteresso, mas estou como aquelle velho perceptor da *Irman Anna* do Paulo Kock,

— o qual velho, á força de ser illudido por um determinado patusco, apenas este abria a bocca, berrava-lhe : — «Não diga ! Aposto que é mentira» ?

Tal estou eu no meu crepusculo. E hontem á noite, como quer que eu o affirmasse a Tiberio, disse-me assim o philosopho, pitadeando-se:

— «Levou-lhe tempo a dar pelo fedôr da estrumeira ! Ou era condescendencia cortez» ?

Era, — que eu já *percebera a podridão.*

---

*24 de outubro.* — Insisto : muito importa crêr nas intenções affirmadas pelo sr. Julio de Vilhena, acreditando em que a elevação do seu espirito e do seu caracter garantem a execução da sua vontade.

Importa similhante crença aos que já desesperavam de tudo.

De tudo que não fosse egoismo, ambição réles, lucta de intrigalhada e suborno de malandrins.

Crêr para tomar alento e não para mais uma vez se illudir.

A illusão, agora, seria o fim.

*

Vejo n'um jornal progressista:

«Para elle (o governo), o sr. conselheiro Julio de Vilhena começa a prestar-se ao disfructe, está compromettendo a situação que lhe trouxeram, ha pouco *os bamburrios da politica*, padece, visivelmente, d'uma birra, é pouco mais do que um *novato* na politica, e está entrando pelos dominios do grotesco!!!

«E' de pasmar»!

Não me parece — como se diz agora em plebeismo patusco. O que importa extrahir dos *bamburrios da politica*, em similhantes condições, é a *confissão do culpado.*

Humilde; rasteira; para muitos desnecessaria, mas imposta pela Providencia: é aquillo: — *Os bamburrios da politica.*

E para que a moldura seja digna da téla, vem aquillo com ares de remoque a um superior!

Faz dó.

---

*25 de outubro.* — Leio n'um jornal a noticia de haver sido assaltado pelos lobos, perto de Sattam, um cavalleiro, que se livrou das féras — gritando-lhes. E accrescenta o jornal que as taes féras andam damnadas com o frio e a fome.

Que seria da especie humana, se os lobos tivessem jornaes?! Que não teriam aquelles a dizer?! Sem frio, sem fome, *o rei da creação* é a unica besta-féra que se refocila no egoismo, na crueldade, nas maximas patifarias, e, por mais que lhe gritem, não se affasta. Só chegando-lhe.

Amalandrado rei!

*

Tambem leio que o governo louvou, em portaria, dois sujeitos de Oliveira de Azemeis, que deram coisas para melhoramentos da villa.

... Estragam tudo!

*

O douto e venerando *Manoel José da Fonseca*, juiz do Supremo, requereu passagem ao quadro (?) sem exercicio, mas com vencimento.

Chamem-lhe tolo!

*

Assim sim:

«Rio de Janeiro, 24. — Principiam ámanhã os trabalhos de restauração e decoração do antigo Palacio Guanabara, onde habitava a princeza D. Izabel, e destinado definitivamente a receber o soberano portuguez, por occasião da sua projectada visita.

Os referidos trabalhos estão orçados em mil contos».

. . Isto não é *piolheira*.

---

27 *de outubro*. — Esta é da gaveta do meio, como diz Tiberio. Tomem nota, que veio de Cascaes á imprensa de Lisboa:

## Manifestação tauromachica

«Cascaes, 24. — Na corrida de hoje, no fim da primeira parte, tendo já sido lidados alguns touros da ganad ria da Casa de Bragança, a *élite* e a córte, que enchiam menos de metade da praça, e que constituiam quasi exclusivamente a assistencia, fizeram manifestação de applauso ao regio lavrador, chegando a tocar o hymno nacional. Antes queriamos que El-Rei recebesse justos applausos pela sua communhão de ideias com a vontade nacional, em materia da politica portugueza. E crentes estamos que o augusto monarcha em breve os merecerá, não só então da côrte, mas de uma nação inteira».

... Amen, Jesus, Maria, José !

*

Lavre dois tentos a Procuradoria Geral da Corôa !

Por sua decisão, está prohibida a *Companhia das Aguas* de cortar a agua a qualquer consu-

midor que, não se conformando com a contagem feita pelos conspicuos delegados da mesma senhora, deposite na Caixa Geral dos Depositos a importancia do recibo.

Aos interessados que menos entendem explica *O Popular*:

«Para tornar comprehensivel o processo a seguir, indica-se que o sujeito que assim fizer vae logo apresentar á companhia a nota official do deposito feito e se esta lhe cortar a agua queixa-se em juizo, e depois pede a indemnisação por perdas e damnos, que tem certo o ganho da sua causa, pois os queixosos d'este processo dictatorial da companhia são aos molhos».

E *O Popular* pede iguaes embargos á *Companhia do Gaz*. Apoiadissimo!

---

*29 de outubro.* — Recorda *O Popular*, defendendo o seu partido de ataques á corôa (accusação franquista)! que os regeneradores não *chamaram ao sceptro rolo de tabaco.*

Foi o sr. Luciano Metternich; mas agora chama-lhe *um figo*.

Que não chamará elle ao *rapazote*? Naturalmente — *lindinho*.

Ah, typos!

*

O tal caso, de constar que já não existem no thesouro publico as joias e as 250 mil libras da herança de D. João VI, inspira ao *Popular* os seguintes sobresaltos — que me commovem e erriçam a ex-guedelha:

«Este caso afigura se-nos bastante grave, pois se trata de bens pertencentes a herdeiros e que se arrecadaram no thesouro publico, cuja fidelidade deve pairar acima de todas as suspeitas.

«Não estão no thesouro esses bens?

«Então onde estão?

«Quem os tirou de lá ou quem deu essa ordem para elles serem tirados, ordem que só podia dimanar d'um mandado do juiz da vara por onde o inventario de partilhas corria?

«Repetimos: este caso é muito grave e muito delicado, pois vem lançar a desconfiança e a

suspeição no espirito de todos aquelles que entrem nos cofres publicos com os os seus haveres, até ulterior resolução judicial».

Pelo que me toca, limito-me a repetir — *que não fui eu*; e ao mesmo tempo me lembro de uma *jornalice* de ha bons 30 annos.

Foi o caso que uma folha catholica de Braga, dirigiu-se a Urbano Loureiro, nos seguintes termos:

— Intimamol-e a dizer se tem *suspeitas* contra a nossa probidade!

E o Urbano:

— Eu?! Nem por sombras. O que eu tenho é *certeza*.

*

Ainda sobre o tal caso. Nas gazetas de hontem:

«O sr. D. Fernando de Serpa Pimentel, administrador da Casa Real, conferenciou com o sr. ministro da fazenda, sobre o facto de ter sido citado para, no praso de 5 dias, a Casa Real entrar na Caixa Geral dos Depositos, com as

joias e mais valores, incluindo 250 000 libras, que fazem parte do quinhão a partilhar entre os herdeiros de D. João VI, no inventario que corre pela 2.ª vara civel de Lisboa».

Que volta e que remedio podem dar os dois funccionarios *ao que já não existe?* Certo é que temos capitulo novo na *Historia das escorrencias putridas e fétidas*.

Puh!

---

*30 de outubro.* — No *Popular*, que passa a ser o orgão do partido regenerador, veio hontem, 29, um artigo sensacional, pelas affirmações e pelas revelações. E' da serie *Situação clara* e, ainda como factura jornalistica, é devéras notavel. Tem sido reproduzido, ou citado, por quasi toda a imprensa e commentado calorosamente pelo publico, — sem referencia aos *80* a *90* %, que não teem voto no assumpto

O artigo é geralmente attribuido ao proprio chefe do partido regenerador. Um chefe que sabe escrever: caso não vulgar.

O artigo, reproduzido e commentado pelos

orgãos mais lidos, dispensa-me de outras referencias —Não me dispenso, porém, de tocar em um ponto a que o *Mundo* se refere, e em especial noticia. Falle o *Mundo* :

«Parece que, por emquanto, tudo quanto se diga ácerca do programma do blóco é prematuro, porque não só os detalhes, como as linhas geraes da acção a realisar, pertencerão á commissão mixta que se vae escolher. O sr. Julio de Vilhena tem o plano geral de suscitar uma grande manifestação nacional no dia 2 de janeiro, caso a dictadura continue, mas, segundo ouvimos, não determinou ainda a fórma pratica de a realisar. E' esse o principal assumpto a tratar pela commissão mixta, que terá naturalmente depois de executar as resoluções tomadas».

*

Em que peze aos contrabandistas *respeitaveis da nossa praça*, informam os jornaes de hoje :

«A repercussão produzida na nossa praça, pela descida geral dos fundos, é gravissima. Temos

noticia de seis ou sete casos que seguramente não poderão resistir-lhe.

«D'um Banco sabemos nós que, tendo pedido a outro 160 contos, lhe foi respondido que apenas 80 lhe poderiam ser postos á ordem e por favor.

«Affirmava-se que o sr. marquez de Val-Flôr accudira, com 200 contos, a uma afflictiva situação de pessoa que o jogo de fundos compromettera.

«Uma casa allemã que tem na nossa praça contas a receber, por intermedio d'uma importante casa, perguntou se podia sacar, e foi-lhe respondido que não».

E' aqui, me quer parecer, que lhes dóe — aos que não tem cerebro, nem nervos, nem coração: aos que só tem *burra*. Sem offensas aos burros!

*

Em 11 de novembro de 1906, o *Jornal da Noite* publicou a *interview* que adiante se reproduz. Refere-se á apparição sensacional da prosa de Camillo Castello Branco, dictada pelo grande

morto ao *medium* Fernando de Lacerda. Isto deu que scismar.

Disse o *Jornal da Noite:*

## UMA ENTREVISTA COM SILVA PINTO

O caso F. L. — Uma carta do outro mundo — Quem é o destinatario

## CAMILLO E CESARIO

**Os artigos de Emygdio Navarro — Uma apparição extraordinaria — As cartas de Camillo a Silva Pinto.**

E' do caso F. L. que nos occupamos, hoje, com detalhes fartos, porque não nos quizemos abalançar a grandes revelações, sem as podermos documentar.

Temos agora averiguadas as condições em que F. L. recebe as communicações do mundo espirita, e conhecemos essas admiraveis cartas que, tomando-o por seu intermediario, um gran-

. . . . . . . . . . .

de escriptor morto enviou d'essas regiões mysteriosas a um prosador enorme que vive ainda.

F. L. conversando despreoccupadamente, com amigos, fallando alto, respondendo-lhes acertadamente, sente uma necessidade imperiosa de escrever, e n'um estado psychologico especial, continuando a palestrar, bem dentro da sua personalidade, abandona o braço, armado de lapis e recebe communicações espantosas.

N'esse caso receptou as cartas de Camillo Castello Branco a Silva Pinto, de que nos occuparemos.

São estes os dois escriptores de quem se trata e só agora o damos a claro, depois de certificados de que alguma coisa ha de uma verdade indubitavel em todo este embroglio.

Encontrámo-nos hoje, ao bater das dez da manhã, com Silva Pinto, para lhe ouvirmos as suas opiniões sobre o caso. O *illustre grande homem* como elle diria de outro, recebeu-nos com aquelle seu ar benevolo e delicado, esperando o ataque das nossas perguntas, com interesse :

Entrámos então francamente no assumpto,

. . . . . . . . . . .

pronunciámos o nome de Camillo, e nem nos deixou dizer.

— «Perfeitamente, o que quizer» — fez logo, obrigando-nos a tomar assento ao lado.

Começando com methodo, as nossas primeiras palavras deviam ser para nos informarmos das opiniões do eminente critico sobre a materia de Espiritismo. Depois entrariamos na apreciação das cartas que sabiamos por F. L. serem já do seu conhecimento.

—«Eu lhe digo. O Espiritismo, para mim, não sendo uma sciencia positiva, é materia vaga. Tanto sei eu d'elle, ao certo, como a minha creada, ou alli o moço da rua. .

«E' tambem certo, comtudo, que alguma coisa ha... E tenho motivos para o affirmar, fortalecidos por opiniões de peso.

«Camillo contou-me casos extraordinarios de apparições. Eu proprio vi Cesario Verde...

«Não o quiz acreditar. Não sei ainda que estado de exaltação nervosa me produziu uma illusão semelhante. Camillo quiz convencer-me de que era o proprio Cesario quem me apparecia.

. . . . . . . .

**A morte de Coelho Louzada — Camillo no interior — Uma materialisação espantosa**

—«Quando morreu Coelho Louzada, — dizia-nos Silva Pinto, com os olhos no vago, chamando recordações dolorosas talvez — quando morreu esse amigo do Mestre, elle, que na sua aldeia, recebera noticia pelo *Commercio do Porto*, puxou para a frente dois linguados e, tomando a penna, dispunha-se a lançar uns periodos sentidos debaixo de uma grande impressão de saudade.

«Mas no momento em que a penna ia começar a correr, a porta abriu-se subitamente, com um ruido aspero dos gonzos, e Coelho Louzada, a sua figura perfeita, surgiu no limiar, com um sorriso a brincar-lhe nos labios.

—«Para quê, meu amigo! Isso não vale de nada!»

«Camillo ergueu-se n'uma risada de desabafo, passando, n'aquelle seu temperamento extranho, da dôr a uma alegria intensa, bruscamente.

—«Ia escrever sobre a tua morte, vê lá! O que é a vida!

«E avançando para a figura do amigo, dispunha-se o grande romancista a envolvel-a n'um abraço affectuoso, quando, a um passo mais, ella desappareceu, como por encanto, como um personagem de peça phantastica...

«Camillo entrou no interior da casa, e encontrando-se logo com a mulher disse-lhe, cheio de espanto:

—«Não viste o Louzada? Onde está? Anda a fazer mascarada commigo!

«Coelho Louzada tinha morrido, e assim o ouviu Camillo da bocca de sua mulher».

O caso que Silva Pinto nos contava, com aquelle colorido que só é seu e não conseguiriamos reproduzir, por maiores esforços, trazia-nos á lembrança outro, que Alberto Pimentel conta no *Romance do Romancista*:

Estava Camillo em Lisboa. Um dia em que sahira de manhã para a rua, sentiu de repente como que uma anilha de ferro a apertar-lhe o pescoço fortemente. Voltou-se; era o marido de D. Anna Placido que tinha diante de si com

a physionomia contrahida n'uma expressão de odio profundo.

Minutos decorridos, desdobrando um jornal, via que Manuel Pinheiro tinha morrido...

Ficaramos os dois absortos, nós e o grande critico, em pensamentos dolorosos, de certo, porque nos seus olhos borbulhavam gottas d'agua.

Lembrava-se de Cesario Verde; começava a contar-nos aquella apparição a que se referira de começo, levemente.

—Estava no meu gabinete de trabalho, no dia seguinte á morte do amigo querido, como que fazendo exame de consciencia, o cerebro revolto, quando o ruido secco de uma porta que batia, fechando-se, me sobresaltou sem motivo Era a porta do meu quarto que alguem saccudia de um modo particular. E passos muito meus conhecidos desciam a escada, esmagando os tapetes de esparto com um som estridulo de rangedeiras.

«Eram as rangedeiras, como Elle usava nas suas botas inglezas!

«Os passos avançavam no corredor, tambem

esteirado de esparto, paravam junto da porta do meu gabinete, que rangeu. .

«Eu tinha-me levantado impressionadissimo.

«Adeantei-me para a porta, perguntei quem estava, corri, empurrei-a... e ninguem!

«Camillo dizia-me depois, quando lhe contava o succedido, que não tinha duvidas que fosse o Cesario que alli tivesse vindo para me fallar. Accrescentava que elle não tinha entrado, não se tinha deixado vêr, porque receiara que a minha commoção fosse demasiado violenta».

O interesse crescia, mas pesava nos mortificar a grande alma de Silva Pinto, insistindo n'aquelle assumpto tão doloroso. Elle continuava entretanto, contando nos agora a fórma porque o vira, ou julgara vêr.

— Foi na manhã do dia da sua morte. Na vespera tinha estado no Paço do Lumiar e, vendo o seu estado, o soffrimento enorme que o ia consumindo lentamente, chegara a pedir a Deus que o levasse.

«Acordára indisposto, depois de algumas horas de somno desasocegado e tinha-me sentado no leito, a pensar no que me preoccupava uni-

camente: no meu querido irmão espiritual...

«Defronte dos olhos, uma sombra ia tomando fórmas de qualquer coisa. Um tom doirado de moldura de quadro, crescia de intensidade, até ficar nitido á minha vista sobre um fundo de azul puro. E depois, uma figura começou a desenhar-se com a mesma lentidão. E o Cesario, com o seu casaco de panno azul tão meu conhecido, os cabellos pegados na fronte, a gola levantada como elle usava...

«Adeantei um braço, nervosamente, precipitei-me para o quadro, mas não o encontrei, porque se tinha sumido. Foi n'esse dia que o Cesario morreu...» A voz de Silva Pinto tinha uma doçura extrema n'estas phrases, era carregada de sentimento. Dizia-nos ainda a impressão que o tomára n'aquelle dia em que fôra sósinho á rua de Cyprestes, do cemiterio dos Prazeres: ia ter com elle á sua «nova morada de pedra com um respiradoiro em cruz» e parecia ouvil-o de dentro, bem na sua voz:

— *Sê natural, meu amigo!*

## Analyse das cartas de Camillo — O que diz F. L. — O que pensa Silva Pinto

— Agora fallemos um pouco das cartas de Camillo, se é que são d'elle — arriscámos, commovidos tambem.

— A prosa por vezes tem aquella caracteristica da de Camillo, é mascula, vigorosa, bem matisada .. mas, se F. L. não fosse um homem honesto, eu julgaria sempre que se tratava de uma mystificação. Assim não admitto essa hypothese e inclino-me a acreditar que elle, como certos somnambulos, escreve, quando em transe, ou no estado especial com que recebe as communicações, como o não conseguiria no estado normal, porque a prosa d'essa carta que tenho em meu poder tem o sabor camilliano...

« Mas ao par d'isso, vem redigida de uma fórma, que, se F. L. a explica, para mim obriga-me a levantar duvidas.

« Camillo não me tratava por tu, d'aquella fórma, nem tinha por habitual a ternura de que a carta vem cheia.

«E' verdade que os espiritos, segundo dizem,

tratam todos por tu, e soffrem grandes transformações».

— E os conceitos da carta eram ajuizados?

— Ajuizados, sim, mas em absoluta discordancia com as palavras que sempre lhe ouvi. Alguns conselhos que me dá, perfeitamente em desharmonia com as recommendações que em vida me fazia.

«A segunda carta, porém, é que me parece mais logica, mais verdadeira.

«Apresenta comtudo incoherencias. Mas oiça: No momento, em que eu, espantado, dizia que, Camillo pensava de fórma bem differente, F. L. que me fôra ler a segunda communicação, sentiu-se subitamente opprimido e disse-me n'uma voz suffocada, olhando um ponto do gabinete:

— O Camillo está aqui, diz que ha de escrever ainda outra carta, explicando tudo...

Houve um pequeno silencio, em que meditavamos ambos.

— O que pensa V. Ex.ª de toda esta amalgama de factos?

— O que lhe disse. Não tenho opinião definitiva. Creio que F. L. que sempre considerei e

considero um homem honesto e absolutamente sincero, procede em um estado anormal.

«Um somnambulo conheci eu, um homem pesado e corpulento que, durante o somno, saltava com uma facilidade extrema para o tampo d'uma meza, onde se equilibrava tocando rabeca, não se lembrando depois de coisa alguma. F. L., no estado psychologico em que recebe as communicações, produz peças litterarias que no seu estado normal não conseguiria.

«No emtanto o espiritismo merece attenção. Emygdio Navarro publicou nas *Novidades* alguns artigos. E a fórma como escrevia deixa a impressão de que acreditava nas theorias espiritas. Emygdio Navarro tinha uma mentalidade robusta...»

E assim terminou a palestra amavel que Silva Pinto, essa figura enorme da nossa litteratura» se dignou conceder-nos.

# SEGUNDA PARTE

## 1908

---

*1 de Fevereiro* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*8 de fevereiro.*—A tragedia de 1 de fevereiro, a parte domestica, dolorosissima, esbate se, á luz da feição historica no criterio de todos. E' nas primeiras horas. Depois accentuam-se com muito relevo, ao fundo do quadro — as figuras das duas victimas, a da mulher esposa e mãe, as dos regicidas que se sacrificaram, e mais ao fundo as dos *outros* que fogem... Um horror!

Só Deus é grande.

*

Certo é que a morte de um homem, um chefe de familia, deixa por vezes, após si, aggravadas as difficuldades da vida. Accrescimo de maguas, mas *descentralisação* d'ellas. No caso de 1 de fevereiro, *aquella familia* só vê o horror domestico. E que horror!

Só Deus é grande.

*

O João Franco declarou a um jornalista francez — que foi attingido no coração e que conta com o julgamento do tempo.

O perverso a fallar de coração!

O grutesco a contar com a posteridade!

Fallará Deus.

*

Informa *O Liberal*:

«O ex-ministro da justiça, Teixeira de Abreu, abandonou Lisboa, esta madrugada. Ignora-se o destino que tomou, sabendo-se, entretanto, que foi em automovel e rapara as barbas, a fim de não ser reconhecido».

O *advogado dos mortos* — sem barba. Deve parecer um galeote — exteriormente.
Por dentro é outro.

*

Partiu para o Alcaide o pae de João Franco. «Já lá vae o *afilhado* por quem nós eramos compadres»!

*

No artigo principal (!) do *Matin*, de hontem, diz Camillo Pelletan:

«O assassinio é sempre um acto criminoso e póde ser fatal á causa que pretende servir».

... Foi um ridiculo ministro da marinha este Pelletan e, pelo visto, é um pensador divertido.
Como o Accacio, até nos assumptos funebres!

*

D'um jornal inglez, *Lokal Anzeig*:

«A sorte de Portugal e da dynastia vae depender agora das resoluções que tomar o rei

Manuel. Mas os 80 % dos que não sabem lêr, da população portugueza, não serão tornados melhores de repente por um decreto do rei».

Os 80 a 90 % — diz muitissimo bem. E já lá o disse Littré : — «Não se modifica com leis o cerebro d'um povo».

---

*14 de fevereiro.* — Um dia, ahi por 1873, — justo : ha 35 annos, tinha eu 24, — encontrei, no largo do Pelourinho, Julio Cesar Machado. Era um domingo, pela manhã, e o nosso grande folhetinista caminhava tendo debaixo do braço uma garrafa embrulhada a preceito. Parou a uns dez passos de mim, esgazeou os olhos e disse-me :

— Aposto que já viste litterato hoje !

— Nada, ainda não tinha visto.

— Pois parece-o. Vens com cara triste.

— ? !

— Eu te digo, filho ! E' que essa gente enche-nos de desolação. Ora, vê tu se, ao domingo, quando se encontram, no caminho das hortas,

dois carpinteiros, pensam em dar um ao outro noticias desagradaveis. F, repara bem: o encontro de dois litteratos produz logo isto: — Um d'elles a participar ao outro que a *Gazeta de Matacões* lhe dirigiu piada. E o alvejado pela piada e pela noticia perde a vontade de divertir se. *Alegria ao mar!*

— E' certo, disse eu.

— Pois está visto. E por essas e outras aqui vou eu, com esta garrafa de moscatel de Setubal, para casa do meu velho Queriol, que lá tem um guisado de frango, á espera de uma caldeirada de peixe — que eu premedito. E, olho atraz, olho adiante, cá vou fugindo ás noticias dos outros...

*

E lá se foi o Julio. Havia de ser hoje, que elle se veria livre, por ter fugido *aos da classe*. Os que hoje dão noticias não teem officio, que se saiba; são uns corujões sinistros, de piar brando, parvos com intenções ruins, e mortos por darem novas desagradaveis — *a vêr o que d'alli sae*. D'aqui não sae nada. Eu não tomo

conhecimento senão das boas intenções: de mais nada. Na qualidade de *velho,* não disponho de tempo senão para lêr quem escreve melhor do que eu — e *os taes outros* escrevem peor. Que vão todos á tabúa!

*

Dos *Eccos do Ribatejo*:

«O João Franco era um cobarde, disfarçado em varredor de feira. Excedeu em estupidez e tyrannia o mais selvagem chefe marroquino».

Está certo. Todos lhe dão. Pela minha parte, ainda aqui tenho uns restos da *coisa,* — para elle e para os adherentes disfarçados.

*

Creio que já não parece mal reproduzir o seguinte soneto, que, ha mais de 30 annos, João de Deus me deu para publicar, originalmente, no *Espectro de Juvenal*:

Ditosa d'uma augusta personagem!
Que, em exhalando o ultimo suspiro,

De quarto em quarto de hora, ouve-se um tiro,
O que é d'uma grandissima vantagem !

Nós cá temos no luto outra linguagem,
Que é o pranto, o silencio e o retiro ;
Elles, tiros de peça ! Não admiro !
São pessoas de altissima linhagem.

São pessoas reaes : os mais, abortos
Em que os cavallos do seu coche encalham ;
E elles vão indo extaticos, absortos...

Não se lhes dá das lastimas que espalham,
E ainda menos que, depois de mortos,
Quebrem o somno aos pobres que trabalham.

... Está certo.

---

*26 de fevereiro.* — Uma vez, haverá uns 35 annos (justo: foi 1873) aconteceu que, no Curso Superior de Lettras, o eminente professor Augusto Seromenho, nos contou, aos rapazes, na aula, o seguinte episodio demonstrativo da seriedade da Lei em Inglaterra.

— «Ainda no outro dia um commerciante rou-

bado por um seu caixeiro, limitou-se a despedil-o, passando-lhe, por dó, um attestado de bom comportamento. Entrou o empregado para outra casa e alli commetteu novo roubo.

«Chamou-o o segundo patrão aos tribunaes, onde mostrou o attestado que lh'o recommendava. Foi preso o antigo patrão, e o tribunal condemnou-o, bem como ao caixeiro infiel, que elle afiançara, em 10 annos de prisão».

Nunca esqueci semelhante caso, e, por certo, que não iria, sem base, lavrar documentos da minha crença nos bons costumes de João Franco — ou de qualquer outro magico. Mas, só um burro muitissimo bêsta considera valioso um attestado de bom comportamento — depois que ás leis do decôro faltou o seu possuidor.

Appellar para as declarações *a priori*, como favoraveis ao malfeitor *a posteriori*, é de uma estupidez córnea e infecciosa, que avilta as creaturas, desgotando sem duvida o Creador!

*

E, afinal, eu não chamo *deshonesto* ao magico

da dictadura : simplesmente porque o não considero tal — sob o ponto de vista da *limpeza de mãos*. Muito, pelo contrario, eu considero-o incapaz de commungar alli com o *olho vê e mão pilha*. O que eu sustento é o que todos, mais ou menos, experimentaram : — que o *cabeça bicuda* é um cobarde, ignorante, malcreado, odiento, cruel, desleal, com variadas prendas addicionaes — o que ha de mais sinistro na ralé sarrafaçal dos *renegados* sem vergonha. E' só isto.

Que culpa tem, pois, o pobre de mim, peccador, se o *cabeça bicuda* — ou o pelle vermelha — ou o diabo que o carregue — desatremou da vulgar correcção obrigatoria de um pé de boi dinheiroso e collocado no alto da escada social — com os lombos propicios a carrejal-a ? Comprehende-me finalmente, o insensato ? Applique attenção e ouvirá na sombra dois rumores surdos e distinctos : soluços e o gotejar de sangue ! Só Deus tem o direito de perdoar.

---

*16 de março.* — Como quer que haja factos

absolutamente indifferentes na biographia de certos individuos, para o estudo de certas monstruosidades, sempre lhes contarei um caso que hontem me referiram ácerca do *pae do presidente*. Era assim que se impunha aos *snobs* o ancião pouco veneravel — pae do *João Franco*.

Pouco, ou nada veneravel: eu explico, pela tal simples narrativa.

Uma d'essas pobres de Christo que ao serviço dos caminhos de ferro, gosam o estipendio diario de 60 a 80 réis, mais a moradia em uma barraca de cão de pobre, — uma *guarda cancellas*, emfim, — de perto do Fundão, dormitava, sentada n'um penedo, quando por ella passou o *pae do presidente*. Em má hora para a infeliz, — que o não viu e, portanto, não se levantou á passagem do cafre! Tambem, não se demorou o castigo. A *criminosa* foi transferida, a empenhos do mau velho.

Não é de admirar que de tal mostrengo sahisse *o outro que nós sabemos*.

Hoje, retirado no Alcaide, diz o octogenario, empolgado pela Providencia: — «A politica de meu filho deu em resultado o desterro para elle

e para o meu neto, e para mim o fim da vida solitario». Não está certo. Dizem-me patricios d'elle — que nunca fez senão o mal. Deus lhe dê a companhia dos remorsos!

*

Vem a proposito amostrar um facto de cada dia, que estou farto de presenciar.

E' aquillo de, no periodo de dois annos, berrarem *franquismo* por essas ruas uns partidarios ferrenhos do *dictador*, e, subitamente, ouvil-os a gente a vociferar, ou a troçar, á conta da politica insensata do cahido. Até *o pae do presidente* a considera tola, e ninguem aturava o impostor.

Certo é que deixamos o mundo tão parvo e maroto como o encontrámos ao chegarmos. Isto é uma variante ao immortal Camillo.

*17 de março.* — Do *Liberal:*

«Um recente partidario do *Portugal* manda-lhe em carta a sua adhesão, que termina por

estas exclamações: «Deus o quer! Viva a Patria! Viva Deus!»

«Mas para que está o reverendo a dar vivas a quem — não morre nunca?

«Então Deus não é eterno?»

... Vamos por partes. Recente partidario do *Portugal* deve ser o padre *Luiz José Dias* — ex-progressista, ex-dissidente, ex-francaceo, ex-regenerador (?) e, pela certa, recente nacionalista.

Ergo, sandice e blasphemia, pois que Deus não vae pela *via larga!*

*

Que o *João Franco* está em Lisboa — escondido. *Hay que distinguir!*

Eu creio. Os malfeitores foges, mas regressam, logo depois, ao logar do crime.

*

Opina um collega:

«Continua a dizer-se que o ministerio tem difficuldades, por causa da amnistia geral que o rei deseja conceder.

«Fala-se até n'um novo governo. Mas lembrem-se de que a nação quer homens novos e ideias uteis. Nada de comedias!»

... Pois sim, Annica! E os manes do visconde de Santa Monica:

— «Já não ha d'outros Portuguezes!»

*

A proposito de explosivos que matam os seus auctores, dizia ha tempos o *Baptistinha* de Setubal:

— «A Providencia é por nós. Morrem os que fabricam as bombas, em Lisboa, e dos nossos (!) ainda não morreu ninguem. E' preciso limpeza!»

Decerto, *Baptistinha!* E' preciso *limpeza*: metter na cadeia os assassinos e trazer cá fóra, ao tribunal, os encafuados no hospital dos doidos, — para apuramento das raças. Limpar, varrer as cavallariças de Augias — com a vassoura de Hercules, ou com a sobrecasaca de fétidissimo goliardo — estupido, ridiculo e feroz! Limpar, varrer para o collector!

*

*Murinello* (Leopoldo) continúa de fóra...

A Beneficencia do Ministerio do Reino está já inscripta — cá no registro.

Ou se mexe, ou apanha — a cahir!

Ou cova, ou dente!

Ou sim, ou sopas!

Ou o innocente reintegrado, ou prezo o ladrão!

*

Adoptada na Belgica a cremação.

E' suggestivo. Lembra o epigramma de João de Deus:

> *Tu que deitaste no fogo,*
> *Que cheira a corno queimado?!*

*

A proposito: a cremação acaba com *o vermes do sepulchro.*

E' como o chloral, a pôr fim ao *parirás com dôr.*

. . . . . . . . . . .

Está na corrente das heranças, que inutilisam o *ganharás o pão com o suor do teu rosto.*

Dão em terra com todo o *biblico*. Que lhe parece ao *criterium* do José Novaes?

Mais ao do fulgurante Luiz José Dias?

(Fulgurante como um caga-lume).

*

O *João Franco* refugiado na Cardiga?

Cebo! Lá me envenena os queijos!

*

Coisa peior do que uma mulher feia?

— Duas mulheres feias.

(E' variante ao Herculano).

---

*18 de março.*— Participam, de Moçambique, o facto de haver o governador geral (chama-se Freire de Andrade) desterrado para o Bazaruto um jornalista de Lourenço Marques (Ornellas) que lhe censurara actos publicos.

Tem o carimbo da *aventura sinistra* o tal go-

vernador, e parece um foguete a estalar com atrazo. Atrazo de mez e meio — o patusco!

*

Percorre-se a lista dos proximos futuros candidatos a deputados, e em vão se procura Isaias de Santa Coca — ex-progressista, ex-dissidente, ex-francaceo e armando em regenerador.

E' que só mergulha em politica, para apurar o caso dos 4:068$000 réis de Monsão. E' damnado!

*

Extranha, indignado, *O Temps*, de Paris, que o Japão procedesse *com rudeza* contra a China que lhe aprezou o tal navio. Mais *rude* foi para nós a França, quando lhe apresámos a *Charles et George*.

E' verdade que a Allemanha vingou-nos em 1870 e a Inglaterra no incidente de Fashoda.

Ha Providencia.

*

Ainda ácerca do conflicto chino-japonez, tele-

grapham de Pekin — que a opinião da colonia estrangeira é favoravel á China.

Pudera não! E vale muito o apoio moral!

*

Do *Liberal* de hontem:

«Hoje, no Palacio das Necessidades, receberam Suas Magestades, pela segunda vez, as pessoas que já lhes haviam sido apresentadas. Mas o povo de Lisboa que ainda não teve occasião de vêr o novo Rei, deseja que elle lhe appareça a visitar os pobres, os desgraçados, os trabalhadores, as creanças, que nas escolas, nas officinas ou nos albergues, representam a alma da nação, que soffre, que labuta e que deseja a tranquilidade pelo trabalho e pela liberdade.

«Estamos convencidos de que o sr. D. Manuel II, no dia em que sair do Paço para se pôr em contacto com o povo, sentirá um grande allivio e uma enorme tranquilidade para o seu alanceado espirito que o povo crê bom e justiceiro».

... E' pouco.

. . . . . . . . . .

*19 de março.* — Sópra um vento de insania! bradava o conselheiro Encravadissimo, de grotesca memoria. Sópra, como nunca soprou. Parece que a *sinistra aventura* teve artes de estontear o maior numero. Certo é que esse numero foi sempre burlado pelo minimo; mas outr'ora collaborava na burla a indifferença das victimas; hoje não ha indifferentes: anda tudo preoccupado. D'ahi a alluvião de malucos!

Deram na fraqueza a muitissimos compatriotas nossos as razzias do franquismo. Em panno velho pretendeu-se deitar remendos... de coiro! Na Biblia não se previra tanto. Apenas apanhou o germen do assumpto horrifico o olho de José Novaes, — o que ha ahi de mais reluzente e profundo!

Como quer que seja, ouve-se estalar vigamento pôdre e vê-se fugir, estonteada, uma bicharia de que se não formava uma ideia. Os dois annos de *malfeitoria no poder* pozeram em fóco a impotencia dos partidos e dos politicos em geral: se não fosse a deliberação de uns anonymos, a aventura triumphava e dava cabo

de todos. Onde e como improvisar, pois, methodo e condições de resistencia?

Só vejo esperança, de muito longe — á cautela! — no toutiço do padre Luiz José Dias, em Lisboa, mais no de José Novaes, seu émulo em talentos, alli no Porto. Poço sem fundo é o padre em materia de virtudes; o outro é um collector de ronha. Talvez por ambos grude a salvação do imperio. Aliás, choldra ao mar!

*

Na corrente das notas sobre a desorientação, informa *O Liberal*:

«O boato da abdicação do sr. Julio de Vilhena á chefia do partido regenerador teve hoje as honras do dia.

Diz-se que o sr. Julio de Vilhena entregara ao sr. Campos Henriques os trabalhos eleitoraes; que isto mesmo tinha declarado ao sr. José Luciano. Por tal boato, foi hoje muito procurado o sr. Teixeira de Sousa, que anda contente como um rato.

«No gabinete do sr. Teixeira de Sousa dizem

os seus amigos que estiveram hoje muitas caras novas, até generaes, até ministros honorarios. O sr. Campos Henriques tambem tem agora muitos amigos. Podera não ter? Até dizem que elle será ministro do reino, muito brevemente.

«Viva o Porto»!

Lembra-me o ruido sensaborão do Carnaval: gaitas de rapazio, berros de chéchés, desafinação de *fungágás*: o dia de juizo!

*Oh! la joie de vivre!*

---

*20 de março.* — O *Jornal do Commercio*, de hontem, discorrendo ácerca do que mais convém, politicamente, ao paiz, produz o seguinte:

«E' nossa convicção que o paiz ainda prefere a politica da rotação partidaria, mas, bem entendido, cortando com a estreita e esteril rotina regedorial do passado, tão propicia ao exito da intriga e da mediocridade, e da qual resulta a penuria de homens publicos de caracter e de valor, que ahi está patente aos olhos de todos»

... Com o devido respeito, permitto-me alterar a redacção, antes de dizer *que approvo* aos meus amigos de Cerva e de Mondim — esses que em meus juizos confiam. As alterações são estas:

— *Que o paiz ainda prefere*... leia-se: *no paiz ainda ha quem prefira*...

Porque o paiz, ou prefere outra coisa, ou tudo lhe é indifferente.

Certo e indiscutivel é que a maioria não quer saber de coisa alguma. Consulte-se o *criterium* de José Novaes e ha de talvez ouvir-se que, na qualidade de apodrecido galho (figurado) da decrepita arvore latina, Portugal está no pendor do abysmo, com a impetuosa corrente da Civilisação a rugir-lhe por debaixo do rabiosque — e com a vista fatigada a explorar parvamente os horizontes. Um preparo merecido pelos netos dos flagelladores do Oriente! Alli está o Isaias de Santa Cóca, que é da mesma opinião — antes das 10 horas da noite.

*

Consoante *O Liberal*, é improvavel que os

eleitores republicanos deixem vir á scena... quer dizer, ao parlamento — o sr. Mazziotti.

Mais um regulo a menos! E faz falta, porque o sr. Mazziotti falla muito melhor de que o padre *Luiz José Dias*: não diz nada.

*

Dá-nos *O Paiz* o seguinte documento humano:

«Hontem contaram-nos o facto de um cavalheiro de industria, intitulando-se empregado d'um nosso conceituadissimo collega da capital, procurou o dono d'uma casa de batota, dizendo-lhe, pouco mais ou menos, as seguintes palavras:

—«Ou o senhor me dá 600$000 réis ou eu farei publicar no jornal X... este artigo (o homem mostrou uns linguados escriptos) contra a sua casa.

«O profissional da batota achou a exigencia demasiada e preferiu sujeitar-se — no que andou muito bem — ás contigencias da publicidade, a transigir com o *escroc*.

«E' claro que o artigo não appareceu, porque, para honra da nossa imprensa, o meliante não exercia mister algum em qualquer dos nossos jornaes».

... Faz-me pena ignorar o nome do malandrão. O que perde a *listra* geral !

*

Pelos modos, sempre saiu no *Portugal* a *Hora tragica*, annunciada producção cómica.

Ferindo a corda trocista, diz o *Portugal* :

«Dirige-se nos em postal o rev. padre Caetano Alves Barbosa, de Vizeu, que diz :

«Artigos como os «Fazendo Historia» e outros semelhantes pela sua relação com a materia do folhetim do nosso *Portugal* — *Hora tragica* — podiam bem servir-lhe de prologo, formando-se assim um bello livro e um compendio de tão tristes factos, que eu e muitos outros bem apreciariamos».

«E como estas muitas outras cartas»

. . . *E como estas muitas outras!* Tóma, Caetano! Apanha lá essa bisca tabaqueira!

*

Tivé de explicar, ante hontem, por intermedio da *Voz Publica*, aos meus amigos de Cerva e de Mondim, o que consta dos seguintes termos:

Participam-me, com atrazo e casualmente, que eu fui ha dias accusado; 1.º De haver sido na minha mocidade injusto com Camillo; 2.º De ser agora ingrato com *João Franco* — «a quem devo o meu emprego publico».

Respondo:

No seu prologo dos meus *Combates e Criticas* (1.º volume), diz Camillo, referindo-se ao nosso encontro pacifico, uns cinco annos após o conflicto litterario:

«Volvidos annos, vi-o e ouvi-o pela primeira vez. Nenhum de nós soltou palavra de resentimento, *porque ambos haviamos sido injustos*».

Quanto ao meu logar, na Casa de Correcção de Lisboa, fui nomeado sub-director interino, sendo ministro da justiça o sr. *Antonio d'Aze-*

*vedo Castello Branco,* que me indicara para tal fim, ao Procurador Regio, sr. Faria Azevedo; e fui provido na effectividade, como director, pelo sr. *Campos Henriques.*

Creio que fiz o meu logar.

E ponto final.

*23 de março.* — Parece que a policia, exceptuando a que anda a fazer recados, percorre as hospedarias de Lisboa, em busca de um estrangeiro que ameaçou a vida do rei de Hespanha.

Entre nós — o homem foi visto hontem na sacristia de Santa Catharina, a contas com o *verdasco* do padre e jurando, por Baccho, cortar-lhe o *susto* — ao Isaias de Santa Cóca.

Pelos modos, nem já pensa em regicidios.

*

A ex-mulher do rei de Saxe, ex-amiga do pintor Giron, ex-esposa do pianista Toselli, pediu o divorcio e quer casar com o romancista inglez

Le Queux. Todos *elles*, pelo visto, gostam da sorte que *ella* lhes prepara — a linda cróia.

São de bom comer. Certo é que a patusca não deixa de ser aphrodisiaca. Ai! — que relaxante mundo!

*

Informa-nos o *Jornal do Commercio:*

«O sr. capitão Paiva Couceiro está elaborando o projecto de orçamento da provincia de Angola para 1908-9, a fim de entregal-o ao governo, antes de regressar a Loanda.

«Da sua approvação resultará grande reducção de despezas, sem prejuizo dos serviços publicos e com vantagem de atenuar o *dificit* da provincia.

«Propõe-se o augmento de receitas, em quantia importante, com a creação de novos impostos».

... E o commercio de Angola a agradecer ao governo a recondução! E o sr. Couceiro a

propôr novos impostos — como salvação do orçamento!

Assim, tambem o *José Novaes.*

*

A' exposição no Rio de Janeiro envia a ourivesaria Leitão, de Lisboa, joias no valor de 300 contos.

Se, por lá, essas lindas joias encontrarem a *custodia das Monicas*, que se quedou a escutar os gorgeios do sabiá, quando da outra exposição, vejam-se se repatriam essa perdida!

Por caridade e patriotismo.

*

De Vimieiro (no Alemtejo) diz ao *Portugal* o padre *José Gonçalves Remedio* — que do mez d'abril, ou talvez do de março, deve sair coisa memoravel, e quiçá tremenda, para a Historia de Portugal.

E todavia é em maio que o burro zurra — no

Alemtejo e para a Historia, mas a devoção mudou tudo isto.

Que *remedio — José Gonçalves !*

*

Está prezo e incommunicavel, na cadeia do Aljube, no Porto, o commerciante Antonio José Pereira Silva Bastos, respeitado ornamento d'aquella praça.

Caso de malfeitorias, genero *fajardices*. Mas ao menos, o *respeitavel commerciante* foi mettido para dentro: não ainda descaradamonte de fóra — como o *respeitabilissimo funccionario* Murinello. Assim sim; não sopas !

*

De Monsão, ao *Diario Popular :*

«Monsão, 25. — *Popular.* — Causou surpreza o telegramma de Lisboa para o *Jornal de Noticias*, do Porto, dando o rev. padre Luiz José Dias como candidato progressista por Vianna. Todos sabem que o partido progressista considera o rev. padre Dias como adversario politico.

«Houve decerto má informação».

... Explique-se. O mencionado monstro de virtude é candidato do *susto* e adjacentes. Mas os libertarios tem-lhe d'olho o rabiosque!

*

Principiou o *Diario de Noticias* a publicar o romance *Fera humana*, do qual diz em taludo typo:

«Encontra-se n'elle a vida aventurosa de um grande bandido mundano, descripta com as suas peripecias violentas e movimentadas. A delicada descripção de castos idylios, a tocante pintura d'um amor contrariado fazem correr muitas lagrimas».

... O tal patifuso *movimentado* vem a ser uma especie de *João Franco*. Entendido. Quanto ao corrimento de lagrimas, é preciso um despe-zão em cebolas — e os tempos vão muito bicudos.

. . . . . . . . . . .

*24 de março.* — Aquelle padre, referindo-se ao *aquarium* do Dáfundo :

— Uma inutilidade absoluta ! Ainda se fosse *vinarium*...

Sim, até lá se encafuava — o cação !

*

Somma e segue :

«Turim, 23, m. — A *Stampa* publica um telegramma de Catania, annunciando que chegou ali a familia do conselheiro João Franco, e que este parte para Syracusa.»

... E lá me azéda o vinho — o malfeitor !

*

D'esta vez, parece-me que virá á camara dos deputados o *Manquitó Reymão*, em logar do *Fiel amigo.*

Vantagens ? Decadencia ? Responda o *criterium* do *José Novaes!*

*

Annuncia-se para domingo 29, o desabrochar da conspiração *franco-nacionalista.*

São os padres a pagar ao *João Franco* as tareias a propozito do *oleo humano*: o bello invento d'elle e do Carlos Valbom.

Como quer que seja, *alerta está!*

*

No *Popular*. Quadra telegraphada á Sicilia, ao *filho do pae do presidente*:

«Margarida vae á fonte
Enche a bilha e mais o méco:
Se cá vens de dia ou noute
Abarrotam-te o canéco.»

... Abarrotam—o canéco e a cabeça bicuda.

*

Corre que se vão realisar diversas obras urgentes nos palacios das Necessidades e de Belem, tendo o sr. ministro das obras publicas ido hontem ao paço, conferenciar com el-rei sobre esse assumpto.

Em minha casa tambem se deve proceder a

obras! Coisa de 2 a 3 mil réis; mas não é incommodado o thesouro.

*

Advertem-me de que *tamém* me diz injurias um saloio de Mafra.

E as fémeas da familia a fazerem *chi-chi* no leite — para a venda.

Pórca familia!

*

Fraternal mão, piedosa, envia-me carinhosamente o livrinho *Os meus versos*, de um poeta que, em prefacio, por mais de um titulo commovedor, nos apresenta D. João da Camara: quero dizer, este querido consagrado apresenta-nos o cadaver do poeta fallecido aos vinte annos — tysico como o Cesario — e diz dos versos e do auctor o que só uma alma como a do D. João saberia dizer, nem outra coisa poderia.

Chama-se o poeta — Julio Baptista Ripado. Aqui dou ao leitor intelligente um specimen dos versos d'elle:

. . . . . . . . . .

### MINHA MÂE

«Mal acordei no berço pequenino
E os meus olhos abri á luz da vida,
A tua dôce imagem commovida
Illuminou o céu do meu destino.

Depois, ao teu sorriso assim divino,
Deslisou minha infancia tão florida...
Entrei na mocidade, tu, mãe qu'rida,
Vaes guiando este pobre peregrino.

Tenho assim caminhado, sorridente,
Pela estrada do mundo, sem canceira,
Bemdito seja Deus omnipotente!...

O' minha mãe, ó santa companheira,
Vae-me guiando a vida, dôcemente,
Até á minha hora derradeira!...»

### TIA ANNA

«Deixa que eu tenha a crença religiosa
De que vives no Céu, feliz, contente,
Companheira de Deus omnipotente,
Minha doce velhinha carinhosa!

Esta crença, tão santa e piedosa,
Vem já da minha infancia bôa e crente,
Desde o dia em que tu, pobre doente,
Fugiste d'esta vida tormentosa!

Vives no Céu!... e á noite, como outr'ora,
Cá em baixo, na Terra, aonde móra
Aquelle que te ouvia sempre attento,

Has de contar aos anjos pequeninos
Esses contos de fadas, tão divinos,
Que faziam o meu contentamento!...»

Devia ser como os seus versos o feitio moral do poeta. Pobre creança e pobre mãe!

*

Escreve-me *um amigo desconhecido, já velho,* desconsolado porque se considera *vencido.* Talvez não reparasse bem. Ou é devéras um vencido — como o entendo — ou, pois que é velho, está quasi a vencer... pelo menos, o praso para o descanço. Veja isto, com olhos de firmeza:— vir da infancia á velhice, trabalhando desajudado, a conquistar o pão, mais para os outros do

que para si; «com a alma cheia de pisaduras; n'uma vida onde nunca fez calma nem bom tempo»; vendo na morte a primeira *étape*, e conservando o direito de encarar os outros e, o mais temivel ainda, de fitar a propria consciencia, — é vencer a lucta desigual contra o caprichoso destino.

Ser vencido é ter sido um bandalho, com exito, ou sem exito, de fortuna. E' ter-se abandonado ás *doçuras* da cobardia, da mandria, da traição e da exploração, e chegar ao fim — tremulo, indeciso, a olhar para dentro, apavorado — sem saber de quê.

Era esta definição o que me pedia?

*

No *Popular*:

«Não sabemos se o jornalista Ornellas, deportado para o Bazaruto por ordem do governador geral de Moçambique, a fim de estudar a exploração das famosas perolas, continua ainda no degredo. Que o facto abusivo e despotico se praticou, não ha duvida. Se já teve reparação,

ignoramol-o. Será bom não deixar o caso no esquecimento».

... Creio bem que não ficará esquecido. O governador geral, sr. Freire de Andrade, será instado a ficar — com o *fiel amigo* do Banco de Portugal. E tanto basta.

*

Vão vendo. E' de fabrico inglez:

«Londres, 20. — O *Times*, n'um artigo sobre Portugal, recorda a antiguidade dos laços que unem este á Inglaterra e affirma a sympathia com que a Grã-Bretanha velaria pelos negocios internos d'esse paiz.»

... A irresponsabilidade moral dos amigos da pinga! E é o proprio *Times* quem leva a mal que o imperador allemão se metta, amigavelmente nos negocios internos da Grã-Bretanha!

Começo a nutrir a suspeita de que, ás unhas tentonicas, expiarão o abuso das tachadas os bretões amigos do que é nosso.

*

Velho thema:

Diz um jornal de Lisboa:

«PRECOCIDADE NO CRIME. — Não é assim, mas assim se chama vulgarmente, a isso que nós chamaremos, com mais propriedade, injustiça social precoce: enviar para o tribunal, com escala pelo Limoeiro, dois menores, Miguel Rodrigues e José Manuel, arguidos d'um furto de réis 1$200 ao sr. Antonio Ferreira Guimarães.

«E' assim que a policia, no seu systema de observacão superficial, prepara irreductiveis delinquentes, que o não seriam se, em vez de se lhes applicar o codigo, se lhes désse um bom conselho, procurando desvial-os do convivio d'outros delinquentes remissos, preparados muitos d'elles pelo mesmo processo policial, agora adoptado com os dois menores em questão».

... Diz muito bem, mas é malhar em ferro frio. Ha uns quarenta annos que eu me preoccupo na triste sorte dos menores pobres — que eu conheço desde a minha infancia; creio po-

rém, que nada consegui nos dominios da exposição dos factos e do protesto. Apenas me consola a ideia de algures lhes haver sido de alguma utilidade — á custa dos nervos e do coração. Podem protestar, perante a bella Sociedade, os amigos dos desgraçadinhos; peior ainda que malhar em ferro frio : é bater em corno!

*

De quando em quando, surge um patriota a a gritar com entôno fidalgo : — «Eu cá não preciso de emprego». Tenho notado que taes desnecessitados, se precisassem de trabalhar para viver, não dariam conta de emprego algum. A boa sorte de taes *maduros* fêl-os herdeiros e conservadores de fortunas ganhas em contra! bando e fornecimentos. Grutesca independencia-
Vae muito matizado este periodo historico.

*

Falla-se muito na hypothese de virem para a rua, em Lisboa, no proximo domingo, 29, os valentões do franquismo e os do nacionalismo.

. . . . . . . . . . .

Aproveitarão o ensejo de realisarem um comicio os republicanos — para destruirem, por uma vez, a hydra ameaçadora.

Ha quem diga : — «não se atrevem». Agora a sério : Tambem o disseram Julio Cesar e o duque de Guise, ás advertencias anonymas, e um foi morto no senado, pelos proprios senadores e o outro no palacio real de Blois, pelos Quarenta e cinco de Henrique III. Não se fiem !

Já sei que cada redacção ameaçada é um arsenal. Tomem, conspiradores !

*

No *Portugal,* o sr. visconde de Castilho prosegue na sua faina de tolices, em homenagem á Santa Religião. De quando, em quando arreganha-se ferozmente contra os peccadores. Este visconde, bem esmiuçadinho, dava um poema. Cubra-se, por hoje, com a misericordia dos impios !

*

Tem-se caminhado muito em ladroeira, depois do *senhor Ricardo.* Vejam isto :

. . . . . . . . . . .

«Nos Estados Unidos, em New-York, dois individuos procuraram recentemente o conhecido negociante de pedras preciosas Rudolph Breidenbach para tratarem com elle um importante negocio.

«O negociante recebeu-os no seu escriptorio com todas as attenções. Sentou-se na sua poltrona, e attentamente ouvia os dois desconhecidos, quando principiou a sentir-se perturbado.

«Pouco depois dormia profundamente. Estava hypnotisado. Em seguida, os dois individuos que, como o leitor já percebeu, eram dois habilidosos ladrões, apoderaram-se das chaves das escrevaninhas e do cofre, retirando-se com diamantes e outras pedras preciosas no valor approximado d'um milhão».

E foi-se para os infernos o *senhor Ricardo*, sem conhecer tal processo. Réles e tristissimo ladrão!

*25 de março.* — A' Direcção da Companhia Carris de Ferro tómo a liberdade de pedir que attente n'isto:

.........

I

Sendo prohibido aos passageiros distrahir o guarda-freio, com palestra, o que é muito bem entendido, como se admitte que o conductor vá quasi sempre a distrahir-se, em cavaco, com o guarda-freio?

II

Existindo na plataforma trazeira dos carros um aviso para que ninguem impeça a entrada ou á sahida nos mesmos carros, porque é que o conductor permitte que á entrada da plataforma, collado ao aviso, se pespégue ordinariamente um passageiro — umas vezes por distracção, outras por estupidez?

Só isto.

*

Do *visconde de Castilho,* no *Portugal:*

«Emquanto não tornar a apparecer um governo de ferro, que reponha nos seus eixos o Paiz, unamo-nos todos, nós os monarchicos, que

não tememos ameaças, e ajudemos, cada qual no que puder, quem falla verdade em nome da ordem, em nome Religião, e em nome da Patria.»

... E podia dar-lhe para peior: mostrar ao publico a fralda da camiza. E' inoffensivo na acção.

Note-se, porém, que a debilidade mental de similhante... *visconde* não exclue especial ferocidade: nem sequer attende, o bemaventurado, a que o tal governo de ferro, que elle deseja renovado produziu a morte cruel do principe Luiz Filippe, seu ex-discipulo. Nem coração, nem respeito pelas conveniencias — em homenagem á familia da creança morta!

Ruim telha e peiores figados possuem estes devotos fingidos, — estes idiotas energumentos! Descance o tal... visconde, que hade ir para as profundas do inferno, pelo caminho do Paraizo.

*

Entre as manifestações das tolas vaidades humanas, tem logar distincto o que certas familias

dos mortos produzem, no genero de que dá ideia esta noticia de hontem :

«O cadaver, encerrado n'uma rica urna de pau santo, com argolas e um cruxifixo de prata, estava depositado na egreja de..., sobre uma eça, ladeada de tocheiros achando-se o templo coberto de crépes.

«Foi rezada uma missa de corpo presente, pelo reverendo prior, acolytado por dois sacerdotes, seguindo-se o funeral, sendo a urna transportada para um rico coche dourado, tirado a quatro parelhas, e coberta com um rico panno de velludo, bordado a ouro e prata, seguindo-se outro, a tres parelhas, com o prior da freguezia e mestre de cerimonias, e duas berlindas, a duas parelhas, com a collegiada.»

... Tanta parelha, fóra os desaparelhados!

*

Em gazetas varias :

«O sr. André Navarro, que ha 15 dias não apparece na sua secretaria, está em casa traba-

lhando do orçamento geral do Estado para 1909.

«Diz-se, porem, que ha outro motivo para andar ausente, qual seja o de querer a sua aposentação, despeitado com o facto de o sr. Perestrello ter revisto a celebre lei de contabilidade.»

... E, todavia, ninguem mostrou despeitos, quando o *João Franco* descobriu e guindou o *senhor André*. Pelos modos, só os dois, protector e protegido, tomaram a coisa como definitiva. Não contaram com a Providencia.

Mas, talvez *André* seja implorado para ficar — com o *fiel amigo com batatas e grêlos*. Espere ahi, senhor *André:* não tarda que lhe toquem na colsa!

*

Para consolar, vá esta pérola — para os intelligentes e bons:

### A CARVOEIRA

*Ao Luiz, ao meu unico amigo, ao meu irmão*

«No seu tempo risonho de solteira
Tinha sonhado em ser princeza, um dia!

Depois casou... perdida a phantasia,
Deu-lhe a sorte o mister de carvoeira!

E aquelle rosto lindo de trigueira,
Que tão distincto, outr'ora parecia,
Anda negro de pó... de tal maneira
Ella perdeu a fé que lhe sorria!

Coitada, a carvoeira descontente,
Quando recorda os sonhos que tivéra,
Põe-se a chorar silenciosamente...

Não ha nada mais triste n'esta vida
Que andar a gente a crêr n'uma chimera,
E vêr essa chimera destruida!»

... E' do livro *Os meus versos*, de Julio Baptista Ripado.

*26 de março.*—Sendo mais que certo andar tudo doido, diz alli o *Jornal do Commercio:*

«Acordam, emfim, os monarchicos, para combater os republicanos, com as armas da razão e da legalidade.

«Não é por fórma alguma necessario injurial-os ou vituperal-os, o que é sempre de mau gosto.

«A razãosinha, como diria Eça de Queiroz, a razãosinha calma e fria; a leisinha por elles sempre incovada, especialmente para os outros; o votosinho alli a bôcca da urna; e com isto bom, razoavel, governosinho.

«Tanto bastará para metter a Republica a passo, como essencialmente convém a monarchicos e republicanos, a todos os portuguezes.»

... Bem o préga Frei Thomaz; depois, filhos — como diria o Eça — é necessario que os Fadosinhos se cumpram!

*

Apesar de mil e um desmentidos publicos a certa noticia corrente, diz hoje *O Paiz*:

«Fomos os primeiros a dar o boato da estada do ex-dictador em Lisboa, mas tambem fômos immediatamente desmentidos pela imprensa franquista e pelos dois jornaes de grande circulação — *Seculo* e *Noticias*.

«Pois o nosso boato confirma-se.

«João Franco está em Lisboa e não está quieto.»

... Urge apurar o caldo — ou o caso!

*

Dando curso ao boato de brevemente se formar um ministerio presidido pelo sr. Pimentel Pinto e no qual entraria o sr. Teixeira de Souza, diz o jornal *O Paiz* que tal governo teria por fim obstar *por todas as formas* ao desenvolvimento da propaganda republicana.

Nem sequer a minha criada ignora que, independente dos principios, a propaganda de uma ideia desenvolve-se consoante o descredito da ideia opposta.

E pois que assim é, parece-nos que temos obra feita. Resuscita-se o Eça—para elle cantar as glorias dos fornecimentos. Hein?!

*

No *Portugal*, o sr. visconde de Castilho suspira pelo renascimento politico do *malfeitor*.

Excesso de madureza: podridão!

*

Crê o *Liberal* que tem os seus dias contados o rotativismo e, a proposito diz :

«Os que durante largos annos de paz não quizeram aproveitar os dinheiros publicos para abrir escolas, para rasgar canaes, para educar technica e moralmente os trabalhadores, para enriquecer o paiz, e só pensaram em locupletar-se á custa do opprobrio e do embrutecimento publico, — esses são bem dignos do castigo a que a nação os vae subjeitar.»

Eu cá não fui. E a respeito de irem ao castigo os taes marmanjos, entendo que não haverá novidade. E' vêr a representação dos partidos. Se não é a mesma, é o diabo por ella.

Até lá figura o padre Luiz José Dias de *susto* apontado aos especialistas, em defeza das *vias largas* e do mais que vier!

Prestou um serviço, sem o querer, a *sinistra aventura :* ensinou o povo a adivinhar, — mais grave do que aprender a ler.

Mas de *adivinhar* a *proceder* vae um abysmo. E nem o *susto* do padre é capaz de enchêl-o!

Teem muita vida os peccadores mansos: não me digam que não! E n'este paiz só se morre *physicamente.*

*

Que não é certo estar em Portugal o *João Franco.*

*Hay que ver.* E valia a pena procural-o — para o levar em andor e para alvo de *pim, pam, pum!*

*

Vejo agora, no *Diario de Noticias*, que, segundo lhe consta, o *filho do pae do presidente* está *ainda* em Italia.

O que lhe consta não se escreve, mas aquelle *ainda* acode ao peso. O diabo é ser de *talho dos pobres!*

*

Vae regressar a Lisboa o governador geral de Moçambique, sr. Freire d'Andrade.

Parece que não quer voltar ao exercicio do

seu cargo o digno franquista que desterrou, por sua conta, jornalistas da nossa Africa Oriental.

E' de presumir que se lhe peça para ficar — como *o fiel amigo com batatas e grêlos.*

Que diz o *criterium* de José Novaes?

*27 de março.* — Observação do grande Camillo, salvo a redacção:

— «Penso em concertar umas botas e não sei por onde heide principiar. Mas o meu sapateiro quer escrever um artigo, ou mesmo um livro — e é negocio feito».

E da reserva dos *mestres.*

*

Nem todo o matto é oregãos. Ora veja o padre Mattos do *Portugal:*

O sr. D. Manuel Vieira de Mattos, Arcebispo-Bispo da Guarda, declarou terminantemente:

«Que não é chefe do nacionalismo; que não «auctorisa com o seu nome as reuniões d'este «partido; e que ao sr. Padre Fernando Paes de

«Figueiredo, seu secretario particular, já dissera «que não mais entrasse n'esses assumptos poli«ticos.»

Diz isto o *Jornal do Povo*, da Guarda.

Que pena não ser subordinado do sr. bispo D. Manuel o *Isaias de Santa Cóca*, — para o jagodes entrar, de vez, em *via reduzida.*

Com *susto* e apendices.

*

O *Portugal* reproduziu da *Gazeta de Noticias*, do Rio, um artigo ácerca do *D. Carlos, o martyrisado.*

E' bem mettido. Mas falta, para completar a obra, accrescentar á antonomasia : — *O que fez as delicias do povo regalado.*

*

Nos tribunaes, em Lisboa. Das gazetas da manhã, de hoje :

«Sob a presidencia do juiz do 4.º districto criminal, sr. Pina Callado, respondeu hontem Miss

Frederica Osterland, que era accusada pelo ministerio publico de ter em 5 de agosto ultimo, na rua da Industria, offendido voluntariamente e corporalmente, João d'Andrade, de dez annos de edade, produzindo-lhe doença por 15 dias.

«A ré allegava o seu bom comportamento anterior, confissão e grande excitação, porque, quando bateu no queixoso, este lhe estava roubando fructa; e, sendo estas attenuantes provadas, o meretissimo juiz condemnou-a em dez dias de multa a 200 réis por dia e nas custas e sellos dos autos.»

... *O roubo da fructa:* isto é, a subtracção de duas laranjas podres. Logo: uma tareia no *ladrão de 10* annos de idade, com 15 dias de cama. Logo: a declaração da *miss* — de que estava excitada. Logo: enternecimento do juiz.

E' a homenagem á justiça, á excitação da *miss*, e é a protecção á infancia.

Está certo.

---

*28 de março.*— Publica *O Seculo* uma carta do correspondente do *Times*, em Lisboa, ácerca do

que em Portugal se tem sentido a proposito de apreciações feitas nos jornaes inglezes. A carta é para todos nós vermos — e para a discutirmos, se o quizermos — visto não ser particular, antes muito pelo contrario.

N'ella se manifesta a opinião de que erraram os Portuguezes sobresaltados: ninguem pensa em véxar-nos, nem em expoliar-nos: ainda bem. Mas é natural que a opinião do paiz—não a dos politicos culpados de que nós sabemos — se entregue a sobresaltos, pois que não confia em amizades de extranhos, nem no zelo dos fiscaes por todas as obrigações. Ainda assim — apezar de não ser rizonha, antes ao invez, a situação portugueza, ha que confiar na *alma nacional*: parte dos 80 a 90 % adivinharam... á propositada e infamissima falta de instrucção.

Confiemos, em ultimo recurso, na *alma nacional*.

Quanto aos optimistas que juram nas boas palavras e creio bem que nas excellentes intenções do correspondente do *Times*, quero eu contar-lhes agora um episodio que ha uns vinte

annos me narrou, uma noite, passeiando nós pela Baixa — o jornalista Antonio Ennes.

Foi o seguinte :

Travára-se discussão e contenda entre a Inglaterra, representada pelo seu ministro em Lisboa, Robert Morier, e Portugal, pelo nosso chefe do governo, Braamcamp, ácerca de Lourenço Marques. Foi ha uns vinte e seis annos. Martyrisado pela insolencia do Bretão, Anselmo Braamcamp, a certo ponto de uma conferencia, exclamou, desesperado :

— «Que faria v., se representasse uma nação pequena, com a justiça por seu lado ?»

E Morier, fleugmaticamente, respondeu :

— «Matava-me !»

*

Eu tenho pela Inglaterra o sentimento de um romantico pelos praticos, de um homem de coração pelos egoistas, — o que deve ser indifferente aos Inglezes, que de tal souberem, — o que, de resto, me é tambem indifferente. Diz-me d'alli um patriota — que, por occasião da guerra do Transvaal, eu defendi sempre *(sic)* a Inglaterra.

Não defendi tal. O que eu sustentei sempre foi que a Inglaterra venceria. No fim de contas, em Africa, eu sou apenas *pelos Negros,—contra todos os Brancos.*

*

Excepcionalmente, metti hoje a foice em seara de que me conservo, usualmente, afastado; mas as razões do citado jornalista inglez são do dominio de todos nós. Nem se comprehende que em Inglaterra tanto extranhem as susceptibilidades portuguezas — e tanto barafustem e berrem, quando o imperador Guilherme se lhes mette nos negocios cazeiros. Mas parece que têem medo — o que seria *shoking!*

---

*30 de março.*—Telegramma de Roma diz que o *João Franco* projecta visitar a Terra Santa.

Parece *José Novaes* a lêr o Dante. Ora, o Diabo não tem somno!

*

Corre que o supposto regicida, encafuado na sacristia de Santa Catharina, já deu conta de duas pipas do *verdasco* do candidato franquista

por Vianna do Castello — o pavoroso Isaias de Santa Cóca.

Agora — trabalhos de capador. Sus, ao *susto!*

*

Dá-me muita saudade a noticia, vinda do Porto, do fallecimento de Manuel Vieira Borges, progressista de uma canna, dos tempos da lucta politica de Adriano Machado, Delphim Maia, Magalhães Aguiar e d'outros que o precederam no final descanço.

Mais um da minha mocidade, e dos sinceros. A morte d'elle resultou de uma syncope cardiaca, após uma violenta discussão politica, em que se exaltou, como costumava. Compare-se com os cynicos que da politica vivem e por ella engordam. Pobre e honrado homem!

*

Da *Gazeta de Noticias*, do Rio, transcreve *O Portugal* um artigo do sr. Ramalho Ortigão — *D. Carlos, o martyrisado.* Não accusava doloro-

. . . . . . . . . .

sos martyrios a anafada figura do finado rei, antes se revelava n'ella o *jouisseur*. O seu povo — seu e do *João Franco* — é que não dá mostras de refocilado em gozos. Pobresinho d'elle!

O artigo do sr. Ramalho obedece, talvez, a sugestões moraes do meio em que tem vivido, nos ultimos annos, o veneravel escriptor. Que não pensariamos e sentiriamos e escreveriamos, nós todos, *dans cette galére?!* Eu refiro-me ao facto, apenas para annotar, suavisando impressões irritadas, um ponto deveras escabroso. E' quando o sr. Ramalho Ortigão reproduz de Michelet as palavras referentes a Turgot, — aproximando d'este o estupido malfeitor *João Franco.*

Com a devida vénia ao veneravel escriptor portuense, parece-me que elle cita *Os varões illustres*, de Plutarcho, a proposito de uma occorrencia policial no Poço do Borratem.

Vamos lá acima!

---

*31 de março.* — De Constantinopla participam para Londres:

«O sultão Abdul-Hamid incumbiu um cantor italiano de organisar uma companhia de opera. Logo aos primeiros ensaios o sultão, encantado com o exito da companhia, nomeou marechal do seu exercito o director da *troupe*; general, o primeiro tenor; coronel, o baixo; capitães, os professores de orchestra. Como a parte feminina da companhia não podia naturalmente acceitar cargos militares, o sultão presenteou-a com joias e trajos de grande valor.»

Feroz, mas telhudo! Telhudo, mas feroz!

*

Olhem para isto:

«S. Petersburgo, 29. — Dizem de Riga que alguns policias, julgando ir em perseguição d'um malfeitor, mataram a tiros de revolver um official do cruzador *Condor*.»

... E o *malfeitor* em Roma!

*

As *Novidades* pedem providencias ácerca da

relaxação no pagamento *aos netos de Camillo*.

Bem sabe o collega o que é *pedir* providencias. Creio que teremos festa.

A proposito, pergunta-me *um curioso* se eu alludi, hontem, á pensão a parentes de Eça de Queiroz.

Que duvida! Parece tolo.

*

Diz alli aquelle meu patricio que a Republica educará o povo, logo que ella assumir o poder.

Melhor fôra que o povo já então estivesse educado; mas a intrujice dominadora assim o tem querido — em *80 a 90 p. c.*

O peior — para a intrujice — é que elle vae adivinhando.

*

Bella e commovedora coisa — a ida dos *doutos e venerandos* ao Paço, — a affirmar lealdade e devoção!

Bella e commovedora, se não se lembrasse a gente de que, ainda ha pouco provocavam indi-

gnação publica — affirmando lealdade e devoção para com o *João Franco*.

Os doutos e venerandos...

*

Consoante o *Diario Popular*, foram expedidos de Lisboa os seguintes versos, para Italia, ao *malfeitor*:

Quando abrir o parlamento,
Após a jura real,
Vão do teu procedimento
Pedir conta criminal.
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
Ergo — n'esse momento
Vão-te todos ao faval.»

... Com a devida vénia, vão-lhe, mas é á patrona. A' fava vae *elle*.

*

Vejo na *Vanguarda*:

**Morte de João Franco?**

«Correu hontem á noite em Lisboa um boato

sensacional, baseado n'um telegramma, que ouvimos ter sido recebido de Roma e no qual se affirmava que o celebre e nefasto dictador havia sido assassinado n'aquella cidade, n'um theatro, onde estava assistindo ao espectaculo.»

.. Bem achado para fazer chorar a gente! E sae mais barato do que as cebolas.

*

N'um livro intitulado *Voyage en Portugal*, de Baauregard et Fouchier, lê-se que, entre nós, *la nature est toujours en fète.*

Foi tempo.

---

*1 de abril.* — Diz-me *Tiberio* que eu sou odiado, em especial, por *olho vê e mão pilha*, pelos que vêem as coisas *pelo outro lado*, e, mais, por uns francaceos *bocca de favas*, que me dão muita vontade rir. Deixal-os! O certo é que este curioso, deploravel e inilludivel caso de *atordoamento* dos politicos, sem falar dos numerosos impoliticos, faz-me pensar no que acontece a um peixe,

colhido no mar e transportado a um *aquarium*. Era o animal senhor de si, n'um espaço ao parecer illimitado; passou a mover-se no acanhado ambito d'uma piscina. Nos primeiros dias, ainda tentou sair do seu metro quadrado de operações investindo com as paredes transparentes; gradualmente, foi-se resignando ao mesquinho e deprimente captiveiro. Depois...

Depois, um bello dia, pégam n'elle e transportam-n'o ao mar. Tem liberdade absoluta no espaço aquatico illimitado. Mas não se mexe fóra do ambito de um metro quadrado: perdeu a noção da liberdade e da propria acção.

A similhante estado reduziu a sinistra aventura, em dois annos, os imprevidentes e os ineptos derivados á covardia e ao estado de atordoamento. Certo é que ninguem se entende e que esta de pedir auxilio aos francaceos é o cucuruto do cumulo. Por onde isto vae, e para onde vae, ninguem sabe dizel-o; ha porém uns palpites.

São uns palpites funebres, de culpadas gentes. Nada menos do que a hypothese da administração estrangeira a ésta *casa de orates*. E reco-

nhecem (*sic*) que é de toda a justiça, pois que não ha o direito de viver caloteando o proximo. Mas quem caloteou? Quem tem escandalisado os visinhos e esfolado e desmoralisado os de casa? Eu cá não fui.

*

Hontem, na Boa Hora, o sr. juiz Horta e Costa, ao proferir uma sentença moderada, disse «que o réu, na edade de 20 annos, acaba justamente de atravessar a epoca em que, por via de regra, ha uma tendencia geral para idéas avançadas e radicaes, tendencia que, n'alguns, mais exaltados, chega a ser irresistivel, até que o amadurecimento dos annos vem corrigir os ardores e exaggeros da mocidade.»

Complete-se:

Não falando dos *videiros*, que nunca tiveram mocidade e que já nasceram podres, ha, realmente, uns rapazes que abrandam; outros que se convertem... em cynicos e desavergonhados de truz, com toda a furia de *arrependidos*.

São os infimos canalhas.

. . . . . . . . . . .

*

*Os netos de Camillo.*

Referindo-se ao que hontem, n'esta columna, eu dizia ácerca d'aquelle assumpto, *O Dia* transcreveu, e accrescenta:

«Esperamos que sejam dadas ordens terminantes para que o delegado do Thesouro, em Braga, não demore por mais tempo o que a nação paga aos netos do nosso maior escriptor, como exigido preito de homenagem á sua memoria, e que seja pontual, por quanto ao votar-se, no parlamento, aquella pensão, teve-se em vista minorar uma desgraça e não provocar um desespero de Tantalo.»

Justo! Justo!

*

Alludindo ao caso de estar em Roma o *malfeitor João Franco*,— a fiscalisar os sentimentos do Padre Santo — diz *O Liberal*:

«E o que será feito do sr. Martins de Carva-

lho e do sr. Ayres de Ornellas ? Por onde andarão essas almas penadas do franquismo ?

«Em Lisboa apenas estão do antigo ministerio franquista, os srs. Luciano Monteiro e Vasconcellos Porto. Mas o sr. Luciano Monteiro não ha quem o veja, nem mesmo á porta da Havaneza, de que era um dos seus frequentadores mais assiduos. Resta-nos o sr. Porto, que ás tardes passeia em grande velocidade pela rua do Ouro, mas... a pé, que o automovel custa dinheiro.»

... Eu tenho visto o sensivel Malheiro Reymão a *manquitar* para os lados da Praça da Alegria. Não leva cara de *remorsos*: não avésa.

•

*3 de abril.* — A subscripção para o *Deus o quer,* no *Portugal*, vae esfalfadissima, em dois patacos. Parece que *Deus não quer.*

Não tóma nada com taes freguezes. Tem olho o Eterno — como o *Pae Paulino!*

•

No mesmissimo *Portugal*, cavaqueiam a *Re-*

*publica Brazileira* e o *Velho Portugal.* E diz assim o gasto cavalheiro á gentil dona:

— «Obrigado, filha!»

Dá-se ares. Pelos modos, não ha de quê!

*

Na Austria, vae grande animação, nas regiões officiaes, contra as *saias compridas* — que prejudicam a hygiene.

Ponhamos o pensamento no caso e reclamemos tambem *saias curtas* Pelo menos, consolemos os olhos tristes: nem sempre vilanias do *malfeitor!*

*

Está dando motivo para espantos *um urso que fala*, n'um circulo de Londres. O domador promette fazel-o fallar em publico.

Então não está *elle* em Roma?!

*

Ha duvidas sobre o caso do bispo D. Manuel, da Guarda, ter prohibido a um padre que fizesse politica nacionalista. Certo é que o padre traba-

lha pela santa obra, contra as declarações do prelado.

O *Jornal do Povo* estabelece este dilemma: —«Ou bispo mentiroso, ou padre desobediente.»

Ai, Annica! Este mundo está cada vez mais cloacario!

*

Na imprensa minhota,—escandalosamente:

«O partido regenerador-liberal do districto de Vianna do Castello apresenta como candidato ao suffragio dos seus eleitores, no proximo domingo, 5 d'abril, o sr. dr. Luiz José Dias, (!) prior de Santa Catharina, de Lisboa, e antigo e conhecido parlamentar.

«A todos os nossos amigos, a todos aquelles que desejam ter no parlamento um dedicado propugnador dos interesses regionaes, pedimos, incluam nas suas listas o nome do illustre parlamentar, que é um filho dilecto d'este districto, dos que mais têem pugnado ardentemente pelos seus progressos moraes e materiaes.»

... Filho dilecto do districto! Se *elle* sahir eleito, eu contarei dois contos...

Mas seria demasia de bestidade e de impiedade — a eleição do *Isaias de Santa Cóca!*

*

Faz assim contas *O Liberal*:

«Em caminhos de ferro gastaram-se 25:000 contos.

«Com as estradas gastaram-se 24:000 contos.

«Os telegraphos custaram a Portugal 10:000 contos.

«O porto de Leixões custou ao Estado 2:000 contos.

«Os caminhos de ferro coloniaes de Mormugão e Ambaca custaram 13:000 contos.

«As despezas feitas nas colonias em expedições, obras e fomento custaram 16:000 contos.

«As obras do porto de Lisboa custaram 10:000 contos Todas estas despezas importam em 100:000 contos.

«Ora a divida publica ascende a 800:000 contos!»

. . . . . . . . .

. . . Portanto, quer para alli *O Liberal* -- para fundo de reserva do Estado ? — os 700 mil contos que faltam.

Eu cá não fui ; mas estou prompto a dar — cinco tostões.

*4 de abril.* — Influenciado pelas palavras, que não entendeu, de um escriptor de muito talento, que, no *Seculo,* — ainda hoje, — se tem preoccupado em *velhos e novos*, escreve-me um patriota — que eu estou velho. No sentido a que visa o cavalheiro, só posso retorquir-lhe victoriosamente — empregando a Agua Circassiana — como disse o grande Camillo ao pequenissimo Carlos Valbom. Mas a *velhice*, no verdadeiro valor, não está nos cabellos brancos, nem nos adiantados annos. Está na falta de nervos, de sangue, de cerebro e de coração, — e tanto monta que o invalido tenha 80 annos, como 20, para ser *um velho*, no real sentido do termo. Hoje, que já não péga a endromina de *dormir á sombra dos loiros,* tem um sujeito, com preten-

sões *a viver*, de acompanhar os acontecimentos de progresso e até de pôr mão n'elles. D'outro modo, a dar-se ares magestosos de *retrahimento desdenhoso*, póde ter como certo passarem lhe por cima homens e factos. Quer tenha 80 annos quer tenha 20. Quem parou morreu.

Pela minha parte não descanço, nem descançarei, — como previu Camillo e o disse no projogo aos *Combates e Criticas*. E não trabalho, para conservar-me em fóco, mas porque considero o trabalho obrigação moral — como justificação da existencia e como exemplo a quem este espera para se conduzir na vida. Não perco da minha mente — que hei de terminar a labuta, quando Deus quizer — o caprichoso Deus que fez Victor Hugo e o padre Luiz José Dias. Então sim, falaremos no somno.

Isto posto, claro é que repillo, sem indignações que consomem vida nervosa, mas com a mais firme das convicções, a biscata do gaiteiro patriota á *minha velhice*. Velho é o diabo e ninguem lh'o chama—porque elle não dorme, nem descança.

... O diabo que o carregue!

. . . . . . . . . . .

*

Temos, porém, que conservar de vista estes factos contradictorios, que estabelecem confusão e que, portanto, repellem conclusões: — em Inglaterra, Pitt aos 24 annos é maior do que Gladstone aos 80; mas vemos, em Portugal, o illustre sexagenario Theophilo Braga esfregando as botas enlameadas no todo do invertido trintanario *O Podridões*, e o pujante escriptor novo que no *Seculo* — ainda hoje — inutilmente, embora eloquentemente, chama ás armas outros *novos*, em frente do *velho* José Novaes, que não percebe coisa alguma e do visconde de Castilho, que está de todo; e o *velho* Guerra Junqueiro fitando o *novo* João Franco — Messias de greda, amassado em sangue: malfeitor grato ao *Bocca de Favas*, mais ao *Fiel amigo com batatas e grelos*.

Não esqueça o veneravel escriptor Ramalho Ortigão, com perto de 80 annos, a approximar de Turgot o hediondo *cabeça bicuda*. E' a salsada monstro!

. . . . . . . . . . .

*

Felicito o sr. Abel Andrade, pela sua nomeação para o Supremo Tribunal Administrativo.

A esta hora, espulga-se furiosamente na rabadilha o cão tinhoso das *malfeitorias.*

Tóma, cachorro!

*

Em typo taludo, no *Diario Popular* d'hoje:

«O ideal da Monarchia é o bem da patria»

E'.

*

Do *Noticias de Lisboa:*

«E' preciso trabalhar incansavelmente, pedir a todos e a todos explicar o sentido do voto. Não é pelos regeneradores, nem pelos progres sistas: é pela ordem, contra a anarchia; pela integridade da patria, contra o seu esphacelamento; pela honra do paiz, contra a vergonha do cemiterio».

. . . . . . . . . . .

... A vergonha do cemiterio é da culpa do porteiro. Para que deixa entrar os cães?!

*

Do *Liberal*:

«O administrador do concelho de Alcacer do Sal, para não visar uma auctorisação com o fim de se realisarem dois comicios n'aquella villa, fugiu para parte incerta.

«Agora é — apanhal-o».

... Está escondido na sacristia de Santa Catharina, mais o *Isaias de Santa Cóca.*

Abriu-se um casco do novo.

---

*8 de abril.* — O *Dia*, referindo-se aos menores e aos seus companheiros, já maiores, que fizeram os ultimos disturbios:

«... pondo em sobresalto a população. D'onde veiu essa gentalha, que não póde ser monarchica, nem republicana, e que tem o intuito evidente de provocar a desordem, e arranjar uma *pavorosa?*

«Proceda-se a um *inquerito* rigoroso. Isto tem muito que averiguar!»

... Proceda-se: já eu gritei, e gritarei de novo, —sem uma sombra, sequer, de esperança. Haverá muito que averiguar. No entanto...

*

No entanto, é bom registar-se *de onde vem essa gentalha.*

Vem do relaxado abandono em que os deixou, menores, no curso da garotice, em transito para e crime, a Sociedade—que nem sequer por instincto de conservação sabe proceder! Ninguem de são juizo lhe pede que tenha correcção, mas, ao menos, que tenha prudencia. Nem isso! Rezerva-se para fuzilar *a gentalha* — entre ella muitos dos seus *filhos de paes incognitos*, — quando os menores e seus cumplices já maiores desatremem da ordem e do criterio. Quem diabo lhes ensinou o que isso é?!

No entanto, o Alemtejo espera colonização; e esperam as colonias que uma reforma de serviços no Ultramar, conjugada com a de serviços

da Justiça, lhes permitta ser mais e melhor do que velhacouto de degredados e, algumas, de governadores para rir, ou para chorar. E no entanto, os 3 mil, ou mais *menores* de hoje serão *maiores* dentro de seis annos. Eu talvez já não veja os *sobresaltos*, mas faço ideia...

*

Depois de escripto o que ahi deixo, espalha-se a noticia de haverem sido mortos, a tiro, em Alcantara, dois soldados da guarda municipal.

Impõe-se á urgencia e o alargamento de um inquerito. Ha numerosas victimas e algozes: impõe-se e urge o apuro das responsabilidades.

Inquerito! Inquerito!

*

Refere uma revista estrangeira a seguinte... bréjeirice russa:

«O imperador Alexandre III, ao verificar um dia as contas do seu palacio, ficou muito intrigado com uma verba, uma certa quantidade de

«ponds» de velas de sebo (um «pond» equivalente a uns 17 kilos).

«O mordomo não sabia de que se tratava e o secretario — egualmente ignorante sobre esse assumpto.

«O imperador, que decidira descobrir o que significava esta mysteriosa verba, ordenou que se fizesse um inquerito.

«Após longas pesquizas nos archivos da Côrte, vieram a lume os seguintes factos:

«A Imperatriz Catharina II apanhara um dia uma corysa muito séria, e sua aia, a quem ella pedira conselho, recommendara-lhe que untasse o nariz com sebo, costume ainda em vigor em muitas aldeias da Russia. Pediu-se então uma vela de sebo ao mordomo mór, mas não se encontrou uma unica em todo o palacio. Deu-se portanto, a ordem de comprar uma certa quantidade de sebo na mercearia mais proxima, e ficou inscripta esta verba nos registos da Côrte.

«Catharina morreu, succedeu-lhe seu filho. Depois subiram successivamente ao throno os dois netos. Finalmente, o seu bisneto veiu a ser Imperador. Durante todo este tempo a verba das

velas de sebo continuou a figurar nas despezas da Côrte!

... Nem parece coisa russa. Tem um cunho de *murinellice* commovedora para corações portuguezes. Arre!

— —

*9 de abril.* — Assevera *O Liberal* que os votantes dedicados ao carneiro guisado só o terão visto — nas pastagens. Ainda ha, pois, justiça na Terra. Se votaram com ignominia, com ellas ou sem ellas, a tal petisco houveram de limitar a gula. De carneiro — nem um côrno, para coçarem o *lealismo!*

*

Deve-se congratular a citada justiça na Terra, pela eleição do padre Luiz José Dias — por Vianna do Castello? Tornava-se urgente o *susto*, no recinto de S. Bento — ora como calmante, logo como revulsivo. E a proposito, entrou hontem para a sacristia de Santa Catharina, mais um casco do tónico verdasco. Já são nove, este anno, para o prior e para o regicida hespanhol que lhe

teve d'olho o *susto*. Respeitavel par de galhetas!

E agora, bem comido e melhor bebido, vae elle apurar o caso dos 4:068$000 réis, de Monsão. Chega-lhe, *Isaias de Santa Cóca!*

*

Está-se a vêr quem reage, embora disfarçadamente, contra a idéa de um *inquerito* ás origens e causas dos recentes conflictos. Ora! quem hade reagir, senão a reacção! Da pelle do diabo estes santinhos!

*

Pedindo a *Palavra*, ahi do Porto, uma dictadura militar — para salvar as sementeiras, pondera, muito bem, *O Liberal*:

«O regime da força está no seu programma e pedindo a querida *Palavra* uma dictadura militar não sahe fóra d'elle E se á dictadura militar juntarem um tribunal de Santo Officio, tendo a *Palavra* como desembargadora, então é ouro sobre azul. Se a dictadura móe a liberdade com

pancadaria, o Santo Officio envia-a para as profundezas dos infernos.»

E' assim. Bem faz o levita de Santa Cóca — desinteressando-se, á laia de *malfeitor* — e bebendo de costas, com os beiços bourbonicos á torneira, na mysteriosa sacristia! O pae Noé — *de via larga!*

*

No artigo de fundo do *Portugal*, d'hoje:

«Não faltam cartas, todos os dias; cartas anonymas nos Paços Reaes, com ameaças de morte que deverão realisar-se em occasião opportuna. Andam sequiosos de sangue os que as escrevem, e que ficam antegosando no segredo da sua infamia, as punhaladas que são dirigidas a um coração de mãe, já tão cruelmente dilacerado.»

... Conforme! Se ha, realmente, taes cartas, os auctores ou são idiotas covardes, mais dados a saborear a zurrapa de que o sangue,—ou são, antes, dos proprios frequentadores e adherentes dos paços reaes — uns que lançam as escorrencias da infamia á conta dos adversarios.

Para esses mixtos de devoção e patifaria não ha dôres respeitaveis.

*

Diz mais o reverendo *Portugal*:

«Mas desenganem-se os cumplices e os criminosos, se os ha, que tenham ás costas as tremendas responsabilidades do regicidio. Póde a justiça humana fechar os olhos para não vêr, e fechar os ouvidos para não ouvir. Póde o cerebro não querer comprehender e a lingua não poder fallar»

... Olhos que não vêem, ouvidos que não ouvem, cerebros que não comprehendem — não são regicidas, são priores em Lisboa e prophetas em Santa Cóca,— ou especialistas de *assadas e quentes*, no Conselho de Estado.

*

Fecha assim o Tartufo:

«Póde ella a justiça humana ter ainda complacencias, transigencias, o que quizer ter. Mas da

justiça divina não se livram elles. Porque a esse tribunal incorruptivel preside Deus.»

... E os devotos a profanarem o *nome irritavel* — como dizia Hugo! Lembra aquillo dos *Lazaristas :*

— «Deus está sendo de uma clemencia realmente censuravel!»

*

Tem levantado protestos a ilegal recondução do sr. capitão Paiva Couceiro no cargo de governador geral d'Angola. Pois ha-de ficar — o franquista, e não deixará egualmente de ficar o sr. Freire d'Andrade — outro invento francaceo — o que desterra jornalistas — no cargo de governador geral de Moçambique, — e tambem a instancias do governo.

E' repetição do caso occorrido com o *fiel amigo* no Banco de Portugal. Eu já me não benzo, porque póde Deus Nosso Senhor imaginar provocação!

Que diz o *criterium* de José Novaes ?

*10 de abril.* — Parece que o novo monarcha de Portugal pretende affirmar-se um amigo da instrucção. Bella coisa! Mas não está certa a ideia de s m., convidando os professores primarios de Lisboa a irem ao Paço: têem de ir de casaca ou de sobrecasaca. Ora, grande parte dos desventurados professores deixam de sair á rua — por só terem jaqueta.

Pensará o sr. D. Manuel como D. Maria II, que julgava o povo *sustentado, apenas, a sopa, vacca e arroz?* Pois creia que tem, antes de mais, de *vestir os nús*. Depois, pensará na instrucção. Está tudo roto!

*

Na *Gréve*, de Lisboa, póde inspirar-se, lendo isto, o *criterium* de José Novaes:

«Pierpont Morgan, o celeberrimo millionario americano, de quem ha dias nos occupámos n'um trecho de artigo de fundo, o plutocrata dictador das finanças nos Estados Unidos, que confessou a um jornalista, com um cynismo e satisfação caracteristicos de uma féra «que para

seu interesse esmagára uma centena de pessoas que lhe impediam o caminho (a tal centena bem sommada attinge a dois milhões de operarios que a crise monetaria, provocada pelo celebre bandido, atirou para fóra das fabricas e officinas); e que affirmou que, uma vez os operarios sem trabalho, não poderiam recorrer á gréve, sujeitando-se, os que não quizessem submetter-se ás suas imposições, a morrer de fome», este homem, por outra, este chacal com exterioridade de homem, acaba de offerecer a *miss* Katherine Elkins, a noiva do duque dos Abruzzos, uma *villa* em Aldobrandini.

«E esse deus em que tanto se falla como repartidor equitativo da justiça, não tem lá por casa um raio velho que parta em dois aquelle alma de chicharro do Morgan!»

... Não, que Elle está mettido na sacristia de Santa Catharina, mais o padre do *susto*. Estão a contas com o verdasco.

*

Telegrapham de Roma que o *malfeitor João*

*Franco* vae residir na Suissa, entre as vaccas leiteiras.

Lá envenena o leite!

*

Conta o *New-York Herald* que a filha do presidente Roosevelt, que realisa com sua mãe uma viagem ao sul, conseguira, na *gare* de Newman, na linha de Atlanta Georgia, escapar á vigilancia de *mistress* Roosevelt e, trepando ao *tender*, alcançar a locomotiva.

*Miss* Ethel pediu ao machinista que lhe deixasse conduzir a machina. Este accedeu.

E, durante duas horas, a joven machinista, com espanto da gente das povoações, conduziu o comboio com uma velocidade de 100 kilometros á hora.

Chegou-se a Atlanta antes da hora da tabella.

Miss Ethel tinha perdido no trajecto o chapéo e o véo e estava toda despenteada, mas mostrava-se encantada de ouvir o machinista dizer que ella conduzia tão bem como elle o com-

boio, e de pensar que «seu pae ficaria orgulhoso d'ella».

. . Effectivamente, é uma telhuda assaz catita!

— —

*10 de abril.* — Seja *entre nós... dois.* Dá-me para pensar, lendo o livro de Mercedes Blasco — *Musa hysterica*, n'um elevado e commovedor conceito que eu vi algures e ha muito: — «Os velhos são amigos que se vão embora: devem-se-lhes attenções carinhosas». Eu vou-me retirando, mal reparando e mal vendo o caminho que trilho a custo. Sou muito grato a uma phrase affectuosa, ou que o pareça, cortezmente. Nem sempre agradeço, porque não se me depara a formula justa do sentimento.

O livro da *Mercédes* — como eu a tratei sempre, desperta me recordações de mais felizes tempos — já longe da minha mocidade, mas não tanto que á juventude alheia eu carecesse de pedir, gelado, um emprestimo de calor. Os versos que no seu livro de hoje me offerece a *Mercédes* já eu os recebi *n'aquelle tempo* dos nossos desdens pelo que diriam os outros. Não creio

. . . . . . . . . . .

que o fogo intensissimo dos seus olhos, d'ella, abrandasse no decurso de agitada vida, mas não posso duvidar de que *decorreu tempo*, quando lhe acontece encarar me, não já com o tom bohemio dos que mutúam alegres pensamentos, mas com a expressão melancolica e consoladora de quem acompanha e amigo que vae partindo...

Dos seus versos direi que não carecem elles de que á indulgencia os recommendem as graças da mulher. São gentis, sentidos, e como quebradiços os suppozera, se lhes não reconhecesse artes e azas para subirem das apreciações lerdas ao refugio do cerebro da auctora, acessivel aos *raros apenas*. Beija-se os versos, se longe de nós estão os dedos da *hysterica*, a quem os deve, em hora de benção, a Poesia bem amada e immortal.

*

A *Liberdade*. Tem a palavra Guizot :

E' proprio d'uma velha politica não admittir uma verdade completa e repellir um resultado positivo.

«Actualmente, é nas regiões do estudo e da

sciencia que, em materia politica, a Liberdade reside.»

*

Falla Rossi:

«A Liberdade tem o dom de apagar promptamente, pelos seus beneficios e pelo vivo impulso que dá á força humana, a recordação dos esforços e dos sacrificios que custou.»

De Emilio de Girardin:

«Entendo por Liberdade o nivelamento, immediato ou gradual, de tudo que estorva o desenvolvimento e a plenitude da força individual.»

(Bem sei eu quem não percebe. Mas continúa Girardin:)

«Por força individual entendo eu tudo o que um homem de razão esclarecida pode pensar, ou dizer, ou fazer, tendo o raciocinio como unico e soberano juiz dos seus pensamentos, das suas palavras e das suas acções.»

(Vejo um grupo que não entende, mas não é preciso. Girardin vae dizendo:)

«Por Liberdade e por Força individual, entendo, pois, a restituição ao individuo de tudo que indevidamente lhe tirou o Estado; entendo, bem assim, o termo imposto pela sua independencia reciproca a toda a tutella publica e a toda a servidão legal; entendo a separação natural do que é necessariamente distincto e do que é essencialmente individual.

«Conseguintemente, de futuro:

«Ponto final na dominação do homem pelo homem, quer por via da delegação hereditaria, quer por via da eleição periodica.

«Nada de assembleias, quaesquer que sejam as designações d'ellas, ou a sua origem, que votem por maioria dos seus membros leis que imponham a unanimidade aos cidadãos de um Estado.»

(N'este ponto vejo que estão em *maioria* os que não entendem. A culpa não é minha.)

FIM

# OBRAS DE SILVA PINTO

Questões do dia, 1870.
Sciencia e Consciencia, 1870.
Farçadas contemporaneas, 1870.
Novas Farçadas contemporaneas, 1871.
A questão da Imprensa, 1871.
Theophilo Braga e os Criticos, 1871.
A' hora da lucta, 1872,
Horas de febre, 1873.
O Espectro de Juvenal, 1873.
Eugenia Grandet (trad.), 1873.
O Padre maldicto, 1873.
Balzac em Portugal, 1873—4.ª edição.
Noites de vigilia (edição mensal), 1874.
Noites de vigilia (edição quinzenal), 1875.
Emilia das Neves e o Theatro Portuguez, 1875—2.ª ed.
Contos phantasticos, 1875.
Os homens de Roma (drama), 1875.
A questão do Oriente, 1876.
Revista Litteraria, 1876.
Os Jesuitas (ao bispo Americo), 1877—5.ª edição.
Do Realismo na Arte, 1877 — 5.ª edição.
Nós e a Alfandega do Porto, 1877—4.ª edição.
O Padre Gabriel (drama), 1877 —2.ª edição.
Controversias e Estudos Litterarios, 1878.
No Brazil, 1879—2.ª edição.
O Emprestimo de D. Miguel, 1880—5.ª edição
Realismos, 1880—2.ª edição.
Combates e Criticas, 1882—2.ª edição.
Novos Combates e Criticas, 1884—2.ª edição.
Terceiro livro de Combates e Criticas, 1886—2.ª edição.
O Caso de Marinho da Cruz, 1889.
Camillo Castello Branco, 1889.
A Mulher do capitão Branican (trad.), 2 vol. 1892.
Philosophia de João Braz, 1895.
Santos Portuguezes, 1895.
Theorias de João Braz.
N'este Valle de Lagrimas, 1896.
A queimar cartuchos, 1896.
De palanque, 1896.
O riso amarello, 1897.
Noites de vigilia (4 vol.), 1897.
Criterio de João Braz, 1898.
Memorias d'um suicida (trad.) 1898.
A torto e a direito, 1900.
Pela vida fóra, 1900.
Alta noite, 1900.
O mundo furta côres, 1900.
Moral de João Braz, 1901.
No mar morto, 1902.
S. Frei Gil, 1902
Por este mundo, 1903.
Alma humana, 1904.
No Coliseu, 1904.
A velha historia, 1906.
Ao correr do pêllo, 1906.
Na travessia, 1907.
Em férias, 1908.
Entre nós, 1908.
No deserto (a publicar).
Frente a frente (idem).
Para o fim (idem).
Ha 40 annos (idem).